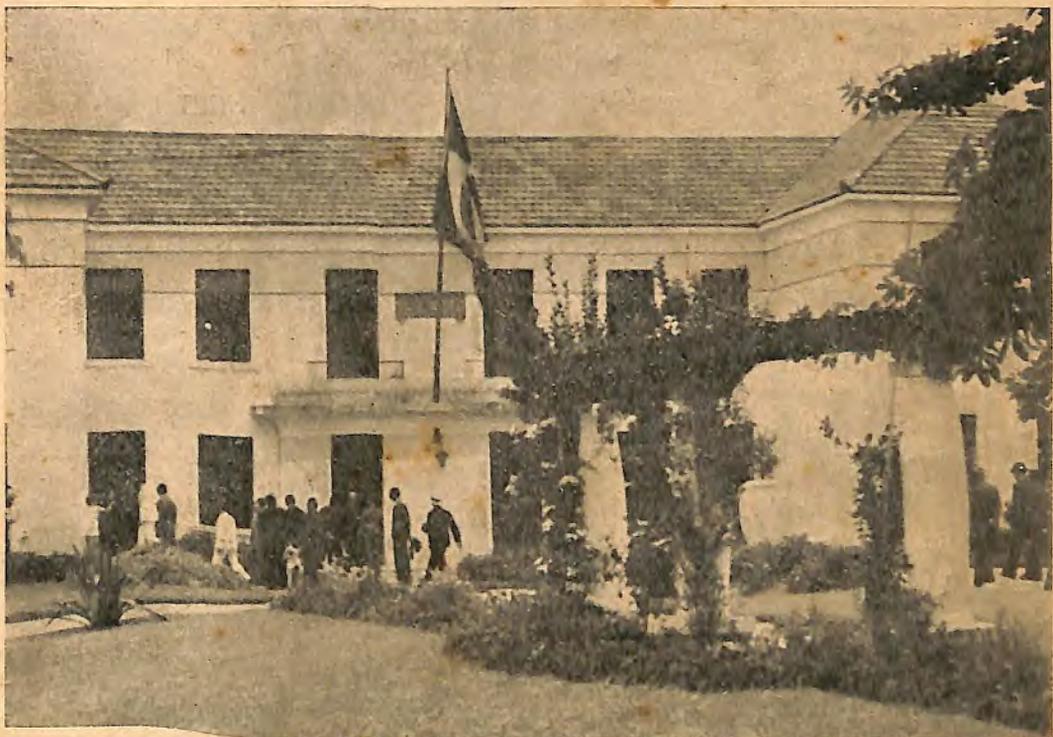


# ALAVOURA

ANNO XLII

JULHO-DEZEMBRO DE 1938



REVISTA DA  
SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA  
E DA  
CONFEDERAÇÃO RURAL BRASILEIRA

# ARTHUR VIANNA & CIA. LTDA.

ESTABELECIDOS DESDE 1900

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "STEARICA"

## AGENTES DO SALITRE DO CHILE

TODOS OS ADUBOS E MATERIAES AGRICOLAS

### FILIAL:

Telephone 2-7101

Caixa Postal 3520

RUA SÃO BENTO, 100 - Sob.

**SÃO PAULO**

### FILIAL:

Telephone 43-3468

Caixa Postal 3572

RUA DA ALFANDEGA N. 59

**RIO DE JANEIRO**

### MATRIZ:

Telephone 3723 - Caixa Postal 291

AV. SANTOS DUMONT N. 227

**BELLO HORIZONTE**

### ADUBOS "VIANNA"

Completo para todas as culturas

### SALITRE DO CHILE

Adubo organico "88" - Adubos postassicos - Superphosphato - Farinha de ossos - Agronomos a disposição - Analyse de acidez de terras.

### FORMICIDAS

Arsenico - Enxofres - Agapeama - Fortuna - Ideal - Bisulfureto de carbono - Cyanogaz - Cyanureto - Ingrediente "VIANNA"

### INSECTICIDAS

Arseniato de Chumbo - Bekolit - Cruz Azul - Cal - Fungol Pó Borda - luz - PÓ ADHESIVO para insecticidas - Oleos fungicidas - Sulfato de cobre e de ferro Solbar - Uspulum - Verde Paris.

### MACHINAS E UTENSILIOS AGRICOLAS

Abanador p/ cereaes - Arrancador p/ Algodoeiro - Arados todos os typos Bicos arapados - Cultivadores "PLANETS" - Debulhadores - Grades Motores - Oleo cru e a gazolina - Machina p/ formigas - Pulverizadores - Semeadeiras etc.

### INSTALAÇÕES

Para fecula de mandioca - Beneficio de Arroz - Algodão - Café - Classificadores de Café

### SECCADORES

A ar quente - Patente n.º 23.631 Algodão - Mandioca - Café - Mamona etc. - SECCADOR TUBULAR - Massas de Mandioca - Garapa Kaolim - Ossos - Sangue - Leite etc.

### SEMENTES

Adubos verdes - Alfafa - Batatss - Ccreaes - Cannas - Capins - Forragens - Mamona - Soja - Tungue - Videiras.

### SACCARIA

Aniagem nova para transportes - Colheita de café - Encerados - Barbanses

### PRODUCTOS DIVERSOS

Correias de sola - Créogado - Carrapaticidas - Iodo - Iodureto potassio Jacasinhos - Pixe etc.

### COMPRADORES DE

Ossos - Chifres - Unhas

## SUMMARIO

Organização rural da produção. . . . .	1
Cultura e preparo da baunilha . . . . .	5
A cultura da mandioca em S. Paulo e as possibilidades de mercados para seus sub-productos . . . . .	6
A industrialização do porco . . . . .	8
Rumos para a Sericicultura Brasileira . . . . .	12
Sociedade Nacional de Agricultura — Expediente. . . . .	15
Como fundar Associações de Classes, federal-as e confe- deral-as . . . . .	16
As Semanaes da Sociedade Nacional de Agricultura. . . . .	20
Uma observação sobre a carnaúbeira. . . . .	77
Bibliotheca da Sociedade Nacional de Agricultura. . . . .	78

# Sociedade Nacional de Agricultura

## Publicações em distribuição aos socios:

- Annaes do I Congresso de Leite e Derivados (1 vol.)  
Annaes da II Semana do Leite (folheto)  
Annaes da II Conferencia Nacional de Pecuaria (1 vol.)  
Annaes da I Conferencia Nacional Algodoeira (3 vols.)  
O Ceará Economico — *Dr. Souza Pinto* (folheto)  
A conquista do pão — *R. Fernandes e Silva* (folheto)  
A cultura do fumo e o seu preparo — *J. Silverio Guimarães* (folheto)  
Factos Economicos — *Miguel Calmon* (brochura)  
O algodão e a solidariedade Internacional — *Miguel Calmon* (folheto)  
Politica Commercial Pan-Americana — *Arthur Torres Filho* (folheto)  
Aspectos leiteros brasileiros — *Otto Frensel* (folheto)  
O Problema caféiro de S. Paulo e a Pecuaria de leite — *Landulpho Alves* (folheto)  
Aspecto actual da Industria de Lacticinios no Brasil — *L. Gonçalves Vieira* (folheto)  
O cultivo da batata e a importação de suas sementes no Brasil — *Arsène Puttemans* (folheto)  
Expansão Economica do Brasil — *Arthur Torres Filho* (1 vol.)  
O Apicultor brasileiro — *Emilio Schenck* (1 vol.)  
As Municipalidades e o momento economico brasileiro — (1934) *Arthur Torres Filho*.  
Escola de Horticultura Wenceslau Bello — Publicação n. 2

---

A Secretaria da S. N. A., mediante pedido do socio quite, enviará immediatamente as publicações pedidas. Para o interior, deverá o interessado juntar ao pedido \$400 de sello, em se tratando de folheto, e \$800, para maior numero de publicações ou por volume.

# A LAVOURA

REVISTA MENSAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA  
E DA CONFEDERAÇÃO RURAL BRASILEIRA

Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura

Dr. ARTHUR TORRES FILHO

Gerente ROBERTO DIAS FERREIRA

Director

Dr. ANTONIO DE ARRUDA CAMARA

Redactor-Secretario L. MARQUES POLIANO

Assignatura annual 20\$000 — Numero avulso 2\$000 — Numero atrazado 3\$000

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção, Largo de S. Francisco, 3-2.º, Salas 202-6

RIO DE JANEIRO

ANNO XLII

RIO DE JANEIRO

Julho-Dezembro de 1938

## ORGANIZAÇÃO RURAL DA PRODUÇÃO

*Antonio de Arruda Camara*

Embora estudados, não são, ainda, bem conhecidos, nos seus efeitos, detalhes e pormenores, os multiplos, variados e, por vezes, subtis e inapreciaveis fatores que orientam e regulam a nossa vida economica. Não estão ainda definidas, mas somente esboçadas, as linhas basicas, fundamentais, da sociologia rural no Brasil. Mesmo assim, já temos elementos de convicção para afirmar, secundando irrefutaveis opiniões, que o meio economico e social do interior do paiz, precisa e deve ser modificado. Não ha duvida, a respeito, diante da situação de insegurança, de incertezas, e até mesmo, de sobresaltos em que tem se processado a evolução da nossa economia rural.

Estamos, mesmo, convencidos, que essa modificação já se vae realizando. Demonstra-o o interesse pelo aperfeiçoamento dos metodos de trabalho e produção, sob a influencia da energia, da capacidade, da inteligencia, e, sobretudo, da tenacidade, dos nossos lavradores e criadores.

E' notavel e auspicioso o desejo e aneio de progresso. E não se pôde negar que uma mentalidade promissora, nova e sadia, estende raizes robustas no sólo fecundo das nossas atividades.

Atendendo a esses aneios veio o novo regimen constitucional abrir horizontes propicios a tais modificações, possibilitando e favorecendo a organização das classes produtoras em moldes compatíveis com a natureza das explorações rurais.

No terreno economico, terá de ser feita, melhor diariamos, incentivada a evolução, por intermedio das associações de classe, principalmente das cooperativas que, apoiadas em

legislação adequada, poderão abranger toda a economia agraria de uma região, representando-a, e, assim constituindo, na agricultura, a base de sua organização.

Em certos casos, sobretudo nas industrias extrativas ou nos meios mais ou menos escravizados á monocultura ou, ainda, naquelas de explorações acentuadamente dominantes, é manifesta a tendencia de representação especializada. Isto, de certo modo, desvia o eixo da organização, mas, nem assim, ficam ao desamparo os interesses das explorações menos importantes e, até mesmo das subsidiarias. Nesse caso seriam encarados os interesses gerais, guardada a devida proporcionalidade, pela união dos respectivos órgãos especializados ou por estes proprios órgãos que são por elas naturalmente auxiliados.

O certo é que a vida economica, na atualidade, como bem disse Arthur Torres Filho, não depende, apenas, dos fatores fisicos, mas, principalmente, da inteligencia do homem, isto é, de sua energia, de sua capacidade scientifica e tecnica e, acrecentaria, da solidariedade de que é capaz, na comunhão social.

Será por meio das associações rurais, inclusive dos sindicatos e das cooperativas, mas, principalmente destas, que, sem os perturbadores inconvenientes das mudanças bruscas e radicais, transporemos a soleira...

O regimen individual, exclusivo, mantendo a agricultura como um modo de vida, meio de existencia mais ou menos precario, tem retardado a ocupação do seu logar como atividade economica, preponderante, na vida do país. Para tanto, porem, — necessario é dizelo —, seria um mal de consequencias irremediaveis, substitui-lo totalmente.

Deve e precisa o individualismo ser mantido no terreno da produção sobretudo em se tratando das pequenas e medias explorações. Fortalece os laços de familia, e resguarda os direitos de pessoas e bens. Entretanto, nas fases subsequentes das explorações rurais, é um imperativo sua substituição. Esta, em bases cooperativistas racionais, reúne, ampara e defende os interesses da produção... realiza aspirações individuais e coletivas que se identificam e harmonizam com os interesses do Estado.

Dai o incentivo que dispensa o Estado às associações de pessoas, a necessidade de crear-lhes uma situação definida no seu organismo constitucional e a conveniencia de, fiscalizando-as, mante-las ao abrigo de deturpações.

Em taes condições, — cada qual na sua esfera de ação —, sómente por intermédio das associações rurais (sociedade civis e sindicatos) e das cooperativas, reconhecidas e fiscalizadas pelo Estado, será possível o desenvolvimento de uma ação coordenada e consciente, capaz de pôr termo á desorganização que, pela ausencia de solidariedade, esmaece o ritmo da nossa economia rural.

O valor da terra e, assim também, o das reservas de materias primas, estão estreitamente ligados e na direta dependencia do valor do homem. Demonstra-o, clara e eloquentemente, o aproveitamento de glebas consideradas imprestaveis e a exploração de riquezas potenciais que pelo trabalho do homem, pelo esforço coordenado ou simplesmente persistente, se transformam e valorizam.

O exemplo da Italia, de nossos dias, — tornando utilizaveis e produtivas regiões inhospitas, que permaneciam inproveitadas, — é altamente expressivo.

Mas não precisamos ir tão longe.

Temos em casa, o exemplo, da conquista amazonica, da transformação em riqueza das imensas reservas de suas então impenetraveis florestas e, ahi está, a Baixada Fluminense, já melhorada pela mentalidade nova, a desafiar nossa atenção, situada como se acha, privilegiadamente, ás portas do maior mercado interno do paiz. O seu saneamento e consequente valorização dependerá, sómente, da vontade e da energia, da ação continuada e persistente, coordenada, que ali desenvolvermos.

Na organização interna, principalmente, teremos de erguer o nosso edificio economico. Devemos, porem, ter em vista que a capacidade dos seus alicerces está na dependencia, cada vez mais acentuada, da disciplina resultante da estreita colaboração das corporações agrarias com o poder publico. Dai o interesse deste, reafirmado e estimulado pelos seus estadistas, em promover por todos os meios, a fundação de sociedades rurais, que são órgãos pre-corporativos.

Sem o exame das atividades de uma classe e o estudo de suas necessidades fundamentais, não será possível defesa eficiente... E a associação constituída no seio dessa mesma classe é o órgão propicio, unico capaz de coordenar, com justeza e precisão, os elementos indispensaveis ao conhecimento das suas verdadeiras necessidades e legitimas aspirações.

A utilidade das associações é manifesta e nos meios rurais elas se impõem como sociedade de pessoas para a defesa de interesses comuns sejam eles de ordem social ou economicos.

Uma voz isolada não tem a força, o prestigio e o arrebatador poder de convicção da voz do povo que é a voz de Deus.

Isoladamente, não poderia o homem, resolver, com a mesma facilidade, problemas de que dependem seu bem estar economico, mas que interessam, pelas mesmas razões, aos demais.

Incentivada, fortalecida, realiza, então, a solidariedade, o conjugamento de esforços, a obra que, interessando a cada um, contenta a todos que, nela colaborando para o bem proprio, satisfazem... aspirações comuns.

“O problema da agricultura é o de ajustar o produto á procura e o custo da produção ao preço da venda” e “a maior dificuldade do agricultor é colocar e vender o seu produto com lucro”.

E' essa uma questão em que não ha divergencias, — difícil, muito difícil, é colocar e vender, com lucro, os produtos agro-pecuarios.

Uma serie interminavel de causas — entre as quais preponderam a deficiencia de circulação e a pequena renda do sólo — concorrem para embarçar a colocação e a venda em condições razoaveis, dos produtos rurais.

A eliminação dessas causas ou de qualquer delas interessa a todos os produtores e por consequencia, exige o concurso de todos, e não de um só produtor, para suprimi-las, reduzi-las ou atenuar-lhes os efeitos.

Concretiza-se, pois, para a defesa de interesses economicos, a necessidade de associações e estas, sob a forma cooperativista, propaga-se rapida e vitoriosamente no mundo inteiro, como fator de influencia decisiva na capacidade de produzir, vender e comprar.

“O Brasil não poderá ter organização economica solida se ficar indiferente ao movimento cooperativista, tal como se tem operado em todo o mundo, porque dele depende o aumento da produção, o amparo ao agricultor na luta para a conquista dos mercados e a garantia para poder produzir, tranquilamente, ao abrigo das crises de numerario”.

E a esse movimento não temos, felizmente, sido indiferentes. Caminhamos a largos

passos, vencendo obstáculos e sopitando paixões, para o cooperativismo, adaptável, como é, nas suas diferentes modalidades, a circunstâncias e meios os mais diversos, onde quer que haja interesses comuns a defender. Não constitui o cooperativismo privilégio de classe e nem mesmo de profissão. É acessível a todos quantos se solidarizam na defesa dos mesmos ideais.

Nos meios rurais é ampla a sua aplicação — mais ampla, talvez, que nos centros urbanos.

Ao cooperativismo, — união económica de pessoas, de um número ilimitado de pessoas com os mesmos direitos e deveres —, está reservado, mercê da equidade dos seus princípios, da racionalização dos seus métodos de trabalho e de sua atuação moderada e construtiva, papel de grande relevo, preponderante mesmo, na organização da nossa produção em sólidas bases económicas capazes, portanto, de assegurar a tranquilidade e o progresso social e material do país.

O cooperativismo não é instrumento de lutas e de reivindicações. Ele se mantém como força propulsora da economia e do bem estar.

“É — na expressão feliz de Luiz Amaral —, o bom senso praticado em grande escala” e, em moldes tais tem sido orientado o aproveitamento dessa matéria prima que, “em todos os países cultos, é preocupação dominante, dos homens de larga visão, incrementar o espírito de associação entre produtores e consumidores.

Repousando na produção rural quasi toda a vida económica nacional, o grande problema a resolver é o da organização da produção, em todos os seus aspectos, sem o que não será possível evoluir, em marcha coordenada, a agricultura no Brasil.

Estudando os entraves á nossa circulação económica escreve Torres Filho: “Tudo se reduz, enfim, em saber conciliar os interesses da comunidade com a liberdade individual, de modo a permitir que a qualquer um seja licito alcançar renda proporcional á sua atividade.

“No nosso caso, será preciso que da aplicação do trabalho na agricultura resultem lucros compensadores porque, do contrario, a atividade económica decrescerá. E outro não é o motivo porque se diz que o verdadeiro segredo da politica económica reside no aumento da produção e no seu aperfeiçoamento e organização em proporcionar lucros”.

E no modo de encaminhar e aplicar esses lucros, como no de atender aos fatores que se relacionem com a produção, sua circulação e consumo, residirá o aumento da capacidade produtiva do país, o bem estar de sua população e, finalmente, a sua grandeza económica.

“A felicidade e o bem estar geral da população dependerá da abundancia, da variedade e da estabilidade da produção” e, assim sendo, “a medida que consulta mais de perto nossos interesses será a que vise a elevação da produtividade do país”.

É por isso constitúe preocupação constante dos nossos economistas e novos estadistas, — já convencidos de que “sem um programa nacional para a nossa economia”, sem aparelhamento técnico e financeiro, auxiliado pelas condições propicias do meio, não poderemos resistir e triunfar das crises económicas — têm a atenção voltada para organização da produção nacional, alargamento dos mercados internos, manutenção e conquista dos externos.

É um indice animador ao qual se tem associado, com todo entusiasmo, as classes produtoras que estimulam, pela iniciativa particular, muitas vezes arrojada, a mentalidade nova e sadia que se vem imprimindo nos negocios do país.

Se não temos passado por transformações bruscas ou se não as sentimos em toda a sua amplitude é porque elas se têm processado com moderação... e assim, apesar das crises que nos assoberbam, económicas e sociais — estas sempre consequencia daquelas — temos resistido — e delas triunfado.

As transformações sociais e económicas que se operam no mundo estão, na opinião, sempre acatada, de Torres Filho, a exigir cuidado e atenção especiais, afirmando que, mesmo dentro das nossas fronteiras, precisamos acompanhar o processo de evolução da economia rural.

É o que estamos fazendo e sempre fizemos as associações interessadas na vida rural do país.

Auscultar as aspirações e anseios das populações rurais, — das classes que, com tanto esforço e escassa renda, trabalham pelo desenvolvimento económico e pela grandeza do país —, tem sido a preocupação dominante e a própria razão de ser das nossas associações. Sem a persistencia nesse gênero de investigações, sem a divulgação oportuna dos estudos realizados e das observações colhidas no decurso dos trabalhos de suas sessões, não seria possível, aos poderes publicos, entrar no conhecimento de particularidades muito uteis ao exercicio das proprias funções.

Esse trabalho “academico”, desenvolvido no seio de tais instituições, — as conferencias e congressos periodicamente promovidos, os comicios, feiras e exposições que incentivam ou realizam —, não vale sómente como expressão cultural. É, antes, e sobretudo, um meio pratico e eficiente de colaboração com a administração publica.

Não fôra esse esforço de investigação, o trabalho de divulgar o seu valor demonstrati-

vo e a feição coordenadora de que se revestem, outra seria, e bem mais desfavorável, a nossa situação social e econômica.

A atividade exercida pelas associações rurais — moderada, mas persistente —, tem sido altamente proveitosa, de vez que a elas devemos iniciativas e realizações de grande interesse para a economia nacional. Não seria, pois, razoável sem o exame dos serviços prestados, que podem ser aferidos pela história das nossas explorações rurais, privá-las da representação de que estão naturalmente investidas, pela falta conciente, eventual ou transitória, de características profissionais.

Necessário e justo seria levar-se em conta a imprecisão de tais características nos centros produtores.

Daí a conveniência de, nas atividades ligadas á vida rural, não se favorecer a preponderância de interesses sejam êles sociais ou econômicos e, ao mesmo passo, de não serem desprezados aqueles de natureza intelectual. O desequilíbrio viria retardar, dificultando, o trabalho de organização.

O elemento intelectual, — assim considerado, aquele que, embora materialmente alheio aos meios rurais, a êles está radicado por conhecimentos e estudos especializados, exerce, por isso e pela ausência de interesses pessoais, funções relevantes no terreno social, e influência altamente proveitosa, no econômico.

E', por consequência, elemento de grande utilidade, indispensável mesmo, no seio das instituições a cujos interesses se torna devotado.

Nas associações que o acolhe, a vida social se desenvolve em ambiente de moderação nem

sempre observado nas instituições que sobrepõem ás funções os interesses profissionais.

Há diferença entre umas e outras. As primeiras são, acentuadamente funcionais, e as segundas representam, de preferência, a profissão. Defendem, aquelas, a produção, colaborando com o Estado para uma melhoria de interesses reciprocos, enquanto estas, perseguindo o mesmo ideal, não podem perder de vista a defesa do exercício da profissão.

Apresentam-se, assim, bem diversas, suas finalidades sociais.

Em consequência, nenhuma vantagem resultaria do estabelecimento de privilégios, merecendo, umas e outras, igual tratamento.

Constituindo as associações agrárias, (sociedades e sindicatos) assim como as cooperativas, os elementos basilares da organização rural, parece razoável, em regime propicio, como o instituído pela Carta Constitucional, de 10 de Novembro de 1937, sejam essas instituições contempladas com o reconhecimento do Estado, e como tal, incorporadas em pé de igualdade como órgãos representativos da produção que, por imperativos de suas próprias necessidades tendem a se orientar no sentido corporativo.

As explorações rurais, em países agrícolas, como o nosso, ocupam a maior parte da população, e, assim, como bem diz Manolesco, constitue, nêles, a organização corporativista da agricultura" a pedra de toque do valor prático" do regime e, assim deve ser, porque tem êsse ramo da atividade humana características peculiares que imprimem ás instituições variada forma e, até, mais ampla significação.

PROPONHA um seu amigo, lavrador ou criador, para socio da Sociedade Nacional de Agricultura



# CULTURA E PREPARO DA BAUNILHA

Cornelio Lima

Por achar obscuros os artigos publicados a respeito, venho dizer o que a pratica me ensinou.

A claresca da materia suprirá a possivel deficiencia da fórma.

Tendo praticado, durante alguns anos, essa interessante cultura, quando proprietario da Fazenda São Marcos, no Estado do Rio, venho expor o metodo que adoptava, descrevendo-o detalhadamente.

A planta da Baunilha é um cipó, que medra nos climas sub tropicaes, sendo encontrada, em estado silvestre, em nossas florestas.

Para as suas antenas aderirem e estender as ramagens, ela precisa de um tutor, podendo ser plantada junto dos muros ou das arvores, com excepção das que dão o fruto pendente, do tronco, como o Cambucá, a Jaboticaba, o Cacau e o Bacopary, que é uma arvore pouco conhecida, porque só se encontra nas nossas florestas virgens.

Nas investigações a que procedi, firmei a minha preferencia pela Cabaceira ou Cuyeteseiro, cujos galhos se curvam, tomando a fórma de latada natural, o que facilita a polinisação ou fecundação das flôres, podendo ser cultivada juntamente com o Maracujá e a Uva, para que se protejam mutuamente, em defesa dos raios abrasadores do sol de verão, alem de que tambem dão frutos.

O plantio se faz, durante o verão, por meio de estacas, dividindo a rama em bancelos de meio metro, enterrando a metade que previamente se desfolha e deixando secar os ferimentos.

A floração começa no segundo ano e vae sempre em aumento.

A fecundação das flôres se faz pelas manhãs, com o auxilio de uma escada de abrir e um simples palito na mão direita, com o qual se abre o organo feminino, comprimindo levemente a flôr, que é bisexual e se acha em posição adequada, com os dedos da mão esquerda, para que se estabeleça o contáto com o pleno fecundativo.

O aspeto de vitalidade da flôr, no dia imediato, denota a pericia da operação; não devendo aproveitar mais do que cinco vagens, em cada penca.

As vagens devem ser colhidas quando sazoadas, o que se conhece pela cor amarelada que tomam, devendo colher-as antes

que rachem, para não perderem o aroma, o que aliás, se remedeia atando-as com linha.

A seguir, são colocadas, bem separadas, em uma cesta de arame e submergidas rapidamente, duas ou tres vezes, em agua fervente, para provocar a fermentação afim de tomarem a côr castanho escuro.

Os vanicultores do Mexico e da Trinitão, que a produzem em grande escala, usam submetel-as ao calor brando do forno.

A seguir são espalhadas em taboleiros e cobertas com baeta preta e assim expostas ao banho de sol, das 12 ás 14 horas, durante alguns dias, e depois amarradas ás duas e dependuradas ou espalhadas em esteiras, durante uns dois meses, em compartimento fechado e envidraçado, que só se abre quando firme o tempo, examinando-as diariamente, até completar a fermentação.

Quando está completa, são guardadas em lata fechada, evitando o ar e a luz que lhes tiram o aroma.

Então, convem untal-as com o proprio oleo, extraido de uma delas.

A especie que se encontra no mercado, tipo mexicano, fina e alongada, é importada do Havre ou de Hamburgo, produzidas nas colonias de dominio francês, holandês e outros paizes. Elas diferem das que nascem em nossas florestas, que são fecundadas casualmente pelos beija-flores e besouros, que são curtas e grossas, mas muito aromaticas. vrrar dessa importação onreosa.

Poderemos cruzar as duas especies, introduzindo, no mercado novos tipos, variando os meios da polinisação e assim, nos lipossimos essa preciosidade.

Muitos patricios nossos ignoram que A mistura das vages ou da essencia da Baunilha nos confeitos dobra-lhes o sabôr.

Trata-se de uma cultura facil, atraente e altamente compensadôra, dependendo apenas de guiar a planta para estender as ramagens, e dos cuidados necessarios durante a fermentação das vages, serviço esse proprio de senhoras como se verificava em meu lar, consagrado durante 49 anos, pelos dotes inegalaveis de minha saudosa esposa, credora da minha eterna veneração.

As donas de casa poderão produzil-as para o seu gasto e para presentear as suas amigas, fazendo, ao mesmo tempo uma propaganda altamente patriótica, dessa industria agricola, transmitindo os seus conhecimentos praticos aos que a queiram intensificar.

# A cultura da mandioca em S. Paulo e as possibilidades de mercado para seus sub-productos

Nicolino Moreira

*Numa das sessões da Diretoria da Sociedade Nacional de agricultura o Sr. Dr. Nicolino Moreira fez uma interessante palestra que transcrevemos abaixo, acerca do plantio e do consumo da nossa mandioca.*

"Tem havido ultimamente grande expansão da cultura da mandioca em S. Paulo. De Maxima importancia é discutir-se o acêrto ou desacêrto dessa expansão, pelo exame das possibilidades commerciaes do producto. Deve êsse augmento da cultura ser encorajado ou combatido? Com o exemplo do café muita gente diz que teremos em breve a repetição do fenómeno que com este se passou e que se deveria evitá-lo em tempo.

O paralelo da mandioca com o café é de todo sem razão. O café que não é utilizado para bebida, não tem nenhuma outra applicação, ao passo que a mandioca tem os empregos mais variados, e cada qual de maior volume. As possibilidades commerciaes de um produto dependem de sua utilidade, do preço a que póde ser fornecido e de sua conservação. A mandioca não se conserva para qualquer utilização posterior senão sêca.

O processo de secagem natural é muito incerto, pois, se faltar o sol por algum tempo, perde-se todo o producto em tratamento. Os sêcadores mecanicos até então possiveis eram tão caros que dellés não se podia cogitar. Em 1929 fiz a primeira tentativa de fabrico de um secador pratico e economico não obtendo resultado principalmente por usar um picador de tipo commum, que dava o producto em fatias. Eu procurei então fazer um picador que reduzisse a mandioca a pedaços mais ou menos arredondados de modo que fosse possivel transporta-la em elevadores, bicas de jogo, etc., como café sem excessiva mão de obra. Tomando por base um disco provido de unhas cortantes, consegui um picador satisfazendo á condição desejada. Em 1933 construí então os primeiros sêcadores que funcionaram em condições satisfatorias. Varios desses sêcadores então por mim construidos estão funcionando ainda hoje, tendo secado milhares de toneladas de mandioca.

Continuando, porém, a trabalhar, corrigi os senões do meu primeiro secador, construindo um segundo que atendesse melhor ás necessidades da lavoura.

O grande surto da cultura da mandioca resulta da confiança na sua industrialização demonstrada pelos aparelhos de minha criação, cujo funcionamento durante quatro anos é prova de sua eficiencia e segurança.

Sente a lavoura por intuição que um produto de tantas applicações e de tão baixo custo, uma vez industrializado e conservado será vendido com lucro.

Essa minha palestra tem por fim corroborar essa confiança intuitiva, de modo a demonstrar o acerto da expansão da cultura da mandioca. Calcula-se em 10.000 alqueires o augmento da área cultivada com mandioca em S. Paulo actualmente, o que não é ainda sufficiente para metade da farinha necessária ao pão mixto. Entretanto, a applicação da mandioca para esse fim já resolvida por lei, não constitui seu maior mercado. Existem varios outros de maiores possibilidades. A sua applicação ao pão mixto, limita-se a uma fracção do consumo de trigo; as demais são ilimitadas.

Não há nenhum producto agricola de custo tão baixo quanto a raspa. Isso faz com que em qualquer applicação onde possa entrar (e são muitas), ella desloque o concorrente.

Desde 1934 tenho trabalhado incessantemente por conseguir productos exclusivamente de mandioca para a alimentação humana. Acabo finalmente de obter resultados inteiramente satisfatorios.

Apresento-lhes aqui um dellés ao qual dei o nome de "MAGANI" e do qual estou iniciando uma fabricação experimental. Elle se destina a desempenhar o papel do macarrão como alimento. Tenho em caminho

bem promissor o fabrico de um outro, tambem exclusivo de mandioca, para substituir o pão de trigo.

Como eu, varios outros poderão se dedicar á pesquisa nesse campo tão sedutor por contar com um producto de taes qualidades e de preço tão baixo.

Com isso não quero dizer porém que a mandioca plantada deva esperar a descoberta de novas combinações com elle feitas. Citarei abaixo as vultuosas applicações conhecidas da raspa:

1.º — O pão mixto já assegura um consumo tão grande que a producção actual não supre. A mandioca porém, deslocará por seu preço qualquer outra fécula que transitoriamente seja empregada nêsse mistér.

2.º — A alimentação animal. Já ha tempos, foi a raspa empregada na alimentação de vaccas em São Paulo, com ótímo resultado, tendo sido abandonada pela precariedade da secagem. Resolvida esta, como sabemos, nada impede o retórno dessa applicação que não se iniciou ainda por falta de producto na qualidade necessaria. Tambem para cavallo e porcos ella constitui excellento alimento hydrocarbonado. Pode-se alegar ser barata a parte hydrocarbonada da ração e parte importante, a azotada, ser cara. Isso não é verdade. Senão vejamos. A parte azotada é mais cara por kilo, mas como entra em média na ração de um de azotada para dez de hydrocarbonada, segue-se que, no preço total da ração, a parte Com uma fracção pequena da torta de alhydrocarbonada é de muito maior custo. godão que exportamos, teremos o azotado para completar a mandioca. E' sabida a excellencia da mandioca na alimentação animal pela riqueza em elementos mineraes. Essa unica applicação póde proporcionar á raspa um mercado muitas vezes superior ao que lhe dará o pão mixto.

3.º — Usos industriaes. Uma pequena fabrica experimental de alcool, que o Governo de Minas mantem em Divinopolis, consome annualmente mais de 4.000.000 de kilos de mandioca. No momento que tenhamos uma producção sufficientes não faltarão industriaes que montem grandes usinas, cujo consumo será enorme. A raspa, desde

que exista em quantidade e com suprimento seguro, fará apparecer industriaes de adextrina, glicose e muitas outras.

4.º — Exportação. Os Estados Unidos importaram no anno passado das Indias Hollandezas \$40.000.000 de raspa ou Rs. 600.000:000\$000. Essa mandioca foi levada pelos hollandezes quando aqui dominaram. Esse commercio não tem sido possível entre nós, porque o preparo natural da raspa que exige uma mão de obra enorme, só é exequivel lá com o trabalho indigena de salario quasi nullo. Agora, porém, nós estamos em condições melhores que elles devido ás machinas que possuímos. O nosso producto entretanto é diferente, melhor num ponto e inferior noutro.

A raspa hollandeza é cortada em fatias, não corre em installações mechanicas de transporte, não podendo ser armazenada nem carregada em granel. A nossa é granulada, póde ser tratada por qualquer processo de transporte, pode ser embarcada a granel, sem sacaria, como o milho e o trigo e tem maior densidade, pesando 600 ks. por m.3 Póde ser armazenada em silos, dos quais corre bem como o trigo, o que não se pode fazer com raspa hollandeza em fatias.

A nossa tem de inferior que, sendo toda produzida a machina, só se retira a pelicula externa, ficando a casca grossa, cujo tannino se oxida um pouco na secagem, dando um aspecto inferior á hollandeza, cujo trabalho manual permite retirar a casca grossa.

Logo que tenhamos volume de raspa para carregar navios a granel, a vantagem de frete e a facilidade de trabalho do nosso producto compensará a sua pequena inferioridade de aspecto.

E' preciso considerar, porém, que a raspa de mandioca terá mercados praticamente infinitos mais por preços razoaveis e não pelos que actualmente vigoram. O custo da raspa para o fazendiero que a produz oscilla entre \$070 e \$140, conforme a fertilidade da terra, preço da lenha etc. O seu preço commercial deverá oscillar entre \$200 e \$400 por kilo, daqui a 2 annos, quando a sua producção já for sufficiente para fazer descer o preço a esses niveis.

## SELLOS DO BRASIL (IMPERIO)

Compre qualquer quantidade, ou troco por estrangeiros.

Cartas a J. M. POLEAN — Rua Santa Luiza, 102 — Rio

# A industrialização do porco

João José de Aquino

(These apresentada á II Conferencia Nacional de Pecuaria)

OS SUINOS. — Está dicto e redicto que entre os animaes destinados ao açougue, merecem os suinos uma collocação destacada, porque sobrexcedem aos demais não somente na facilidade de alimentação, na proliferação sem igual, na brevidade do cyclo vital util, mas sobretudo no seu rendimento optimo.

Omnivoro, o porco aproveita productos e sub-productos diversos, de valor mediocre ou quasi nullo, transmudando-os em mercadorias de preço compensador e de procura crescente. A sua pelle não é apenas o melhor sacco para guardar o milho — segundo já foi affirmado; é mais do que isso: é um paiol surprehendentemente organizado onde se guardam, se beneficiam e se transformam em generos de subido preço, não apenas o milho e outros cereaes de valor apreciavel, mas tambem muitas fructas, differentes tuberculos e varios residuos agricolas e industriaes de valor commercial despresivel.

Levado ao matadouro — sua finalidade unica — offerece o porco productos e sub-productos diversos, uns destinados a differentes industrias e outros, os mais importantes, destinados á alimentação humana, no que são cada vez mais estimados, pelo seu sabor, pela sua variedade, pela vantagem da sua conservação facil e, finalmente, pelo seu valor nutritivo.

Fresca ou conservada, a carne de porco figura á mesa de todos os povos, excepção feita para os mussulmanos, já como prato exclusivo, já como condimento ou complemento a outros pratos. Tão grata assim a todos os paladares, essa carne vale por um alimento relativamente completo, ao lado dos feculentos, por isso que ahí se entremeiam os tecidos muscular e gorduroso, realizando um equilibrio favoravel ao gosto e á relação nutritiva, constituindo uma excellente ração para os homens que trabalham rijamente. No clima frio e no inverno, onde e quando se faz sentir a necessidade de gorduras, mercê do elevado numero de calorias que estas soem fornecer, os productos suinos comestiveis devem ser consumidos em boa porção. Convem acrescentar aqui que é de todo ridicula e inepta a noção de certas pessoas que attribuem o aparecimento da morphéa ao consumo da carne de porco.

Tratando-se de um animal tão interessante, em face da zootecnia e da industria

alimentar, justo é que pensemos mais demoradamente no seu melhor aproveitamento, na sua industrialização racional, de modo que cresçam, parelhos, os lucros particular e publico que avultem, em riqueza e progresso, o criador, o fabricante, a propria industria e, por consequencia, a Nação.

O suino que, escreveu alguém, já representou a moeda corrente na capitania de São Vicente, no seculo XVI, deveria concretizar hoje, quatrocentos annos decorridos, uma poderosa fonte de renda para os brasileiros e para o Brasil, não fosse a nossa indiferença e, por vezes, a nossa ogerisa ás coisas da roça e do campo.

## ESTADO ACTUAL DA INDUSTRIA DE PRODUCTOS SUINOS

A industrialização dos suinos no Brasil ainda não chegou ao grau de aperfeiçoamento attingido por outros paeses.

Temos aqui a considerar tres typos ou antes três aspectos, sob que se nos apresenta essa industria, consoante o se uapparelhamento e a sua technica:

- 1.º — A industria organizada
- 2.º — A meia industria
- 3.º — A industria caseira ou domestica.

A INDUSTRIA ORGANIZADA é aquella que realiza o aproveitamento racional dos suinos. Vamos encontral-a nos frigoríficos e nas fabricas de productos suinos modernamente apparelhadas, existentes em alguns Estados do sul e do Centro.

E" a industria que nos convem porisso que ella representa a verdadeira utilização do porco aproveitando delle tudo ou o maximo que pode. Dispondo de machinario aperfeiçoado e de pessoal tecnico sufficiente, partindo do porco vivo como materia prima, sempre sugeita á inspeção veterinaria permanente, os estabelecimento devidamente apparelhados offerecem ao consumo publico productos perfeitos do ponto de vista commercial e economico, e acima de tudo, do ponto de vista hygienico. Está bem visto que unicamente com os productos originarios de taes estabelecimentos é que teremos probabilidade de conquistar o mercado exterior, cada vez zmais exigente, sendo de lamentar que o nosso paiz, possuidor de um dos maiores re-

banhos porcinos do mundo, não tenha ainda logrado a culminancia que lhe competia, como potencia exportadora de productos provenientes dos animaes em apreço.

E' que ainda modorrámos na

MEIA INDUSTRIA — Eu classifico de meia industria aquella que se verifica na quasi totalidade dos estabelecimentos disseminados no sul de SANTA CATHARINA.

Para ajuizarmos a capacidade industrializadora dessas chamadas "fabricas de productos suinos", basta referirmos o seu apparellamento que se resume no seguinte:

Tacho a fogo para fusão de toucinho  
Prensa manual para expressão de torresmo

Tanque de cimento para a salga de carne.

Os suinos que poderiam ser transformados em dezenas de productos e sub-productos são ahi abatidos para este fim unico:

banha bruta  
carne salgada.

Verifica-se ainda o agravante de que essas fabricas somente trabalham durante os meses frios, produzindo o que podem nesse periodo e estacionando nos outros meses, do que resulta o abarrotamento do mercado na época da safra, principalmente de carne salgada, quando o seu preço baixa tanto que nem dá para cobrir as despesas effectuadas.

Ha nessa meia industria desperdicio de materia prima, desperdicio de tempo e desperdicio de trabalho.

Quando o porco abatido no matadouro desses estabelecimentos é examinado pelo pessoal do serviço veterinario, podemos affirmar que os seus productos são bons, considerados hygienicamente. Procedem de animaes sãos. Gosam da garantia official. Mas, a so producção de carne salgada, alem da banha bruta, vae de encontro ao senso economico, uma vez que os demais productos preparados com carne de porco alcançam cotação superior á simples carne conservada pelo sal. Não é industria avançada aquella que do porco abatido apenas pode preparar banha e carne salgada, ind que sanitriamente perfeitos.

O pequeno fabricante sem recursos financeiros e technicos, ás vezes analphabeto, não pode cogitar em empresas de maior folego, de modo a industrializar os suinos que elle desperdiça; não pode, sozinho, ascender da meia industria para a industria organizada. Ha, porem, uma taboa de salvação que o socorrerá em qualquer momento: esse recurso magnifico é o cooperativismo. Haja união de vistas, haja intuito sincero de solidariedade humana, e o cooperativismo resol-

verá a situação. O fabricante que se insula, sovinamente, dentro da sua ignorancia e do seu egoismo, não fará grande obra, nem industrial, nem social.

Mas ha coisa peor do que a industria acanhada dos pequenos fabricantes. Temos a muito conhecida.

INDUSTRIA DOMESTICA. — Sobre esta quero ser menos summario, da a importancia que' o assumpto vae tomando, dia a dia.

A industria caseira de productos animaes destinados ao consumo publico vale por um problema bastante serio, digno de ser encarado mais de frente por todos quantos têm alguma responsabilidade na salvaguarda da saude collectiva.

No que diz respeito aos productos suinos, essa industria rotineira e esparramada representa um dos maiores obstaculos ao fomento da industria organizada, pelo menos na minha zona de actuação, em Santa Catharina.

O colo habituou-se a carnear, elle mesmo, os porcos da sua criação, e com elles prepara a chamada banha colonial, carne salgada e linguiça ou salame que elle destina parte á sua dispensa e parte ao consumo publico, através das vendas locais, dos mercados mais proximos, das fabricas classificadas na meia industria e das refinarias de banha.

Ora, os productos dessa origem, sobre serem anti-economicos, não offerecem garantia alguma, do ponto de vista hygienico.

O colono, na sua carencia de conhecimentos technicos e rudemente aparelhado, malbarata os suinos que sacrifica: uma parte elle não pode ou não sabe aproveitar e da outra parte elle prepara productos mediocres ou te. Considerados, do lado da hygiene alimentares, quando não pessimos, commercialmentar, taes productos são, sem duvida, suspeitissimos.

O porco abatido na colonia ou na roça (e mesmo dentro de muitas cidades — não é absolutamente examinado por nenhuma auctoridade veterinaria. O local escolhido para a matança é, muitas vezes, o proprio chiqueiro, immudissimo e servilhante de moscas. A carcasa é picada sobre estrados, mesas, bancas ou cochos que não primam pelo asseio. A manipulação dos productos é praticada em qualquer local, limpo ou sujo, a um canto da cosinha ou num rancho aberto, sendo empregados nesse mister utensilios de finalidades multiplas: a gamella providencial tanto serve para a salga e tempero da carne, como pode servir para dar lavagem ao cachorro, ou ainda, quem sabe? — para o nosso fabricante improvisado passar um pouco de agua nos seus honrados pés.

Ninguém desconhece hoje o perigo das carnes procedentes de animaes, cuja saude não

for perfeita. O mesmo perigo existe nos productos carneos manipulados assim avulsamente e sem respeito aos principios da hygiene. A carne de porco subtrahida á inspecção veterinaria pode transmittir ao consumidor incauto varias molestias microbianas e parasitarias. A ingestão de carnes e seus derivados, quando polluidos por certos microbios, seja durante a vida do animal originario, seja depois nas manipulações a que estão sujeitas, é capaz de produzir transtornos na nossa saude, por vezes, fataes: assim o botulismo, a intoxicação pelas carnes putrefactas e a infecção paratyphica. E são precisamente os productos embutidos os que maior risco representam, visto realizarem-se um meio favoravel ao desenvolvimento dos germens.

Transcrevo aqui u mtrecho opportuno da excellente these de concurso, superiormente defendida pelo Professor Franklin de Almeida, ao disputar a cadeira de "Inspecção e conservação de Carnes, Leite e Productos de Origem Animal", da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinaria do Rio de Janeiro: "E do grupo das carnes infectantes para o homem, como não reconhecer os largos perigos decorrentes até da manipulação, quando mais da ingestão das carnes de animaes doentes ou mortos de carbunculo bacteridiano, Infecções do typo de carbunculo, tuberculose, actinomyose, infecções paratyphoides, diarrheas dos suinos, enterites dos porcos, pneumo-enterites dos porcos, necrobacillose dos suinos, erysipela dos porcos, septicemia hemorragica dos suinos, cholera dos porcos, tetano, raiva, affecções inflammatorias, necroticas, gangrenosas desses animaes, cuja terminação, por falta de tratamento em alguns casos — desde que é regra em nosso paiz não se tratar o animal doente — assumem as características de pyemias e de septicemias". Não são hygienicos os productos elaborados por pessoas atacadas de tuberculose, morphéa e outras molestias contagiosas, e essas existem possivelmente entre os fabricantes domesticos.

Facil é imaginar, assim, a ameaça que paira sobre a saude dos que consomem, sem maior precaução, os productos animaes oriundos dessa industria empirica, anti-economica e anti-hygienica.

A par da industria caseira do colono, ha no sul catharinense, a industria domestica dos intermediarios. Estes intermediarios são negociantes que se estabelecem na vizinhança dos centros criadores, onde adquirem carcassas de porcos abatidos pelos colonos circunvizinhos e fazem dellas banha bruta e carne salgada. Para tanto, installam tachos e tanques no porão ou num compartimento da propria casa, ou então, numa barraca qualquer de madeira, e ahí "fabricam" livremente, sem que lhes incomode a inspecção sanitaria. As

carcassas de suinos ahí recebidas são, na sua origem, suspeitas, porque procedem de animaes não examinados. Podem provir de um porco são, como de um porco doente. Alem disso, o seu transporte é effectuado ao sol, sob poeira, em carros de boi, em cargueiros, chegando ao seu destino, não raro, em pleno estado de fermentação putrida. Será que o intermediario ganancioso rejeita a carcassa em mau estado? Não. Elle a compra, explorando o preço. Com essa carcassa ele consegue uma banha pessima que misturada a outras banhas soffríveis tem entrada nas refinarias.

Tanto a banha bruta da colonia, como a elaborada nesses galpões intermediarios é quasi sempre um producto inferior. Preparada em tachos ou latas, a fogo directo, são submettidas a differentes graus de aquecimento, tão elevado ás vezes que ha perda substancial do producto. Com isso adquire essa banha cheiro e sabor variaveis. O seu envasamento é praticado em latas de gasolina ou kerozene, geralmente velhas, cachucadas e nada limpas. Ao producto já tão maltratado no fabrico e no acondicionamento, muitos colonos solertes addicionam sebo, areia, pedras, tijolo e outros lastros.

A banha bruta colonial, como a banha bruta elaborada pelos intermediarios referidos, é, repito, fornecida ás fabricas de productos suinos e ás refinarias.

Nas fabricas, esse producto é refundido e coado, para obviar as impurezas mais gritantes, depois é acondicionada em vasilhame com a marca official da fabrica e, por fim, impingida ao commercio interestadual, como BANHA PURA BENEFICIADA e outros qualificativos seductores. As refinarias, mais bem providas, beneficiam essa materia prima suspeita, emprestando-lhe apparencia melhor, sem contudo lhe tirar a pecha de producto originariamente anti-hygienico. Porque qualquer producto de origem animal, uma vez inquinado na origem, se-lo-á sempre, a despeito de todos os refinamentos.

Os defeitos de ordem sanitaria que maculam a banha elaborada avulsamente pelos colonos e pelos citados intermediarios reflectem-se, necessariamente, na banha refinada, quando esta provem daquella. As refinarias que aproveitam as banhas de fabricação caseira por mais que se esmerem no beneficiamento dellas, somente conseguirão apresentar ao mercado exigente um producto inferior á banha não beneficiada das pequenas fabricas, sujeitas á inspecção veterinaria: porque a banha bruta procedente dos estabelecimentos inspecionados não terá, é certo, a homogeneidade, o aspecto, a apresentação das banhas colonias refinadas; em compensação, porem, possui um importante attributo que falta a estas: é um producto seguramente hy-

gienico, insuspeito, apresentando normalmente uma acidez livre inferior a que é observada no producto colonial, refinado ou não.

Quando as refinarias receberem, como materia prima, a banha bruta elaborada nas pequenas fabricas inspeccionadas, então sim: — a sua banha refinada será optima, porque terá boa apresentação, a sua acidez será menor e deixará de ser suspeita, quanto á sua origem. Será com um producto nessas condições que poderemos alevantar, lá fora, os creditos da nossa industria de banha.

Precisamos de refinarias para melhorar as banhas brutas frescas, procedentes das pequenas fabricas. Precisamos de estabelecimentos industriaes bem organizados, de jeito a transformar os nossos suinos em tantos productos e tão bons, quantos os exigidos pelos mercados interno e externo. Como medida inicial, devemos dispensar a cooperação da industria domestica.

O colono, na sua ignorancia, e o intermediario, na sua inconsciencia, constituem-se inimigos obstinados da boa industria. Aferidos ao seu empirismo, difficultam sobremaneira o surto dos estabelecimentos aparelhados, sonogando o fornecimento de porcos vivos aos matadouros destes. Fabricas ha na minha zona, em Santa Catharina, que na safra deste anno ainda não abateram 30 porcos porque os colonos, instruidos por maus orientadores, recusam-se a trazer os animaes vivos aos matadouros, sob a allegação de que somente lhes convem fornecer banha bruta ás fabricas registradas no Serviço de Inspeção de Productos de Origem Animal, conforme — accrescentam, com certa vehemencia — é permittido em outros Estados da União. O fabricante assim contrariado no seu bom proposito, não contando com porcos vivos para movimentar o matadouro da sua fabrica, ou desiste desta ou torna-se um mero intermediario dos productos coloniaes. Retrocede. E qualquer interessado que pretenda installar matadouros de accordo com as determinações do Serviço acima referido, não o faz certamente, receioso de que inactivará o seu capital num estabelecimento de vida problematica.

Em face do regulamento do Serviço de Inspeção Federal, em face da Hygiene Alimentar e tendo em vista o futuro da nossa industria e da nossa exportação, de productos suinos, devemos estudar em todos os sentidos o caso dessa industria caseira, afastando os seus productos, tanto quanto possivel, do mercado publico. Merece menção aqui o problema da banha colonial admittida como materia prima nos estabelecimentos registados no Ministerio da Agricultura, sabido que a concessão official feita desse sentido até agora, se por um lado acode aos interesses

de certo numero de colonos e seus intermediarios, desfavorece, por outro lado, os melhores propositos da industria organizada, da industria racional.

E' certo que alguns colonos residem a grande distancia dos matadouros, em zonas mal servidas por estradas; o que ha ahí são trilhos, por onde somente é possivel passar o cargueiro. Nesses trilhos não passam as porcas, a pé, senão com enorme difficultade. Nesse caso, se é importante a zona de criação, fica justificada melhoria das suas estradas, por intermedio das quaes, alem dos porcos vivos, sahirão os demais productos da actividade agricola e pastoril dos seus habitantes, dado que o progresso de uma zona está em função do seu desenvolvimento rodoviario. Se a zona de criação carece de importancia, não justificando nenhuma despesa com aberturas ou alargamento de estradas, não justifica, pelo mesmo facto, nenhuma medida de excepção, relativamente ao aproveitamento dos seus productos coloniaes, como materia prima dos estabelecimentos industriaes de carnes e derivados, com registo no Serviço de Inspeção dos Productos de Origem Animal, do Ministerio da Agricultura.

E' preciso notar que certos colonos não trazem os seus porcos aos matadouros, sob o fundamento de que esses animaes, muito gordos, não supportam qualquer viagem. A verdos perfeitamente, mesmo se tratando de anidade é que os suinos podem ser transportaes bem gordos. Aos que devem ser tocados a pé, convem antes uma meia engorda razoavel: assim elles viajarão dias e dias, ganhando até alguma coisa no peso, se forem sempre bem tratados e alimentados somente marchando nas horas frescas do dia. Quando a distancia entre o centro criador e o centro industrial for demasiada, o criador venderá os seus porcos ainda magros ao engordador que se localizará nas proximidades dos matadouros.

Não haverá a apregoada anniquillação dos colonos — segundo o conceito de alguns interessados — com a obrigatoriedade da manança de suinos nos estabelecimentos inspeccionados. A riqueza continuará a sua circulação.

Devemos partir do principio de que ao colono cabe muito bem o papel de criador, nunca o de fabricante. O colono deve fornecer o porco vivo ao matadouro da fabrica devidamente aparelhada. Esta começa a sua tarefa, partindo do porco vivo, examinado pelo pessoal da inspeção veterinaria do animal assim garantido, ella deve tirar todo o proveito possivel, industrializando-o, activa e intelligentemente.

# RUMOS PARA A SERICICULTURA BRASILEIRA

MARIO VILHENA

da Estação Experimental de Sericicultura, de Barbacena

O Brasil precisa augmentar a sua producção de sêda. E precisa por razões de ordem economica, já muito divulgadas entre-nós, e que pôdem ser assim synthetizadas, categoricamente:

1. Nenhum paiz offerece, como o nosso, melhores condições naturaes para a cultura da amoreira e a criação do bicho da sêda;

2. Não produzimos, actualmente, mais de 600.000 kilos de casulos e consumimos, importando-os, productos de seda equivalentes a mais de 12 milhões de kilos de casulos.

Então, como poderemos augmentar a nossa producção de sêda? Tentarei responder á pergunta, offerecendo dez sugestões como esboço de rumos para a sericicultura brasileira;

1.<sup>a</sup> — **ENSINO** — Precisamos diffundir, em todo o paiz, o ensino da sericicultura. Sem elle, caminharemos vagarosamente. De tres graus deve ser esse ensino:

a. **superior**, nas escolas de agronomia fazendo, de agronomos, **technicos em sericicultura**.

b. **médio**, para os technicos agricolas, alumnos de escolas normaes ruraes e professores primarios, formando **sericultores**; e

c. **primario**, em todas as escolas primarias do paiz, creando entre nós, uma mentalidade sericicola.

Já actuámos nesses graus, verificando permeabilidade ao nosso trabalho: os estudantes de agronomia, as crianças das escolas e os professores primarios acolhem, com entusiasmo, o ensino da sericicultura. Na Escola Superior de Agricultura e Veterinaria de Viçosa, durante os annos de 1935 e 1936, dirigimos cursos de **technico em sericicultura e sericultor**, frequentados por 190 alumnos procedentes de todos os pontos do territorio nacional.

A Escola Nacional de Agronomia deve crear um curso facultativo de technico em sericicultura e o ensino médio deve ser introduzido na Escola Agricola de Barbacena e nos Aprendizados Agricolas da Directoria de Ensino Agricola. O Ministerio da Agricultura precisaria ainda influir no sentido de a sericicultura ser praticada nos estabelecimentos de ensino normal e primario das zonas ruraes.

2.<sup>a</sup> — **Experimentação**: — Ainda não dispomos de um trabalho experimental sericicola no Brasil, porque o que se fez e se faz, nesse sentido, em Barbacena, em São Paulo e na Bahia, é pouquissimo, é nada, diante da tarefa que se deve realizar.

## CONCLUSÕES: —

1.<sup>a</sup>) Possuimos um rebanho porcino notavel, cujo melhoramento é facil, porque podemos fornecer alimentação basta e variada, como podemos obter o tipo que convier ao mercado (banha, toucinho, bacon, carne), introduzindo os reproductores melhorantes para cada caso.

2.<sup>a</sup>) Mas, ainda não contamos com uma industrialização racional desses animaes, á altura das nossas possibilidades.

3.<sup>a</sup>— A industrialização dos suinos no Brasil comprehende:

a) a industria racional, cujos productos são economicos e higienicos.

b) a meia industria, cujos productos são higienicos, mas não são economicos.

c) a industria domestica, cujos productos não são nem economicos, nem muito menos higienicos.

4.<sup>a</sup>) A fabricação caseira de productos suinos constitue um serio problema de Hygiene Alimentar. Deve ser prohibido, sem mais tardança, o fornecimento dos productos dessa fabricação defeituosa e suspeita aos estabelecimentos industriaes que funcçionam para o commercio interestadual, e com maior razão, internacional, devendo o Governo mandar cumprir integralmente o regulamento do Serviço de Inspeção dos Productos de Origem Animal, do D. N. P. A.

5.<sup>a</sup>) Os governos federal, estadual e municipal deveria mconjugar os seus esforços no sentido de proporcionar melhores estradas ás zonas de criação de suinos, de modo a permitir o facil transporte de animaes vivos para os matadouros.

Quaes os typos de cruzamentos de bicho da seda optimos para as diversas regiões climaticas do paiz? Ninguem me responderá a esta pergunta, satisfactoriamente...

E isto é tudo para a nossa industria sericicola, porque o sericicultor de uma região só deve criar larvas que nella se achem hereditariamente aclimadas, e que sejam robustas e productivas.

Um plano de trabalho de natureza experimental deverá ser organizado scientificamente e scientificamente executado — sem o que não augmentaremos a producção de seda no Brasil.

3.<sup>a</sup> — **FOMENTO:** Mau grado o esforço e a incontestavel dedicação dos technicos da Inspectoria Regional de Sericicultura em Barbacena, é ainda acanhado o fomento da sericicultura entre nós. A propaganda dessa industria deve ser multiplicada e objectiva, continuada, firme, precisará attingir as regiões em condições de produzir casulos do bicho da seda economicamente, attendendo á densidade demographica, meios de comunicação, capacidade de beneficiamento dos casulos.

Todos os recursos governamentais se applicariam nessas regiões, não se dispersando nos territorios sem expressão economica para a sericicultura. Em summa, devemos formar sericicultores onde o casulo possa ser produzido lucrativamente e collocado com facilidade.

Cabe ainda ao serviço de fomento fornecer aos sericicultores mudas de amoreiras e ovos de bicho da seda, orientando-os na venda das suas safras de casulos.

4.<sup>a</sup> **PRODUCCÃO DE OVOS** — Entre nós, produz-se distribue-se e importa-se ovos do bicho da seda sem fiscalização do governo federal, situação que não pôde perdurar, sem semente garantida, sadia e productiva, não pôde haver sericicultura.

A lei que o governo federal vier a baixar dispondo sobre a producção, importação e distribuição de ovos do bicho da seda e sua fiscalização terá que acautelar devidamente os interesses dos sericicultores e só da sua execução fiel e rigorosa em todo o paiz poderá nascer a confiança dos nossos criadores nas sementes que lhes são entregues pelos institutos séricos. Com essa lei, si cumprida, morrerá a producção clandestina de ovos, que se distribuem em pedaços de papelão por ahí a fóra, producção essa feita na ignorancia total da sementagem racional.

Regulamentada a lei-base da nossa sericicultura, ninguem poderá produzir se-

mentos do bicho da seda e distribui-las sem dispôr de elementos technicos, materiaes e humanos, para isso.

Tal regulamento terá que estabelecer os seguintes pontos essenciaes para o Brasil:

1. producção de ovos pelo **systema cellular** de Pasteur, sob as directrizes amplas de Acqua;

2. producção de ovos com casulos provenientes de criações indemnes de flaccidez e de polyedria;

4. producção de ovos com casulos de raças puras, colhidos de criações especiaes para reproducção, realizadas obrigatoriamente sob a orientação e a assistencia de instituto sérico autorizado;

5. distribuição de ovos de cruzamentos robustos e productivos aos sericicultores communs, e não de raças puras;

6. distribuição de ovos sómente aos sericicultores que não distem mais de tres dias de viagem terrestre ou aérea do instituto sérico;

7. distribuição de ovos em envolturos especiaes, separados de toda a correspondencia commum;

8. distribuição exclusiva de ovos racionalmente hibernados, só sendo permitido o transito de sementes não hibernadas quando destinadas a instituto sérico autorizado;

9. importação para fins experimentaes de ovos de raças puras por institutos séricos autorizados, procedentes taes ovos sómente de institutos igualmente autorizados e sempre não hibernados e acompanhados das femeas que os depuzeram e da historia da sua criação;

10. fiscalização pelo Ministerio da Agricultura, através dos seus organs séricos, dos institutos séricos nacionaes, particulares ou officiaes, sob penalidades e com o rigor necessarios ao fiel e permanente cumprimento da lei.

5.<sup>a</sup> — **COORDENAÇÃO DOS SERVIÇOS SÉRICOS:** — O governo federal e os governos de muitos Estados têm cuidado com louvavel interesse do fomento da sericicultura entre nós, O que se precisa fazer é organizar esse fomento, coordenar, reunir todos os esforços officiaes num só organismo sericicola. Ha dispersão de trabalho, ha energia e boa vontade mal aproveitadas — e ha um serviço federal, a Inspectoria Regional de Sericicultura em Barbacena, de acção nacional, mas com poucos recursos e sem uma organização que lhe permita controlar as actividades dos serviços estaduais, mas controlar para auxiliar, para dar um só rumo a essa industria brasileira. Pensamos sinceramente

que o Ministerio da Agricultura brasileira. Pensamos sinceramente que o Ministerio da Agricultura não deve ficar alheio aos trabalhos dos serviços estaduais, enfilexando-os num organ em que o esforço de todos se harmonize, porque todos visam um só objectivo. Devo dizer que os Estados desejam essa acção conjuncta e harmonica com a repartição federal, mas ainda não se estudou o modo dessa reunião de actividades. O Ministerio da Agricultura poderia dar uma solução racional, scientifica, ao problema sericicola nacional, constituindo uma commissão especial para estudar a commissão pequena e eficiente — cabendo a essa commissão, principalmente, promover a conjugação dos elementos estaduais e fixar definitivamente os rumos da sericicultura brasileira. Assentados esses rumos, reorganizada e ampliada a Inspectoria de Sericicultura de Barbacena, reunidos em um só bloco quantos hoje actuam, aqui e alli, em prol da industria sericicola, estaríamos em condições de fazer do Brasil um dos grandes productores de seda do mundo, quer dizer, sahiríamos do terreno abstracto das possibilidades para o campo das realizações, com repercussão na balança economica do paiz.

6.<sup>a</sup> — **ESTAGIO NA ITALIA** — Não dispomos de technicos de sericicultura em numero sufficiente e, como não julgamos proveitosa a importação de technicos estrangeiros, desconhecedores das nossas condições ambientais, pensamos que o Brasil precisa enviar á Italia, paiz **leader** da sericicultura, alguns dos nossos bons technicos, os quaes orientariam, depois, a formação de um corpo de technicos em sericicultura. Os technicos em estagio na Europa cumpririam este programma, que justifica esta suggestão:

1. aprender os modernos methodos de sementagem;
2. observar os organismos sericicolas, para adaptal-os ao Brasil;
3. observar, **in-loco**, as causas da crise que afflige os paizes sericicolas;
4. observar as organizações industriaes de fição, tintararia e tecelagem de seda;
5. acompanhar os trabalhos das estações experimentaes de sericicultura;
6. collectar a legislação e a litteratura sericicolas;
7. visitar as regiões onde a sericicultura se acha mais desenvolvida.

Os trabalhos seriam intelligentemente distribuidos, de modo que cada technico determinanda especialidade da sericicultura.

7.<sup>a</sup> — **VIAGEM DE INQUERITO A'S AMERICAS**: — Diversos paizes americanos, como a Argentina, a Colombia, Cuba, Mexico, tentam a introdução da sericicultura, convindo, por isso, que um tecnico brasileiro realize nelles uma viagem, para:

1. observar os organs officiaes de fomento da sericicultura; raes para a sericicultura, em relação ao Brasil;
3. observar o que já se realizou, o interesse do povo e a importação de seda de cada paiz.

Assim, o Brasil dirigira a sua organização sericicola, tendo em vista o que se faz e o que se fará na America. Não se precisa demonstrar as vantagens que obteríamos com as observações do nosso tecnico.

8.<sup>a</sup> — **COOPERATIVISMO SERICICO LA**: — A' proporção que se forem creando os nucleos sericicolas, deveremos reunir em cooperativas os sericicultores de cada nucleo, assegurando-lhes assim, não apenas uma orientação uniforme, tanto tecnica como economica, mas ainda uma arma de defesa contra os compradores de casulos, si porventura estes quizerem e puderem explorar os sericicultores.

O poder publico estimulará a formação de cooperativas, dando ás mesmas a sua assistencia tecnica e financeira, conforme os planos de trabalhos que forem organizados.

Em S. Paulo, espera-se um grande desenvolvimento da sua sericicultura, graças á organização cooperativa que ella vae tendo, nascida de um esforço conjugado da Secção de Sericicultura do Departamento de Industria Animal com o Departamento de Assistencia ao Cooperativismo. Por que esse plano não poderá dar os mesmos bons resultados em todo o Brasil?

9.<sup>a</sup> — **ESTIMULO A'S FIAÇÕES** — As meadas de seda animal que as fabricas nacionaes transformam em lindos e perfectos tecidos de seda são importadas em sua quasi totalidade, porque sabe-se muito bem, produzimos a vigesima parte do que consumimos. Não nos bastará para evitar essa importação onerosa crear em todo o territorio nacional uma mentalidade sericicola. Precisaremos, ao mesmo passo, garantir a collocação das safras de casulos, fomentando, facilitando, auxiliando, a installação de fiações e tecelagens de seda, sem o que de nada nos valerão as futuras safras de milhões e milhões de kilos de casulos. E, si o poder publico quizer, teremos no Brasil o numero de fiações

necessárias a garantir o beneficiamento dos casulos que viermos a produzir. Em 1935, capitalistas norte-americanos desejaram empatar, de início, cerca de 40.000 contos de réis no estabelecimento de fiações em todo o território do Brasil, mediante planos a serem organizados de commun accordo com a Inspectoria Regional de Sericicultura que o Ministerio da Agricultura mantém em Barbacena. Isto prova que, si quizermos, teremos, aqui, as fabricas indispensaveis ao aproveitamento da riqueza que ainda não creamos — mas que ahí está á nossa espera.

10.<sup>a</sup> — **UM SERVIÇO DE SERICULTURA:** — As suggestões que ora enfileiramos, procurando traçar rumos para a sericicultura brasileira, não poderão ser executadas si o Ministerio da Agricultura não dispuzer de um organismo sério — um **SERVIÇO DE SERICULTURA** —, ampliando a acção até agora heroicamente desenvolvida pela Inspectoria Regional de Sericicultura em Barbacena.

Esse **SERVIÇO DE SERICULTURA** disporia de Inspectoria Regionaes de Sericicultura no Norte, Nordeste, Centro, Sul e Suleste do Brazil, e caber-lhe-ia:

a. a experimentação, o ensino e o fomento da sericicultura em todos os seus aspectos;

b. a fiscalização da producção, importação e distribuição de ovos do bicho da seda;

c. a fiscalização das empresas sericícolas que receberem qualquer auxilio do governo federal; ;

d. a orientação dos serviços officiaes de sericicultura, estadoaes ou municipaes, bem como a dos particulares que solicitem essa cooperação.

Para prover aos cargos technicos especializados do **SERVIÇO DE SERICULTURA**, incluir-se-ia, no Quadro Unido do Ministerio da Agricultura, a carreira de **Technico em Sericicultura**. As despezas com o fomento da sericicultura nacional, inclusive o funcionamento normal de todos os organs do **SERVIÇO EM SERICULTURA**, correriam por conta das verbas já destinadas a isso, de quotas estadoaes e municipaes e ainda da receita arrecadada com a taxa addicional de 4<sup>o</sup> que se obra nas Alfandegas sobre as importações de seda, taxa essa que seria elevada para 5 ou 6<sup>o</sup>.

Com um **SERVIÇO DE SERICULTURA** organizado como ha annos planejamos, e pondo-se em execução as medidas que lembramos, incrementariamos a sericicultura no Brasil, elevando as nossas safras de casulos de poucos milhares de kilos para muitos milhões de kilos.

O Ministerio da Agricultura do Estado Novo póde prestar esse serviço ao Brasil, fazendo do nosso paiz um grande produtor de seda.

## SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

### EXPEDIENTE

#### SOCIOS INSCRIPTOS EM 1938

Ferreira Vieira — Estado de Goyaz.  
 Dr. Cezar da Cunha Bastos — Estado de Goyaz.  
 João do Nascimento Costa — Estado de Goyaz.  
 Felipe Santa Cruz — Estado de Goyaz.  
 Dr. João de Almeida Queirós — Estado de S. Paulo.  
 Fabio Junqueira Franco — Barretos — S. Paulo.  
 Alcides Parisio de Souza — Distrito Federal.  
 Joaquim Candido de Carvalho — Estado de Goyaz.  
 José Vieira Netto — Distrito Federal.  
 Dr. João de Souza Mendes — Distrito Federal.  
 Dr. João Cavalcanti Ferreira de Mello — Porto Alegre.

Dr. Yderzio Luiz Vieira — Distrito Federal.  
 Eduardo Bastos Jorge — Distrito Federal.  
 Antonio Correa da Silva — Nictheroy.

#### CORRESPONDENCIA

Recebida, documentos . . . . .	1.256
Expedida, documentos . . . . .	2.143

#### SERVIÇO DE FORNECIMENTOS

Foram attendidos durante o anno os seguintes pedidos:

600 doses de vaccinas contra a peste da manqueira, fornecida ao Sr. James Frederick Clark.

2.000 dozes de vaccinas contra a peste da manqueiras distribuida ao Sr. Jeronymo Antonio Coimbra.

# Como fundar Associações de Classes, federal-as e confederal-as

*Domingos Santayana Mascarenhas*

(These apresentada á II Conferencia Nacional de Pecuaria)

E' para mim uma grata ordem a solicitação da Federação das Associações Ruraes do Rio Grande do Sul, actualmente presidida pela intelligencia esclarecida e caracter combativo do Dr. Annibal Di Primio Beck.

Faz agora seis annos, abandonei a trabalhosa secretaria da F. A. R., onde operei dois biennios sob a presidencia do grande Ricardo Machado, idealista e realizador, para quem a classe rural forma a cupola do Universo. Hoje, entregue á faina bemdita dos campos, acho-me na melhor das posições para dizer quanto vale o espirito associativo.

Arames, sementes, mudas, vaccinas e outros remedios, machinas, reproductores, combustivel, assistencia technica, redução de fretes, de taxas, de impostos, credito rural, tudo se consegue, presentemente, por intermedio das nossas associações federadas. Não fica mais em promessa nem depende de pistolão de chefe politico, como noutros tempos em que os pedidos e reclamações mais justas careciam de força suasoria junto aos governos municipaes, estaduais e federaes.

Por isso, têm sempre oportunidade as affirmações e advertencias de Borges de Medeiros, Getulio Vargas e Ricardo Machado.

"Associae-vos, organizae uma direcção central, creae os organismos necessarios á defeza da vossa industria. Individualmente e isolados, continuareis a ser fracos e impotentes,

mas, organizados e unidos pela solidariedade e cooperação, sereis uma força invencivel." B. de M. — Disc. Cong. Rur. 1927.

"O desenvolvimento do espirito associativo entre os criadores é a resultante das duras licções da experiencia e de uma melhor comprehensão dos phenomenos economicos." G. V. — Disc. Cong. Rur. 1929.

Isoladamente, cada um de nós criadores, nunca será bastante forte para se fazer ouvir na defeza de seu interesse; associados, porém, por representarmos, em nossas reclamações, interesses collectivos e não individuaes, seremos sempre ouvidos e amiude attendidos". R. M. Delegado de S. Gabriel.

## SYNTHESE DOGMATICA

A Sociologia estuda a evolução espiritual e temporal da Humanidade. Na parte referente ao poder temporal, explica a organização material da Sociedade. Esta organização é a base de todo o associativismo de classe.

Nas lutas entre as nações do mundo e dentro dellas, vislumbra-se grandes conflictos espirituaes, porém, não ha negar, sobresahem de modo relevante as divergencias materiaes. A causa é a mesma sempre, quer se titulem os regimes de bolshevismo, fascismo e nazismo ou, melhor, de sovietismo russo, corporativismo italiano e trabalhismo allemão.

2.000 doses de vaccinas contra o carbunculo heatico e peste da manqueira ao Sr. Sebastião Fernandes Gurgel.

5.000 doses de vaccinas contra a peste da manqueira aos Srs. Costa & Cia.

500 doses de vaccinas contra o carbunculo hematico ao Sr. Bellarmino Pires.

1.100 doses de vaccinas contra a peste da manqueira fornecidas ao Sr. Sebastião Mendes de Araujo.

A Sociedade attendeu ainda, os seguintes pedidos de plantas.

5.000 mudas de eucalyptus.

700 mudas de laranjeiras, diversas variedades.

5.000 mudas de abacaxi.

200 mudas de fruteira de conde.

1 machina para matar formigas marca Agro-Defeza.

Dentre os multiplos serviços prestados pela Sociedade Nacional de Agricultura, aos seus numerosos associados, cumpre salientar, pela sua natural importancia, o referente aos fornecimentos de material agrario, adubos, insecticidas, plantas, sementes, medicamentos veterinarios, todos os utensilios, emfim, indispensaveis ao trabalho das fazendas.

Todos os povos têm a intuição de que a phase guerreira passou, embora vivam ainda constante policia de fronteiras de que a actividade humana é agora principalmente industrial e deve ser pacifica; de que aos governos cumpre exercer poderes meramente temporaes. E os grandes chefes nesse sentido dirigem seus esforços. Entretanto, quando todos desejam ordem, bem estar, saúde, bom governo, parece que ninguem sabe ou ninguem quer saber o caminho a seguir para collimação desses objectivos. E a massa menos favorecida e os ambiciosos do poder têm pressa e a pressa estraga tudo.

No Brasil, que por tão cruentas experiencias tem passado, penso que uma verdadeira comprehensão da organização material para qual tendemos e um maior desenvolvimento do espirito associativo evitar-nos-ão exóticas innovações, bem como novas convulsões sangrentas. Assim, prosigo nesta exposição, sem prejuizo do thema que me foi offerecido.

### A ENTROSAGEM ECONOMICA

A organização material da sociedade cifra-se na interdependencia natural de quatro classes: Rural ou productora, constituida pela lavoura e pela pecuaria e fornecedora das materias primas Fabril ou transformadora, que manipula e transforma as materias primas: Commercial ou distribuidora, que serve de intermediaria entre a producção rural e fabril e o consumo; e Bancaria ou reguladora, verdadeiro vaso communicante entre as outras classes. Sem a classe rural as outras não existiriam. Todas têm a sua função importantissima, mas a classe bancaria, no estado actual da civilização, torna-se a chave de todas, a cabeça do governo.

Ao lado dessas classes e por ellas sustentadas, encontram-se as classes espirituas leigas — medicos, advogados, etc., e as classes espirituas religiosos — os sacerdocios das diversas religiões.

O poder temporal é o organ coordenador das actividades *praticas* das classes economicas e das classes espirituas. A sua interferencia nas actividades *theoricas e religiosas* é nociva, perturbadora e anachronica e, portanto, condemnavel.

### CONSIDERAÇÕES A' MARGEM

A palavra *classe* não tem hoje o significado absoluto da Edade Media, não é um curriculo fechado — qualquer homem, dependendo sómente da sua capacidade, pode ser, simultaneamente, sacerdote, medico, agricultor, fabricante, commerciante e banqueiro, empregador e empregado e até membro do governo.

O governo ou poder temporal será exercido, no futuro por um triumvirato de banqueiros — um rural, um fabril e um commercial.

O capital é social, em sua origem e destino, ninguem o leva para o tumulto e transmite-se de geração em geração. Não se identifica com o patrão ou empregador, o qual é d'elle méro depositario ou administrador, por investidura hereditaria ou social. O trabalho participa das mesmas características do capital, social em suas origem e destino, é devido por todos e não se identifica com o operario ou empregado, o qual, junto com o patrão, é apenas seu agente, por investidura hereditaria ou social. Falar, pois, em luta entre capital e trabalho é um contrasenso, cegueira revolucionaria. Patrão ou empregadores e operarios ou empregado são agentes do trabalho e constructores do capital: um administra, o outro collabora, ambos por investidura hereditaria ou social e acontece muitas vezes trocarem de posição. O problema chamado social consiste, portanto, apenas em reajustar direitos e deveres de ambos, as suas reciprocas obrigações, pelo criterio do bem geral. Isso se conseguiria dentro dos codigos — civil, rural, fabril, commercial e bancario, entregues os litigios á justiça commum, sem leis dispersas e extravagantes nem ministerios de trabalho.

### OS MOVIMENTOS REVOLUCIONARIOS MODERNOS

Estabelecido que a organização material da sociedade é concretisada pela engrenagem economica das quatro classes acima referidas, que essas classes é que nutrem a vida das nações, que a sua contribuição é a base dos orçamentos e o fiel das balanças commercial e de pagamentos municipaes, estaduais e federaes, comprehender-seá que, separado o poder espiritual do temporal, transformada a actividade humana de guerreira em industrial toda a parte governar, quer dizer, votar os seus impostos, prover as suas necessidades de hygiene, instrucção elementar e técnica, transportes, etc, e reformar as condições de credito e trabalho. Esse anseio muito justo e sobretudo natural, interpretado á luz de doutrinas empiricas, fóra da realidade humana e sociologica e complicadas por uma viciosa concepção de que sejam cpital e trabalho, patrão e operario, deu em resultado as revoluções: — de baixo para cima, denominada sovietismo russo; de cima para baixo, intitulada corporativismo italiano, e, simultaneamente, de baixo para cima e de cima para baixo, chamada nazismo allemão. E dahi, para o resto do mundo, uma porção de imitações desses systemas, mais ou menos viaveis, devido á causa commum sociologica já acima apontada.

Tambem no Brasil as clases economicas querem governar e pouco a pouco se vão organizando e tomando parte na direcção do paiz. Os partidos politicos tradicionaes cedem terreno por força de leis naturaes. Deradeiras resistencias de uma ordem velha, que já durou demais, essas composições inuteis de chefes de facção em torno de questiunculas que os desambientam e enfastiam as massas, determinarão crises beneficas com transformações radicaes.

Modificado o sentido das chamadas reivindicações proletarias, reajustados os direitos e deveres de empregadores e empregados na sua livre cooperação como constructores do capital brasileiro, reformados os methodos de agremiação das classes, espontaneamente, de maneira que numa mesma associação conjuguem seus interesses empregadores e empregados de cada classe, os classistas irão paulatinamente tomando as reideas dos governos municipaes, estaduais e federal, dentro da ordem legal existente, apesar do remanescente dos partidos politicos actuaes, que ainda discutem formas de governo e logares na administração publica.

#### COMO FUNDAR AS ASSOCIAÇÕES DE CLASSE DOS ESTADOS, COMO FEDERAL-AS E UNIL-AS NUM ORGANISMO NACIONAL

A historia da fundação da Federação das Associações Ruraes do Rio Grande do Sul já foi escripto ants da F. A. R. houve varias tentativas e experiencias.

A idéa não estava madura e fracassaram. Entretanto continuaram a viver, em alguns municipios, onde era mais forte o espirito associativo e a consciencia economica, associações ruraes de forma estavel, congregando uma elite da classe rural, que tornou possível um novo esforço e a bella victoria de 1927.

De então para cá, o exemplo frutificou e novas entidades se fundaram, immediatamente filiadas à Federação.

O estudo dos estatutos da F. A. R. revela o segredo desse progresso associativo. Uma grande lição se tira de logo: nenhum movimento associativo será possível no Rio Grande do Sul e no Brasil si não se respeitar a nossa fatalidade historica da autonomia local. O municipio será sempre a cellula da nacionalidade. Todos os brasileiros somos federalistas no sentido grammatical da palavra. Quêremos que os governos sejam fortes e façam os que lhes cabe, porém que não nos peiem a livre iniciativa, para que tambem possamos fazer a parte que nos toca, justamente o contrario do que anda por ahí. Triunphará todo o movimento que se provocar da periphéria para o centro; todo aquelle que vier do cen-

tro para a periphéria fracassará. Notar-se-á, mais tarde, a necessidade de padronizar as associações, uniformisar os seus estatutos, cousa que então não apresentará difficuldades. Na prevenção desse trabalho futuro, manifestaram-se sobremaneira clarividentes fundadores da F. A. R., os redactores dos seus estatutos e o grande congresso rural de 1927.

A Federação das Associações Ruraes do Rio Grande do Sul consta: 1 — de uma directoria, organ executivo destinado a effectivar as resoluções votadas pelos congressos ruraes annuaes, aos quaes concorrem não só os delegados das associações federadas como todos os ruralistas, os technicos da Secretaria de Agricultura e agronomos e veterinarios, com direito de opinião, reservado o direito de voto aos delegados referidos; 2.º — uma direcção central permanente, organ deliberativo para os casos de emergencia, cujas resoluções são encaminhadas á directoria para a respectiva execução. O raio de acção da F. A. R. estende-se sobre todo o territorio estadual, mas só intervem nos assumptos municipaes por intermedio da associação local, autonoma dentro das fronteiras do seu municipio. As associações federadas, por sua vez, confiam á Federação a mediação de todos os seus assumptos fóra dos municipios e junto aos governos estadual e federal. Os casos mais graves, as aspirações ainda não amadurecidas são levadas aos grandes congressos ruraes. Seguem tambem esse destino as resoluções parciaes dos pequenos congressos ruraes regionaes, para que sejam harmonizados os interesses das diversas regiões do Estado, de accordo com o bem geral da classe. A Federação e as associações ruraes actuam, em materia rural, parallelamente aos governos municipal, estadual e federal, collaborando ou discordando, com um peso de opinião que dia a dia vae augmentando e que a representação classista veio favorecer. São um verdadeiro governo rural dentro do Estado.

Não sei de melhor systema a recomendar ás classes rural, fabril, commercial e bancaria do Rio Grande do Sul e js mesmas classes nos demais estados do Brasil.

Num futuro proximo, quando a Federação das Associações Ruraes, a Federação das Associações Fabris, a Federação das Associações Commerciaes e a Federação das Associações Bancarias do Rio Grande do Sul se reunirem num grande congresso economico, para harmonizar seus interesses, para estudarem a legislação do Estado e dos municipios, os impostos que recahem sobre a lavoura, a pecuaria, a fabricação, e commercio e o banco, os fretes, as taxas, os transportes, a hygiene e a instrução technica, nesse dia, quem sabe si este congresso não se substituirá, automatica-

mente, á Assembléa do Estado, pelo menos de modo officioso, na parte referente ao orçamento que essas classes sustentam. E' de esperar mesmo que, então, desses congressos saiam os presidentes de estado e eus secretarios. E os homens de partido terão de escolher entre as conveniencias partidarias, hoj tão pouco respeitaveis e tão ridicularizadas pelos jornaes, e os interesses mais sérios das classes a que pertencerem. Neste ponto, quero frizar que não presumo fazer prophcias politicas nem agitar questões que merecem tal adjectivo. Mas estou convencido de que chegaremos pacificamente a tal gráo de consciencia social, de que o movimento associativo inaugurado em 1927, então sem intenção politica ou de conquista ao poder, hoje e sempre sem essa perturbadora finalidade, terá fatalmente esse desfecho, para felicidade geral, por força da logica dos acontecimentos politicos e sociaes. E oxalá propiciem os governos transitorios esse movimento, affastando de vez os perigos da experimentação dos systemas victoriosos noutras nações.

#### COMO FUNDAR UMA CENTRAL NACIONAL

Em coherencia com o acima exposto não posso deixar de recommendar para a fundação de um organismo associativo rural nacional, o mesmo methodo adoptado para a fundação dos estaduaes.

Uma directoria com poderes executivos; uma direcção central com funcções deliberativas; os congressos ruraes nacionaes, com direito de voto reservado ás federações confederadas. As federações de associações estaduaes serão autonomas nos seus estados e transmittirão seus interesses fóra do Estado: 1 — quando junto ao governo federal e suas repartições, por intermedio da Confederação das Federações de Associações Ruraes do Brasil; 2 — quando junto aos outros governos estaduaes, por brevidade, por intermedio das federações desses estados, avisando ao mesmo tempo a Confederação.

Seria de grande importancia que se confederassem tambem as federações de associações das demais classes. afim de que, futuramente, se possa reunir na Capital Federal, um grande congresso economico das confederações de federações de associações ruraes, fabricis, commerciaes e bancarias do Brasil, que influo da mesma forma na esphera federal.

#### ULTIMAS PALAVRAS

No quero concluir esta exposição sem recommendar, mais uma vez e com empenho, que as associações de classe, sempre que possível e apesar do baixo nivel de instrucção

operaria, devem chamar ao seu gremio de patrões ou empregadores os operarios ou empregados do mesmo ramo de trabalho, principalmente nas localidades onde elles já se hajam constituído em associações de classe separadas, procurando etpresen kl—

procurando ter presente que tanto empregadores como empregados são agentes do Trabalho e cooperadores na construcção do Capital, por investidura hereditaria ou social, podendo ambos mudarem de posição, como aliás acontece todos os dias, por competencia ou incompetencia respectivas.

#### CONCLUSÕES

1 — A organização material da Nação é constituída pela entrozagem economica das classes rural, fabril, commercial e bancaria.

2 — Convem que os elementos dessas classes se associem em todos os municipios do Brasil, com fins de utilidade publica. Este Congresso redigirá um modelo liberal de estatuto de associação de classe municipal rural.

3 — Convem que, havendo em um Estado associações de classe em numero igual a um terço do total dos municipios, seja fundada a federação dessas associações com fins de utilidade publica. Este Congresso redigirá um modelo de estatuto.

4 — Convem que, havendo no Paiz federações de associações de classe em numero igual a um terço do total dos Estados, seja fundada a confederação dessas federações, com fins de utilidade publica. Este Congresso redigirá os estatutos.

5 — Indico, como methodo a seguir para a fundação de associações, federações de associações e confederação dessas federações, o adoptado pelo Congresso Rural do Rio do Sul de 1927.

6 — A propaganda do associativismo de classe deve ser intensificada em todo o Pais, por todos os meios de publicidade, principalmente pelas exposições feiras e congressos municipaes, estaduaes e federaes.

7 — Logo que possível, procurar-se-á reunir em congresso economico as federações de associações das classes rural, fabril, commercial e bancaria. estadoaes.

8 — Logo que possível, procurar-se-a reunir em congresso economico as confederações de associações das classes rural, fabril, commercial e bancaria brasileiras.

9 — As associações das classes rural, fabril, commercial e bancaria pleitearão, como munus publico, a admissão de um conselho de administração, por ellas indicado, junto ás directorias das prefeituras municipaes, com direito de acompanhar a execução das medidas

# As semanas da Sociedade Nacional de Agricultura

Sessão de 27-1-38

## A exportação do Pinho nos Estados do Sul — A Defesa dos Nossos Pinheirões e a Indústria de Cellulose — A Padronização dos Productos Agrícolas — O Abastecimento da Capital Federal — A indústria hervateira

Realizou-se, como de costume, a sessão semanal da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura, cujos trabalhos foram presididos pelo Sr. Arthur Torres Filho.

Após a leitura do volumoso expediente, comunica o Sr. Presidente que uma comissão, de que fez parte, composta ainda pelos Srs. Virgínio Campello, Humberto de Andrade, José Maria Fernandes e Arruda Camara, feita receptiva pelo Sr. Ministro da Agricultura, acompanhada de uma delegação de industriaes de pinho, afim de tratar com S. Ex. de medidas tendentes á defesa florestal do pinho, com o objectivo do reflorestamento immediato e, tambem, da organização commercial da respectiva industria. Tal iniciativa foi tomada attendendo ao facto de que o pinho brasileiro está tendo grande acceitação nos mercados exteriores. A exportação de madeira, em 1936, foi de mais de 190.000 toneladas, em grande parte representada pelo pinho do Paraná, que foi exportado em maior proporção para a Argentina, Estados Unidos, Allemanha, Portugal, Italia e até para o Japão. Em virtude dessa acceitação, tem-se intensificado muito a exploração dos pinheirões nos Estados do Sul, acontecendo que as estradas de ferros não estão dando vazão ás saídas do pinho. Pensam os industriaes — e isso foi declarado ao Sr. Ministro — por outro lado, no aproveitamento industrial dessa materia prima visando a sua transformação em cellulose, de consumo cada vez maior em todos os paizes e cujas fontes de materia prima, por sua vez, vão tambem mais de-

crescendo. A pequena quantidade que hoje fabricamos, não dá, absolutamente, para as nossas necessidades de 100.000 toneladas annuaes, para a sua transformação em papel e em papel para a imprensa. Isto, sem falar nas outras applicações da cellulose, dentre as quaes é preciso incluir, como de primeira plana, as da defesa nacional. O pinho, continúa o Sr. Torres Filho, produz excellente cellulose e constitue, ainda, felizmente uma grande continuidade florestal nos Estados do Sul, que é preciso aproveitar e, ao mesmo tempo, resguardar da devastação desordenada que se verifica no actual processos de exploração. Os madeireiros, que a Comissão da Sociedade acompanhou até a presença do Sr. Ministro, desejosos de empregar os seus esforços nesse sentido, e como a Sociedade Nacional de Agricultura, por diversas veez, tem tratado com especial carinho da questão da cellulose, tiveram, assim, uma oportunidade feliz, demonstrando, louvavelmente, os seus objectivos de congraçamento de esforços, apoiando as medidas que forem, a respeito, adoptadas pelo Ministerio da Agricultura em face de tão relevante problema. O Sr. Ministro Fernando Costa apprehendeu, perfeitamente, a exposição feita pelos interessados e resolveu, immediatament, designar uma comissão que irá estudar o problema em todos os seus aspectos, e da qual fazem parte um representante do Ministerio da Agricultura, do Ministerio do Trabalho e da Sociedade Nacional de Agricultura.

O Sr. Virgínio Campello, que tem estudos realizados sobre o assumpto, mostra aos presentes os elementos que submetteu ao Sr. Ministro da Agricultura em abono da sua assertiva de que o Brasil poderá produzir a cellulose de que necessita e, ainda, poderá exportar o producto para o estrangeiro. Assim, apresentou a S. Ex. numerosas amostras de cellulose fabricada não apenas com o pinho do Paraná,

de seu interesse e de a respeito emmittir opinião: Conselho de Administração Rural Municipal, idem fabril, idem commercial.

10 — As federações de associações de classe farão o mesmo junto ás secretarias dos governos estaduais.

11 — As confederações de federações de

associações de classe farão o mesmo junto aos ministerios do governo federal.

12 — Convem, desde já, pleitear maior representação classista junto ás camaras municipaes, estaduais e federaes, mesmo utilizando o apoio dos partidos politicos que se puzerem ao lado dessa evolução.

mas, também, com outros productos das nossas florestas. Teve, também, occasião de declarar a S. Ex. que o pinho do Paraná, ao contrario do que geralmente corre, não é de crescimento tão lento, pois que as suas visitas ao habitat da *Araucaria Brasiliensis*, encontrou especimens com 8 e 10 annos perfeitamente desenvolvidos, aptos a aproveitamento industrial. Alonga-se, em seguida, em considerações relativas ao estabelecimento da industria no Brasil, mostrando que uma instalação poderia ser orçada em 500\$000 por tonelada de cellulose produzida.

Assim, uma fabrica com capacidade para 30.000 toneladas necessitaria de um capital de 150 mil contos, approximadamente, podendo, entretanto, ser mais baixo esse custo de accordo com o modo pelo qual fosse adquirida a instalação.

Termina apresentando, com approvação geral, a seguinte indicação:

"Em todos os paizes do mundo a questão florestal é tratada com carinho. Os paizes localizados nos tropicos são os que mais sentem a necessidade da arvore como protectora do sólo e fornecedora de sombra. Infelizmente são justamente elles os que mais soffreram com a imprevidencia dos seus habitantes e apresentam o attestado flagrante da devastação: o deserto.

Outros paizes consideram a floresta como de tal importancia economica que tem Ministerios proprios — Agricultura e Florestas, Terras e Florestas, etc., e não são sómente o que estão mais expostos ao calor intenso das proximidades dos tropicos, são outros onde o inverno é rigoroso, como o Canadá, por exemplo, mas que assim agem por que a sua maior fonte de renda, ou uma das maiores fontes de renda, vêm dos productos florestaes.

No Brasil nós alliamos estes pontos: temos muitas arvores florestaes que nos dão renda e temos o calor dos tropicos. Portanto, a nós interessa duplamente o assumpto e não deveremos esperar que sómente o Governo trate do assumpto, os particulares deverão formar uma barreira contra a devastação daquillo que devemos considerar como nosso patrimonio.

Como mostrar a 50 milhões de habitantes as vantagens da floresta no beneficio ao sólo, á agua e á gente? E' difficil dizer a todos os brasileiros que para cada arvore derrubada devemos plantar duas e mais difficil ainda será fazel-os cumprir essa obrigação.

Para isso, para esse fim, foi que Governos de outros povos deram não só auto-

rização como auxilio pecuniario e autoridade para que elles se organisassem em sociedade, em grupos, e levassem a propaganda orientada por um principio sadio até aos mais longinquos logares.

Nesta Sociedade eu já propuz que se organisasse um serviço dessa ordem, identico ao que faz a "Montrees Works of Forestry" na Inglaterra, ás innumerables "Naturschutzvereine" existentes na Allemanha e que são verdadeiras associações de protecção á natureza com o replantio systemático das arvores onde fôr preciso.

E' a silvicultura na extensão da palavra, o que não deixa de ser Agricultura, e que está dentro do programma e da acção da Sociedade Nacional de Agricultura.

Para isso, para que a Sociedade Nacional de Agricultura coopere com o governo na obra do reflorestamento que se torna, dia a dia, da mais imperiosa necessidade, eu proponho que seja iniciado um estudo com o Ministerio da Agricultura para que este forneça meios pecuniarios e de cessão de terras, dentro de proprios nacionaes, de modo a que possa a Sociedade, dentro em pouco, entrar em campo com a sua propaganda, com sua acção e com seu trabalho".

A seguir, o Sr. Torres Filho discorre sobre a necessidade da immediata padronização dos nossos productos de exportação. E' um assumpto que a Sociedade vem, tratando de longa data e que teve occasião de levar ao seio do Conselho Federal de Commercio Exterior, formulando mesmo um ante-projecto que mereceu estudo e apoio daquelle organ, que o encaminhou, depois, ao extinto Congresso Nacional. Esse assumpto, vem, felizmente, de merecer todo o decidido apoio do Sr. Ministro da Agricultura. Sabe que S. Ex. já tratou dessa materia junto ao Sr. Presidente da Repu., que, aliás, em varias occasiões se manifestou interessado na sua solução. Nesse sentido, o Sr. Torres Filho fez as seguintes apreciações:

"Diante da lucta da concorrência cada dia mais acirrada, todos os paizes voltam a attenção para a necessidade de commercializar a producção; e de effectuar a educação do agricultor, muito especialmente no que se refere ás questões de venda, tornando-a indispensavel na arte de produzir. O Commercio internacional dos productos agricolas adquiriu nos ultimos annos, enorme desenvolvimento devido, de uma parte, ao melhoramento da producção e dos meios de transporte e conservação; de outra, á extensão do consumo. Para passar do mercado interno aos mer-

cados exteriores, faz-se preciso um grande trabalho de organização commercial e essa organização exige: 1.º — a educação commercial aprofundada do productor; 2.º — a substituição da acção collectiva á acção individual; 3.º — a organização racional da producção e da venda.

#### **A educação commercial do productor:**

— Para ser bem succedido em sua exploração, o productor tem que offerecer seus productos de accordo com os desejos do comprador. A escolha das variedades mais apropriadas ao transporte, a boa embalagem, a remessa de productos sempre eguaes, são factores de successo para a conquista da confiança do comprador. As associações agricolas desempenham papel de grande importancia na educação do productor e o mesmo papel pode ser exercido pelas estradas de ferro.

#### **A acção collectiva dos productores: —**

A venda em commum tem-se imposto como necessidade imperiosa para a venda dos productos de alimentação. Por esse motivo os productores precisam organizar-se em associações profissionais, podendo tirar maior partido na criação de marcas especiaes e fazer a venda com toda garantia de autenticidade e origem, mediante perfeita padronização dos artigos. E' este o regime nde organização cooperativista que tem servido de base á organização commercial dos paizes grandes productores de artigos de alimentação. As organizações cooperativistas exercem, portanto, função de grande significação no commercio internacional, nelle intervindo para organizar as condições de embalagem, armazenamento e venda nos mercados.

**A organização racional da producção e da venda:** — Nenhum paiz poderá actualmente occupar posição de relêvo nos mercados internacionaes de consumo sem uma organização agricola e commercial obedecendo a methodos modernos de producção, transporte e venda. Tem-se, portanto, de cuidar de uma organização racional de producção e de venda. Na producção, a qualidade e o bom aspecto do producto, de um lado, e a continuidade de remessas das quantidades desejadas, de outro, representam as condições essenciaes. As culturas especializadas são necessarias para que haja producção em massa. Quanto á especializadas são massa. Quanto á organização racional da venda, tem-se de cuidar da regulamentação da exportação, mediante padrões e adoção de marcas commerciaes, exercendo-se rigorosa fiscalização, impondo-se penalidades severas aos infractores dos regulamentos. Sem a padronização segura,

que attenda á qualidade, á classificação e ao pèzo, não se pode conquistar a confiança dos mercados compradores.

Por consequente, sem um plano systematico que vise a organização commercial dos productos agricolas e das materias primas, não veremos o crescimento normal dos nossos productos exportaveis. A grande obra a emprehender é a educação do productor e a sua formação em agrupamentos profissionais, de modo a que, mediante o auxilio do crédito agricola, possam os productores fazer a venda em commum de suas colheitas, instituindo marcas commerciaes e a padronização.

Refere-se depois o Sr. Presidente á questão do abastecimento do mercado de generos alimenticios, provenientes da pequeno lavoura, lendo um interessante comunicado a respeito da creação de um mercado dotado das mais perfeitas instalações frigorificas, numa cidade mineira da Rumenia, o qual será publicado separadamente.

O Sr. Arruda Camara lê um appello enviado aos criadores paulistas pelo Sindicato dos Invernistas e Criadores de Barreiros, o qual, a seu ver, constitúe, ao mesmo tempo, um excellente estudo da posição do Brasil em face da industria pecuaria. Esse trabalho, termina o Sr. Arruda Camara, por traduzir com fidelidade o pensamento não só dos criadores de S. Paulo como do resto do Brasil, deve merecer todo o apoio da Sociedade Nacional de Agricultura.

O Sr. Torres Filho, refere-se ainda ao desenvolvimento da industria hervateira na Argentina, citando trechos de um jornal official do paiz amigo, cujos dados compulsa, concluindo por dizer que aquelle mercado, praticamente será fechado ao producto brasileiro, dado o crescente e surpreendente desenvolvimento da cultura do matê. E', diz, mais uma industria extractiva brasileira que desaparece ante a cultura systematica e organizada no estrangeiro.

O Sr. Presidente agradece a presença na casa, do Sr. Ribeiro Junqueira e este diz que não ha motivo para agradecimento especial. Sente-se bem entre os antigos companheiros da Sociedade, a cujo convívio promette voltar, com regularidade, uma vez restabelecido da molestia que, durante quasi um anno, o affastou de suas actividades normaes.

Nada mais havendo a tratar, são encerrados os trabalhos.

## Sessão de 2-2-1938

**A situação financeira dos lavradores de café — A representação da classe agrícola no Conselho de Commercio Exterior — A carestia da vida e os mercados regionaes na Capital Federal — A industria de lactícinios em Minas**

Com a presença de numerosos directores e associados, realizou-se hontem, como de costume, a sessão semanal da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura, tendo presidido os trabalhos o Sr. Arthur Torres Filho.

Do expediente, destacamos o memorial da Associação Paulista dos Lavradores de Café, remetendo as suggestões formuladas pelo Congresso de Lavradores de Café, recentemente reunido em São Paulo. Essas suggestões, cuja adopção depende do Governo Federal, e ao mesmo já enviadas, visam proporcionar ao lavrador "aguardar a organização do credito agrícola em bases convenientes", pois que a lavoura brasileira "tem sido sempre victimada pelos altos juros que paga pelas quantias necessarias ao seu custeio".

"Credito hypothecario não existe e os empréstimos feitos com garantia real o são a juros e prazos incompatíveis com o trabalho agrícola que necessita de juros baixos e prazos longos, como se faz em geral em todos os paizes. Necessario é, portanto — continúa o memorial — pleitear pela organização do credito agrícola, sob suas diversas formas, como também obter medidas que diminuam desde já os encargos onerosísimos que toda a lavoura brasileira supporta, sem o poder, derivando dahi as suas constantes crises economicas e financeiras, que empobrecem os lavradores desamparados e tem como funesta consequencia entorpecer o progresso da agricultura, sem o qual, doutra parte, não pode a economia do Brasil prosperar."

Pleiteia o Congresso de Lavradores de Café, em primeiro lugar, a reforma da Lei do Reajustamento Economico e das demais leis sobre a materia, afim de que possam preencher integralmente a sua finalidade, que foi a de auxilio á classe agrícola, dentro da mais rigorosa equidade. Em segundo lugar, pleiteia a prorogação do prazo para todos os debitos de lavradores existentes em 31 de Dezembro de 1937, quer tenham garantia hypothecaria ou não, inclusive o saldo restante das dividas reajustadas, pelo prazo de trinta annos, pela forma que foi resolvida.

O Sr. Torres Filho, commentando o memorial, declara que essa conclusões re-

velam que os lavradores de café não se acham satisfeitos com as varias providencias adoptadas pelo Governo. Parece-lhe, nunciamento definitivo da Sociedade, que seja ouvida a palavra do Departamento Nacional do Café, porque é bem possivel que, de 8 de Janeiro para cá — data da realização do Congresso — algumas daquellas medidas já estejam no plano das cogitações governamentais. Sabemos, por exemplo, que a Carteira de Credito Agrícola tem por objectivo attender justamente ao financiamento pleiteado pelos lavradores, o qual estava sendo regulamentado. A Sociedade poderia, também, enviar uma copia do dito memorial ao Dr. Souza Mello, pedindo-lhe o esclarecimento deste a São Paulo o Director do Departamento do Café, e, segundo se noticiou, muitos assumptos foram estudados, trazendo S. Ex. uma impressão muito satisfatoria dos meios cafeeiros. Trata-se de materia complexa, merecedora da maior sympathia da Sociedade, como é o caso do credito agrícola, e, por isso, também, necessitando exame acurado. Após as informações que vão ser solicitadas, a Sociedade pronunciar-se-á a respeito, tendo em vista os altos interesses da laboriosa classe agrícola do paiz.

E' também presente um relatório da Comissão composta dos Srs. Otto Frensel e Luiz Vieira, dando conta dos seus trabalhos do Leite, cujo exito está na memoria de todos quantos se interessam por taes assumptos. Reitera o agradecimentos da Sociedade a esses dedicados collaboradores e, também, ás organizações commerciaes que contribuíram para aquelle resultado. Formula o Sr. Torres Filho votos para que, de futuro, maiores recursos sejam oferecidos afim de se dar maior realce a essas "Semanas", que visam a propaganda de um producto que representa mais de um milhão de contos de réis, annualmente, na nossa economia. Além do mais, será necessario que não se deixe de realizar as ditas "Semanas", pois o valor de taes certames reside, precisamente, na sua periodicidade.

O Sr. Luiz Vieira refere-se ás Empresas Cinedia e Guanabara que filmaram aspectos daquellas "Semanas", os quaes estão correndo todo o Brasil. E' um gesto louvavel e uma proficua propaganda, comquanto desinteressada, daquellas empresas.

Allude, a seguir, o Sr. Torres Filho, á sessão de installação do Conselho Federal do Commercio Exterior, na sua nova phase, sob a presidencia directa do Sr. Presidente da Republica. Esse organ de

propulsão da economia nacional soffreu uma reorganização para o effeito de accommodal-o ás necessidades do momento, em virtude da nova Constituição. A reorganização do Conselho visou supprir a não existencia, ainda, do Conselho de Economia Nacional, previsto na carta de 10 de Novembro. As attribuições do actual Conselho foram, assim, bastante augmentadas. Esse Conselho, como todos sabem, rectamente ao Presidente da Republica, que é o seu presidente. Quando foi creado, em 1934, o Sr. eGulio Vargas quiz distinguir a classe agricola do paiz, e escolheu o orador para represental-a no Conselho, distinguindo, assim, tambem, a Sociedade Nacional de Agricultura. Graças á cooperação dos seus companheiros de Directoria, dos technicos e, mesmo, de outras organizações de classe do paiz, poudes levar áquelle Conselho uma cooperação que, se não foi brilhante, peol menos foi impessoal e, tanto quanto possivel, representativa dos anseios da classe rural do paiz. Até porque, infelizmente, ainda não dispões ella de uma expressão de arregimentação que possuem outras classes. Na actual phase, nova distincção do Sr. Presidente da Republica, collocando ao lado do representante da Federação das Industrias e da Federação das Associações Commercias, o da Confederação Rural Brasileira, tendo a respectiva directoria organizado, de accordo com a lei, uma lista triplice, tendo sido escolhido o nome do orador para representar a classe agricola do paiz, como vice-presidente, em exercicio, da Confederação Rural Brasileira. E' uma missão que, comquanto espinhosa, muito o honar. Desi, tudo dará para satisfação dos maiores anseios da lavoura e pecuaria nacionaes, embora reconheça que nem sempre esteja em condições de exprssal-os com bastant brilho e justeza. Ouvem-se não apoiados e o Sr. Torres Filho lê trechos do discurso que pronunciou por occasião da installação solemne do Conselho, no qual procurou traçar as directrizes da sua actuação alli e, tambem, os principaes problemas que teremos de atacar para o fortalecimento e prosperidade do Brasil: Educação technica e profissional; justiça social; colonização rural pela diffusão da pequena propriedade com o auxilio do credito agricola; assistencia medico-sanitaria; organização dos mercados para bóa garantia da collocação dos productos; meios rapidos de transporte.

Fala a seguir o Sr. Torres Filho dos propositos, de que está animado, de dar nova eleição á organização não só da Sociedade Nacional de Agricultura como da

Confederação Rural Brasileira, de modo a aparelhal-as a um mais importante papel no scenario economico do Brasil. Caminhos, diz para o regimen das corporações e é mistér esforços para a necessaria adaptação, conforme se deprehe de a carta de 10 de Novembro.

O Sr. Torres Filho, a seguir, pede a attenção da casa para a communicação feita na semana passada, a respeito da criação de mercados na Cpital para o effeito de uma melhor distribuição dos productos. Com satisfação, verifica que os poderes publicos do Municipio estão cogitando do assumpto, pois que havia lido ser pensamento do Sr. Prefeito do Districto Federal estabelecer não só um grande mercado central. Allude aos estudos do Sr. Arruda Camara a respeito do abastecimen dos grandes centros consumidores e diz que o momento seria opportuno para que a Sociedade pleiteasse, junto ao Sr. mercados destinados ás cooperativas de Prefeito, fossem reservados locais nesses productores, por isso que o pensamento dominante, segundo lhe parece, é o de arrendamento das localidades. Nesses mercados, tambem, poder-se-hia permittir o leilão de productos da lavoura quando levados directamente pelo lavrador, conforme praxe usual em Londres, Bruxellas e em todas as cidades dos Estados Unidos. E' um meio facil de eliminação dos intermediarios. O Sr. Arruda Camara diz que foi bem recebida no meio dos pequenos lavradores a noticia trazida pelo Sr. Presidente e, ha pouco, havia recebido uma commissão de representantes das associações locais afim de hypothecar todo o seu apoio á iniciativa do Sr. Prefeito. Quer, por isso, que a Sociedade transmitta esses applausos ao Sr. Henrique Dodsworth. O Sr. Arruda Camara allude ainda ao facto de que o Governo Federal resolveu extinguir a Commissão de Tabellamento, lamentando que, até hoje, os generos da pequena lavoura estejam sujeitos a esse regime na Directoria de Abastecimento da Prefeitura. Após a idéa de se pleitear a localização para as cooperativas de distribuição e producção, em nome das associações que representa.

O Sr. Ribeiro Junqueira pede a palavra para declarar que dá o seu voto a toda e qualquer manifestação aos poderes publicos no sentido de reformas ou medidas que possam trazer beneficio aos consumidores, desde que se tenha, tambem, em conta, o interesse do productor. Esse voto de applausos merece o seu apoio. Quer, entretanto, aproveitar o ensejo para referir-se a uma entrevista ha pouco tempo concedida aos jornaes pelo seu distincto

amigo Sr. Attila Soares, Secretario da Prefeitura, aos jornaes. Foi depois de uma visita que empreendeu a Minas Geraes para estudar os meios de baratear a carne e o leite. Acabou de ler a entrevista — diz o Sr. Ribeiro Junqueira — e ficou pasmo de ver as affirmativas que a proposito foram feitas pelo Sr. Attila Soares. E' que S. Ex. começou com um ponto de vista falso, quando affirmou que o leite era vendido pelo productor a 180 réis o litro, quando a verdade é que, no tempo das aguas, as usinas estão pagando 250 réis. E' preciso notar que esse producto, recebido do criador, está sujeito a uma serie de operações, a impostos e a despesas de transporte. Não póde comprehender como poderia o illustre Secretario contar com elementos para affirmar que o leite poderia, aqui, ser vendido por 450 o litro, quando, só de impostos, quasi paga isso. Ficou mais pasmo ainda quando leu a affirmativa do Sr. Attila Soares, justamente em um momento, como este, em que precisamos desenvolver todas as nossas fontes de produção, preconizar a prohibição da exportação de carnes como meio de baratear o respectivo custo. Não ha — diz o Sr. Ribeiro Junqueira — paiz em que a carne verde seja tão barata. Deveremos procurar outros meios menos o de prohibir a exportação. E' com esse esse reparo que dá o seu apoio a uma iniciativa que julga boa.

O Sr. Otto Frensel, a proposito, faz a seguinte communicação: "Associação dos Industriales de Lacticinios de Minas Geraes — A' convite dessa nova e prestigiosa associação de classe visitamos em 16 de Janeiro p. p. a cidade de Bello Horizonte, Capital do Estado de Minas Geraes, "leader" dos centros productores de lacticinios brasileiros, de cuja produção de mais de um milhão de contos de réis annuaes lhe correspondem perto de 60 %".

Tivemos ensejo de participar de uma Assembléa Geral na qual pronunciamos algumas palavras em prol dos lacticinios brasileiros, sob o titulo "Leite de Qualidade". Foi com verdadeira satisfação que vimos as nossas palavras applaudidas e irradiadas pela Estação Radio Inconfidente, sendo, ainda, transcriptas nos principaes jornaes.

Representando nessa reunião a Sociedade Nacional de Agricultura, a Associação dos Industriales de Lacticinios do Brasil e a Associação dos Exportadores de Leite para o Districto Federal, suggerimos em nome das mesmas que a Associação dos Industriales de Lacticinios de Minas Geraes em collaboração com aquelles suas collegas, tomasse a seu cargo a organi-

zação da Secção de Leite e Derivados da proxima VII.<sup>a</sup> Exposição Nacional de Animaes e Productos Derivados a realizar-se em Bello Horizonte em Junho proximo futuro. Esta nossa proposta foi approvada por unanimidade".

O Sr. Luiz Vieira propõe um voto de congratulações pela escolha do Sr. Torres Filho para representante da lavoura no Conselho do Commercio Exterior, sendo a proposta approvada com uma salva de palmas.

Propõe, tambem, que a Sociedade promova a representação da industria de lacticinios brasileiros na Feira de Amostras de New York, cuja representação do Brasil está em preparativos. Dever-se-hia fazer uma exposição embora pequena do que já temos realizado em tal dominio industrial.

A seguir, offerece 300 exemplares do seu trabalho "Aspecto Actual da Industria de Lacticinios no Brasil", apresentado, como these, ao XI Congresso Internacional de Lacticinios, realizado em Agosto do anno passado na Allemanha.

O Sr. Torres Filho tem palavras de louvor aos esforços e ao patriotismo desse tecnico, pois que o seu trabalho foi o unico presente ao importante certame.

O Sr. Luiz Vieira esclarece que foi por diiculdades orçamentarias que o Brasil não oi representado especialmente naquelle Congresso. O Ministro da Agricultura de então, aproveitando a ida de um funcionario áquelle paiz, incumbiu-o de representar o Ministerio.

Refere-se, depois, o Sr. Torres Filho ao desenvolvimento que vem tomando em São Paulo a industria da mandioca, o que é mais uma demonstração da facilidade de improvisação do grande Estado. Dentro de pouco tempo, diz, estaremos produzindo féculas em quantidade sufficiente para as misturas com o trigo, preconizadas em Lei. Além disso, a industria das rapas de mandioca caminhará paralela, podendo-se, até, exportar esse producto para a alimentação do Gado. Refere-se, tambem, ás culturas e installações que estão sendo creadas no Espirito Santo, dizendo da grande satisfação que tem o ventilar taes assumptos, pois daqui, da Sociedade, em 1916, partiu o primeiro grito em torno da questão do pão mixto. Lembra o nome de Miguel Calmon, pioneiro dessa campanha, e encerra os trabalhos.

SESSÃO DE 19-2-1938

**A padronização do milho — A exportação da Argentina — A semana da laranja — A carnaubeira e a citicica, como riquezas nacionais — Cooperativismo e credito agricola**

Sob a presidencia do Sr. Dr. Arthur Torres Filho, e com a presença de numerosos directores, consocios e interessados. realizou-se a sessão habitual da Sociedade Nacional de Agricultura.

Após a leitura do expediente, o Sr. Torres Filho diz que, como é do conhecimento de todos, o assumpto da padronização dos productos destinados á exportação tem sido objecto de uma campanha intensa e constante, na Sociedade Nacional de Agricultura. Para tanto, tem contado com o apoio das demais associações de classe e, mesmo, dos proprios productores, porque este seria o meio de valorizar, cada vez mais, a produção agricola. Quando nos referimos á padrnização, e, consequentemente, á classificação dos productos, ahí incluímos a propria melhoria da produção em todos os seus aspectos. Dahi, porque a padronização envolve uma verdadeira racionalização, desde o preparo e educação do agricultor, o credito agricola, o cooperativismo, até o transpdrie, a rganização de mercados e venda dos productos agricolas. Embora o assumpto esteja como que amadurecido na consciencia de todos, e até mesmo, na dos administradores, isso não quer dizer que devamos cessar com essa campanha. Como prova disso, tem-se um exemplo muito suggestivo no milho, que é o cereal mais valioso da nossa economia agricola, como tambem da economia americana e argentina. Infelizmente, no Brasil, a produção é escassa, limitada ao consumo interno, sendo uma grande conquista já o termos evitado a importação, como vinha acontecendo até 1933. Temos, entretanto, condições para uma grande produção, que nos baste e cujas sobras poderia ser exportadas. A exportação, entretanto, exige a padronização e, esta, imporia á produção uma serie de melhoramentos, como a criação de silos, desinfecção, expurgo, transporte, etc. Compulsa a seguir o senhor Torres Filho alguns dados relativos á produção e exportação de milho na Argentina, cujas cifras, no ultimo quinquenio, são as seguintes:

Annos	Area semeada. Hectares
1932-33 .....	5.884.000
1933-34 .....	6.514.000

1934-35 .....	7.023.870
1935-36 .....	7.630.000
1936-37 .....	6.494.000

Annos	Colheita. Hectares
1932-33 .....	3.793.355
1933-34 .....	4.112.030
1934-35 .....	5.702.400
1935-36 .....	5.119.245
1936-37 .....	4.027.530

Annos	Produção. Toneladas
1932-33 .....	6.801.504
1933-34 .....	6.525.960
1934-35 .....	11.480.000
1935-36 .....	10.051.206
1936-37 .....	9.134.780

Annos	Exportação. Toneladas
1932 .....	7.055.387
1933 .....	5.018.861
1934 .....	5.471.119
1935 .....	7.051.460
1936 .....	8.381.690

Foram as seguintes as cotações medias no mercado de Buenos Aires, em 1937; Janeiro 6,04; Fevereiro 6,60; Março 6,85; Abril 6,54; Maio 6,69; Junho 6,31; Julho 6,62; Agosto 6,48; Setembro 6,64; Outubro 7,18; Novembro 7,68.

A exportação nos primeiros 6 meses de 1937 foi de 4.809.116 toneladas e produziu 304.404.002 pesos, avaliando-se em \$63.16 o valor de praça para cada kilo. Comparada com a do mesmo periodo de 1936, essa exportação foi superior em 1.685.22 toneladas e rendeu mais do dobro, pois o total do 1.º Semestre do anno atrazado foi de \$144.347.009.

A exportação total em 1937, accusou um augmento de 8,4 % sobre as quantidades exportadas em 1936, e tambem dos valores como mostra o seguinte quadro:

Annos	Quantidades exportadas (Tons.)
1936 .....	8.381.690
1937 .....	9.035.057

Anno	Augmento (Tons.)
1936 .....	703.367

Annos	Valor da exportação (em pesos)
1936 .....	445.270.231
1937 .....	598.274.336

Anno	Augmento (Tons.)
1936 .....	154.004.105

O primeiro prognostico official sobre a area semeada com milho no anno agricola de 1937/38 indica uma área de 5.590.000, o que significa uma diminuição de 8 % relativamente ao anno anterior e de 11,3% comparada com a media do ultimo quinquennio.

As sementeiras realizaram-se com atrazo, calculando-se que uma grande parte dellas esteja totalmente perdida. Foram feitas novas sementeiras que não permitem, entretanto, a probabilidade de uma boa colheita.

As estatisticas brasileiras accusam uma produção de 5 milhões de toneladas, enquanto que, na Argentina, só a exportação vae de 8.381.000 toneladas. E', como se vê, muito pequena a produção brasileira, a não ser que os nossos dados estatisticos sejam falhos. Continuando, declara o senhor Torres Filho, que estamos pensando no Pão-mixto e no augmento de nossa criação em geral. A criação de suínos, por exemplo, não se faz na escala necessaria, limitando-se a nossa exportação, nesse terreno, apenas a banha. Uma campanha que se fizesse em beneficio da cultura do milho, neste momento seria pois, muito oportuna. Dahl a razão pela qual a Sociedade já se dirigiu ao Sr. Ministro da Agricultura suggerindo a realização de um gra: de congresso de cereaes com uma exposição annexa.

Quanto à padronização, propriamente, tem a Sociedade procurado resolve-la e a proposito, recebeu uma interessante suggestão do Sr. M. V. Powell, da Sociedade Refinações de Milho, de S. Paulo, que será objecto de um acurado estudo da Sociedade e, possivelmente, do Ministerio da Agricultura, a que estão levados em seguida.

Communica tambem, o Sr. Torres Filho que na primeira reunião do Conselho Federal do Commercio Exterior, após a reorganização por que passou, teve occasião de chamar a sua attenção para a questão da produção de laranja que augmenta constantemente, enquanto se restringem os mercados importadores. No anno passado realizamos uma exportação de mais de 5 milhões de caixas, com um "superavit" de

1.900.000 caixas. A situação não se tornou muito grave pelo facto de ter a Republica Argentina consumido no mesmo anno 1.200.000 caixas, ou seja o dobro do seu consumo normal. Ha necessidade, portanto, de um trabalho no sentido de dilatar o mercado interno seja para o consumo como fructa, seja para a industrialização. Sabe que o Sr. Ministro da Agricultura está interessado em resolver o assumpto, tendo já tomado algumas providencias. Isto não impede, entretanto, que a Sociedade sugira a S. Ex. a criação da "Semana da Laranja", a exemplo com o que já se fez com o leite. A Sociedade já tem trabalhos feitos nesse sentido e chegou até, a organizar um programma que não foi executado por circunstancias independentes da sua vontade. Propõe, portanto, que se leve essa suggestão ao Sr. Ministro, como meio de promover o desenvolvimento do consumo concurso da Sociedade.

Communica ainda, o Sr. Presidente, que foi procurado por um representante da Leopoldina Railway, que lhe communicou ter aquella empresa cogitado da organização de um mercado regional, para o consumo da produção, transportada pela sua rede. Esse mercado chegou a ser projectado e orçado, tendo-se escolhido a sua localização num terreno proximo à sua estação principal. Dificuldades na obtenção desse terreno, entretanto, impediram a concretização dessa iniciativa, que em 1932 estava orçada em 1.155 contos. Como se cogite agora de mercados regionaes, a referida companhia, gentilmente, colloca à disposição da Sociedade tres estudos, e, tambem da Prefeitura, que terão, ahi já, uma base de estudos.

A iniciativa é digna de louvores sendo de alimentar que não pudesse ser realizada. O Presidente da Sociedade agradeceu à offerta e encaminhará a quem de direito, as plantas e orçamentos enviados.

Apresenta, a seguir, o consocio doutor Paula Rodrigues, adiantado agricultor no Ceará, cujas attensões, no momento, se voltam para os produtos originarios da carnauba e da oiticica. Como os oleaginosos estão na ordem do dia, dá a palavra a as suas impressões. S. Ex. para que manifeste aos presentes

Começa S. Ex. por dizer que, quanto à cera de carnauba, a a deficiencia nos processos de extração, por serem, ainda, muito primitivos. O produto, entretanto, pôde ser considerado completo e perfeito. Actualmente a classificação abrange 6 typos quando poderia ser classificado em dois.

Essa classificação, em dois typos, seria um grande passo nessa industria. A maior questão, todavia, na produção da cera de carnauba, está no processo da seccagem pela palha, pela obtenção de uma estufa apropriada, com o que se poderia augmentar a producção de 25 a 30 %. Ha, no Ministerio da agricultura, ha alguns mezes, alguns projectos de estufas, de varios inventores, dependendo de estudo. Não lhe parece que essa questão das estufas seja tão difficil. Discorre sobre o processo de seccagem, e declara que resolvido este assumpto, ter-se-ha dado um grande passo para o maior aproveitamento da materia e, consequentemente, para uma melhor remuneração. Refere-se, depois, à cultura da carnaubeira, annunciando que, este anno, já colheu as primeiras palmas de carnaubeiras de cultura. Essas palmeiras estão produzindo com 7 annos, tendo-se, assim, desfeito a lenda de ser necessario 20 annos para a producção de cera. Dentro de poucos annos, terá em producção grandes carnaubas de plantação. Refere-se à valorização extraordinaria que está tendo a cera nos mercados, citando exemplos elucidativos, e fornecendo à assistencia interessantes informes a respeito das exigencias da carnaubeira para a producção de cera, e explicando o motivo por que, em alguns lugares, a planta se desenvolve extraordinariamente, sem produzir. Termina dizendo que, no momento o que interessa é estabelecer directamente a questão dos typos.

O Sr. Torres Filho diz que terá o maior prazer em acompanhar o Sr. Paula Rodrigues ao Sr. Ministro da Agricultura que, segundo sabe, está vivamente interessado em resolver o assumpto.

Relativamente à oitica, diz que é questão resolvida tecnicamente. Fala das experiencias realizadas no Brasil pelos technicos estrangeiros mandados vir pela Brasil Oitica e, mais tarde, pela Condor Oil, que acabou por fundar aquella Companhia, que iniciou suas operações em 5.000 contos, e que, depois da fusão, o viu augmentado de 15.000 contos. Diz das experiencias concludentes que elevaram o oleo da oitica a uma situação invejavel, desbancando o tung. Refere-se, entretanto, com tristeza, que, devido à fusão dessa duas companhias o productor não está sendo recompensado no seu trabalho, por isso que, quando o oleo ainda não tinha demonstrado as suas excepcionaes qualidades, era cotado à razão de 600 á 800 o kilo, tendo baixado agora, para 300.

O Sr. Torres Filho diz que seria o caso de um appelo ao Sr. Presidente da Republica, expondo-lhe a situação e pedindo que

os productores e as pequenas usinas do Nordeste fossem beneficiadas com auxilios pela Carteira de Credito Agricola.

Continuando, diz que esse assumpto tem merecido toda a atenção a Sociedade. No Conselho Federal de Commercio Exterior muitas vezes tratou do assumpto e, no extinto Congresso Nacional, teve curso um projecto, da autoria do Sr. Humberto de Andrade, que está presente, o qual, se executado, toda a questão relativa aos oleos, resinas e serias, estaria considerada. É muito acertadamente se cogitou da materia, que constitue a maior riqueza do Nordeste e do Norte. Occorre, ainda, que os oleos e as ceras e resinas não estão em super-produção, encontrando, assim, mercado facil. Allude ao interesse que os paizes imperialistas manifestam sobre essas materias primas, dizendo que deveremos estar alertas na defesa dessa riqueza, que necessita, primeiramente, de organização economica. E' de esperar, portanto, que o Governo não retarde por mais tempo a sua actuação nesse terreno, attendendo ás situações que estamos focalizando. Está prompto a ir ao Sr. Ministro da Agricultura; que é um espirito aberto e cheio de enthusiasmo pelas nossas cousas agricolas, levar-lhe os justos anseios dos que labutam nas falhas pesadas da extracção de oleaginosos.

O Sr. Paula Rodrigues observa que ao Sr. Fernando Costa devemos essa coisa formidavel que é a actual cultura algodoeira no Estado de S. Paulo. Em 6 a 7 annos, o valor da exportação de S. Paulo subiu a 200.000 toneladas, produzindo mais que todo o Brasil reunido. O que não seria essa proficua actividade applicada à questão dos oleos e resinas, indaga?

O Sr. Humberto de Andrade pronuncia, a seguir, interessante palestra a respeito do cooperativismo em face do credito rural e da padronização dos nossos productos agricolas, a qual, pelo seu interesse, será publicada em separado.

O Sr. Arruda Camara discorre a respeito da padronização dos cereaes e grãos leguminosos, expendendo varios conceitos baseados na experiencia que tem do assumpto, oblida durante o tempo em que exerceu o cargo de Director do Serviço de Exportação do Ministerio da Agricultura. Quando a certos productos de natureza cerealitica e leguminosa, entende que se deveria, desde logo, estabelecer uma "escala minima de defeitos". Termina propondo a designação de uma comissão de technicos que estudasse definitivamente o assumpto.

O Sr. Torres Filho louva a palestra do

Sr. Humberto de Andrade e submete a proposta á consideração da casa, que a approva.

A designação dos seus componentes não é desde logo feita porque é intuito da Sociedade incluir ahí representantes de varios representantes de associações de classe, interessadas directamente na questão.

O Sr. Argolo Ferrão communica á Sociedade ter observado em S. Paulo uma cultura nova, iniciada com exito pelos japonezes de S. Paulo: a do lotus, com o aproveitamento do bulbo destinado á alimentação. Dá algumas informações sobre os processos de cultura, que póde ser feito ao lado da criação de carpas.

O Sr. Torres Filho agradece e encerra a seguir, os trabalhos.

### Sessão de 3-3-38

#### **A situação da Amazonia — A industria de lacticínios — A concessão de patentes de invenção de succedaneos de productos nacionaes**

Como de costume, e com grande concurrencia, realizou-se a sessão semanal da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura, tendo presidido os respectivos trabalhos o Sr. Arthur Torres Filho.

Depois da leitura do expediente, o senhor Torres Filho informa que, na ultima sessão do Conselho Federal do Commercio Exterior, teve occasião de referir-se á situação economica da Amazonia, proferindo, á respeito, as seguintes considerações:

"A este Conselho, no desdobramento de suas multiplas actividades, em mais de uma occasião, não tem escapado o exame das condições economicas da Amazonia.

Immenso reservatorio de materias-primas, que hoje constituem a preocupação de todos os povos, só por isso, essa região deverá ser o objecto de nossas mais serias cogitações.

No exame de nossa historia economica, depois da grande crise universal de 1929, o facto mais digno de nota é que os productos considerados materias-primas offerecem maiores margens de exploração commercial do que as substancias alimenticias.

A tendencia de nosso potencial de produção converge mesmo para as materias-primas.

Não se póde esperar que, por emquanto, se possa organizar na Amazonia uma agricultura próspera capaz de ver seus productos levados á concurrencia nos mercados exteriores. A exploração das materias-primas ahí prevalecerá por muito tempo.

Está fóra de duvida que será nessa diretriz a nossa maior preocupação e medidas de amparo deverão ser concertadas, de natureza financeira, de assistencia ás populações, de melhoramento dos meios de transporte, de colonização, e outras, que facilitem a exploração economica das riquezas nativas.

Parece-me, por conseguinte, haver toda conveniencia em que se melhorem as condições economicas da Amazonia, tanto quanto possivel, melhorando a situação do trabalhador que nella vive — dando-lhe uma assistencia consentanea com o melo.

Embora a borracha esteja hoje abalada com a concurrencia do Oriente, mesmo assim, para as regiões acreanas e amazonica ainda possui significação economica e financeira. Os seus preços, que se vinham mantendo compensadores o anno passado, entre cinco e seis mil réis o kilo, nas praças de Belem e Manaus, começaram a cahir a partir do meiado do anno de 1937. Em Novembro ultimo chegou a ser nominal na base de 3\$500 apenas, com o afastamento completo dos compradores.

Não são em nada satisfactorias as noticias vindas daquella região, principalmente do Acre.

Se tal occorre com a borracha, devemos desde já voltar a attenção para a industria da castanha, unico meio de subsistencia das familias sertanejas. E' sabido que ao mercado de Londres começam a chegar partidas de castanhas produzida em Ceilão, onde a sua cultura está sendo feita com as sementes levadas da Amazonia, enquanto, entre nós, prevalecem os processos primitivos, sem a padronização e recursos financeiros para evitar que os produtores sejam explorados pelos intermediarios.

A castanha e a borracha constituem os alicerces da economia amazonica, sendo que a primeira, que começa a ser ameaçada, representa, hoje, o factor principal da vida da região. Ainda em 1936, essa exportação attingiu 88.693 contos de réis, equivalentes a 708 mil libras ouro, havendo para esse producto grande capacidade de absorpção, nos mercados mundiaes, especialmente na Inglaterra e nos Estados Unidos. Ao lado dessas duas riquezas, que precisam ser estabilizadas em bases solidas, existem as ceras, as resinas e os oleos vegetaes, que encontram grande acceptação no exterior."

A seguir, o Sr. Luiz Vieira pede que a Sociedade torne extensivo ao Sr. Franklin de Almeida, membro da Directoria Technica, o voto de congratulações que propuzera na semana anterior pela designação do Sr. Arthur Torres Filho para membro do Conselho Federal do Commercio Exterior.

A casa approva a indicação e o senhor Torres Filho informa que o Sr. Otto Frensel irá pronunciar a sua annunciada conferencia a respeito da industria brasileira de lacticinios. Essa palestra, que despertou o maior interesse, foi dada á imprensa para divulgação. Ao terminar, o Sr. Otto Frensel é objecto de elogios do Sr. Torres Filho, que vê no illustre tecnico um esforçado e um propagandista dos mais tenazes pelo melhoramento da futura industria.

O Sr. Arruda Camara pede a palavra para tecer considerações em torno da organização rural do Brasil, preconizando o cooperativismo com a melhor forma de atingir esse ideal de associação.

O seu trabalho, que é o inicio de uma serie de outras palestras no mesmo terreno da nossa organização economica, foi, tambem, distribuido á imprensa, conforme deliberou a Directoria, por ser impossivel um resumo que não o deformasse, prejudicando, assim, o seu caracter informativo e de propaganda.

O Sr. Torres Filho diz que o Sr. Arruda Camara, como conhecedor perfeito da nossa economia, versou um dos assumptos mais relevantes que é justamente o do desenvolvimento do espirito associativo no meio rural. Todos sabemos — continúa — que nesses movimentos de reivindicações, que se processa no seio de todas as massas trabalhadoras, no que se refere á classe rural, ainda não se fez sentir em toda a sua plenitude entre nós. O actual Ministro da Agricultura, como profissional, como administrador e como verdadeiro conhecedor, tem suas vistas voltadas para o assumpto, convencido da necessidade da collaboração das classes rurais organizadas, na solução dos mais prementes problemas da agricultura e da pecuaria. Sou — diz — dos que pensam que a época do liberalismo economico já passou e que, se não devemos implantar no paiz uma economia dirigida, obediente a postulados ortodoxos, temos, entretanto, de estabelecer a coordenação da nossa economia. O Brasil precisa estabelecer as suas regiões economicas, e ter o intercambio interno devidamente organizado, afim de que certas regiões não se desenvolvam demasiadamente, em detrimento de outras, e de forma tal a crear dentro do proprio paiz verdadeiras migrações. Outro tanto, em relação ao commercio exterior, mediante um regime de reciprocidade franca, por meio de tratados de reciprocidade. Ora, se assim é, a acção governamental não pôde ser apenas a da regulamentação de leis esporadicas e de criação de repartições. A acção do governo seria a de organizar essas classes e, com ellas,

estudar os problemas a fundo, desde a produção, o commercio, a industria e a parte da assistencia em todos os seus aspectos. Quero crer — conclúe — que é esse mesmo o espirito da nova ordem de cousas implantada no paiz, a qual, segundo tudo leva a acreditar, tem os seus fundamentos justamente na economia da Nação.

O Sr. Humberto de Andrade observa que o Sr. Otto Frensel, no final da sua conferencia, propõe, em forma de indicação, que a Sociedade suggira a quem de direito a criação de um orgam encarregado de estudar e orientar a industria de lacticinios. Pede, assim, que a Sociedade aprecie essa indicação, submetendo-a ao plenário.

Submettido o assumpto, é o mesmo approvedo, com a advertencia do Presidente de que o assumpto constitue uma das conclusões da Conferencia Nacional de Pecuaria, a serem dadas proxivamente á publicidade.

A Sociedade encaminhará ao Sr. Ministro da Agricultura essa indicação, tão oportuna quanto se sabe que a industria de lacticinios apresenta um movimento annual de mais de um milhão de contos de réis, o que diz da sua importancia crescente na economia brasileira.

O Sr. Alberto de Paula Rodrigues diz que em 19 de Junho de 1931, o Governo Provisorio da Republica fazia baixar o Decreto n. 19.605, publicado em o Diario Official de 27 do mesmo mez e anno, regulando a fiscalização do café, por parte do Departamento Nacional de Saúde Publica. O artigo 9.º desse Decreto rezava: "Não podem ser objecto de patente as invenções de meios e processos destinados á imitação ou criação de succedaneos de productos nacionaes resultantes da actividade agricola, pastoril ou industrial".

Esse Decreto foi revogado pelo de numero 22.916, de 11 de Julho de 1933, que approvou o Regulamento para "os serviços de fiscalização das torrefações e moagens de café e de consumo deste producto".

A lembrança daquelle dispositivo de Lei foi por mim dada ao então Director de Saúde Publica Dr. Belisario Penna, considerando como difficil era a um tecnico dar parecer contrario a um pedido de patente para succedaneos dos productos da actividade agricola e pastoril da Nação.

Já tive ensejo de dizer que houve uma firma estrangeira que pediu patente para invenção de um producto synthetico de aroma artificial do café, a ser dado a qualouer succedaneo.

Foi necessario lançar mão do dispositivo de Lei Sanitaria, que include as bases pyridicas entre substancias alimentares to-

civas, para que a antiga Inspectoria de Generos Alimenticios desse parecer contrario á pretensão da patente.

No entanto, já estava com garantia uma outra patente de succedaneo de café, que chamam de "Café de Malte", mas a Inspectoria de Fiscalização de Generos Alimenticios negou analyse ao producto considerando que o Regulamento Sanitario de 1923, em seu artigo 679, não tolera succedaneos ou imitações do café e do malte.

Afigurou-se-me sempre muito restrita essa deliberação do legislador de 1923, considerando só o café e o malte dignos da protecção contra as imitações e productos syntheticos. Dahi ter proposto no anteprojecto da futura regulamentação Sanitaria, desde 1934 (Archivos de Hygiene — Anno V — Vol. II), um artigo que foi redigido pela Comissão nos termos seguintes: "Poderão ser tolerados os productos alimenticios artificiaes, succedaneos ou imitações dos alimentos naturaes, quando estes não sejam produzidos no paiz, etc.

"Dessa forma, necessario se faz uma medida legal para cohibir quanto antes a competição da industria de succedaneos e productos syntheticos, que vem sendo feita dentro do nosso proprio paiz, não se contentando os interessados com a concorrência que no estrangeiro fazem aos artigos de nossa economia á sombra de legislações autarchicas e ferozmente proteccionistas dos interesses nacionaes respectivos".

Ao lado dos casos de succedaneos de café, a que me refiro, cito ainda dois outros eloquentes, contra os quaes tive de agir quando Chefe do Serviço do Leite e Inspector de Generos Alimenticios. Um foi o da importação de leite em pó em grande escala para que fosse feito aqui o leite reconstituído, em que só se aproveitava do Brasil a agua, dessa forma extinguindo-se a industria leiteira nacional. O outro caso foi do licenciamento de um succedaneo estrangeiro da banha de porco, em que era empregado o oleo de caroço de algodão hydrogenizado, como se preciso fosse importar banha ou oleo de algodão comestível.

Folheie-se um simples catalogo desses fabricantes de productos syntheticos, que inundam o nosso paiz, não só com milhares de medicamentos muitas vezes nocivos que beneficos, mas com imitações para todos os productos alimentares, intensamente produzidos no Brasil.

Essencias alcoolicas e concentrados artificiaes de fructas, taes como abacaxi, ameixa, ananaz, banana, baunilha, café, laranja, limão, marmelo, morango, rosa, tamarindo, ingerina, uvas, cacáo, café, choco-

late, cravo, coentro, canella, pimenta. Ha essencias artificiaes annunciadas até para imitar mel d'abelhas e aguardente, sem fallar em todos os productos de cultura menos intensiva entre nós, como maçãs, peras, pecegos, etc. etc.

O Sr. Torres Filho diz que as justas considerações do Sr. Alberto de Paula Rodrigues serão encaminhadas aos poderes publicos, reforçando-a os conceitos expendidos por S. Ex., encerrando, a seguir, os trabalhos.

### Sessão de 10-3-38

#### Impostos municipaes no Estado do Rio — Conselho Nacional do Malte — Farinhas panificaveis — Desapparecimento da Escola de Agronomia do Pará — O Cooperativismo e o Credito Agricola

Com grande concorrência realizou-se a semanal da Sociedade Nacional de Agricultura, cujos trabalhos foram presididos pelo Sr. Arthur Torres Filho.

Do expediente lido é de destacar uma carta do Sr. Alexandre Herculano Rodrigues, lavrador e criador, proprietario de varias fazendas no Municipio de Nova Iguassú, dedicadas á cultura da laranja e á criação de gado leiteiro, no meio do qual se encontra algumas cabeças de puro-sangue. Na sua missiva, que é longa, queixase o referido lavrador, da falta de conservação da estrada, para a qual contribuiu em tempo com dez contos de réis, o que lhe difficulta o trabalho agricola e desvaloriza as terras. Observa, entretantes, que o Governo, o anno passado, majorou o imposto territorial em quasi o triplo. Allude á exigência do pagamento de um imposto de 13\$800 por cabeça de gado e mais a exigência da Prefeitura de Nova Iguassú, que aéra da licença da carroça do leite cobra 50 réis por litro que é vendido naquella localidade a 500 réis. É de notar que esse imposto recae mesmo sobre o leite, considerado deteriorado e não vendido. Pergunta o senhor Herculano Rodrigues se é admissivel esse imposto de 10 por cento municipal, que lhe parece, constitue uma exorbitancia daquelle Prefeitura.

Lamenta o Sr. Torres Filho, que taes entraves venham surgindo naquelle prospero Municipio, onde só a cultura da laranja é uma das grandes demonstrações da nossa capacidade productora. Infelizmente, a despeito disso, se tal estado de cousas perdurar, o desanimo invadirá os productores, em detrimento da nossa producção agricola.

la. Propõe, e é approvado que se envie copia da referida carta ao Governo do Estado do Rio.

Os Srs. Lourenço, Horacio Monaco & Cia. Ltda. Viticultores em Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul, incumbem, em carta á Sociedade de convidar o Sr. Fernando Costa, Ministro da Agricultura, para uma visita áquella adiantado Municipio vinicola, e fixa ma data de 5 a 10 de Março como mais propria para essa visita, solciitada não só pelos vitivicultores, como tambem, pelo Prefeito, demais autoridades e povo.

O Sr. Torres Filho diz que o Sr. Ministro da Agricultura, já fallado a respeito, mostrou desejo de acquiescer a este convite, restando apenas á Sociedade communitar-lhe aquella data e pedir de S. Ex. uma solução a respeito para ser transmittida áquelles industriaes .

O Sr. Ismael Cordovil, apresenta um trabalho da sua autoria a respeito da organização de associações agricolas no Estado do Rio e diz da conveniencia, que haveria, em si dar uniformidade a essas organizações. Como membro da Comissão de Reforma dos Estatutos da Sociedade Nacional de Agricultura aproveita o ensejo para offerecer esse trabalho á referida Comissão na expectativa de que o mesmo possa ser de utilidade.

O Sr. Arruda Camara comunica a instituição, na Escola de Horticulura Wenceslau Bello, de dois novos cursos rapidos : o de herborização (preparo e organização de mostruarios destinados a pequenos museus escolares), a cargo do Prof. Geraldo Goulart da Silveira, e o de multiplicação vegetal, a cargo do Professor Arruda Camara, ambos em doze lições semanaes e limitadas as inscripções a vinte alumnos para cada curso.

Suggere o Sr. Arruda Camara, com accettazione geral, a abertura de inscripções para o curso regular de horticultor em regimen de externato, uma vez que se acham já preenchidas as vagas do internato.

O Presidente autoriza o Director da Escola a proceder de accordo com a referida suggestão.

O Sr. Torres Filho, a seguir, faz uma pequena resenha da sua actuação na ultima sessão do Conselho Federal do Commercio Exterior, detendo-se especialmente na questão do matte, debatida naquella sessão e a respeito da qual emittiu a seguinte declaração de voto: "Não foi sem muita satisfação que pude verificar pela recente entrevista do Sr. Presidente da Republica haver considerado S. Ex. a criação do Conselho Nacional do Matte como

orgão destinado "não só a padronizar como amparar a producção do matte, creando-se um orgão federal de defesa e propagandã desse productio".

Aos olhos atentos dos que observam o que se passa nas relações commerciaes, a partir de 1929, em que a liberdade nas relações internacionaes desapareceu, controlada como se acha a economia de todos os paizes, não póde haver quem não reconheça a situação penosa para a qual caminhamos, si não dispuzermos de orgãos autonomos, capazes de assegurar o commercio de nossos productos, adaptando medidas de conjunto applicadas dispersivamente pelo poder publico.

Na minha ultima estadia na Republica Argentina, inteirando-me de sua legislação agricola, verifiquei que, na instituição de juntas autonomas, para a defesa do mercado interno e expansão no exterior, repousava toda a politica de recomposição da sua economia agricola. E' o que esta sendo feito para todos os productos, tambem alcançou a herva-matte, com esse fim tendo sido creada a Junta Reguladora da Producção e Commercio da Herva-Matte, permittindo ao Governo, com a collaboraçã das classes interessadas, a defesa eficiente de sua industria hervateira. E, foi graças á nossa actividade dispersiva, confiantes na industria extractiva, quando a Argentina empregava mais de cem milhos de pesos em plantações, por intermedio do Banco de La Nacion, foi devido a essa ausencia de orientação, que chegamos a situação de já ter perdido em grande parte aquelle mercado, tudo indicando que será, até mesmo, um nasso fortissimo concorrente na America do Norte e na Europa. Pelo menos a Argentina já começou sua propaganda e, com esse fim, creou um imposto interno movel sobre a herva elaborada, tanto a nacional como a estrangeira. Com os 43 milhões de pés que dispõe, tendo uma terça parte para entrar producção, a Argentina se supprirá inteiramente dentro de pouco tempo, tanto assim que já cogita de exportação.

Emquanto isso acontece, não é possivel continuarmos inertes, sem uma reacção qualquer, pelo menos que importe numa accão conjunta, já que não dispomos de recursos de credito para emprehender plantações systematicas de herva-matte, como as que observei em Missiones.

O Conselho Nacional do Matte, queira Deus se torne realidade, para concretizar-se no mais breve prazo, porque sem uma entidade autonoma, como essa, sob os auspicios do Governo Federal, não lograremos qualquer resultado proveitoso com a con-

quista de mercados externos. Nesse terreno já iremos encontrar actualmente a Argentina.

O esforço que tivermos de empreender nos Estados Unidos, indo ao encontro do que está sendo feito pelo illustre Embaixador Osvaldo Aranha, como nos mercados europeus, dependerá da actividade do Conselho Nacional do Maté, sua criação, a meu ver, se impõe como necessidade imperiosa imperiosa".

Está presente o Sr. Nicolino Moreira, profissional de grande competencia, que tem se dedicado ao estudo de solução dos nossos problemas agricolas exercendo a sua actividade ha longos annos em São Paulo, apresentando-o o Sr. Torres Filho, declara que a nossa economia agricola já lhe deve grandes serviços, inclusive no que se refere a descoberta de processos de beneficiamento de productos. Ultimamente suas vistas se voltaram para o aproveitamento da mandioca visando principalmente a panificação. Essa questão da farinha panificavel adquire no momento uma grande expressão em virtude de recente decreto do Governo determinando a mistura ao trigo estrangeiro, de feculas de producção nacional. Dentre essas feculas avulta pela sua importancia a da mandioca, restando agora, que possamos dispor dessas feculas em quantidade sufficiente para a mistura. Assim sendo, é com especial agrado que a Sociedade recebe a visita do Sr. Nicolino Moreira, convencido de que o subsidio que S. Ex. vai trazer será de uma grande valia para a solução do problema.

O Sr. Nicolino Moreira lê a respeito uma interessante communicação que será publicada opportunamente.

A seguir usa da palavra o Sr. Eloy Teixeira, delegado especial do Directorio Academico da Escola de Agronomia do Pará, que veio ao Rio, representando o corpo discente daquele estabelecimento, afim de pedir ao Governo providencias que evite mo desapparecimento da Escola, em virtude da applicação do recente decreto das accumulacões remuneradas. A applicação desse dispositivo legal, no Estado, extinguiu praticamente a Escola, visto como os pequenos vencimentos que usufruiam os seus professores, os obrigam a optar por outros cargos mais vantajosos. Todas as providencias foram tentadas visando conciliar a situação inclusive, até, a desofficialização da Escola, pela transformação em Subvencão da dotação orçamentaria Estadual, o que entretanto, não surtiu effeito.

Baseado no artigo 128 da actual Constituição da Republica, estabelecendo que

"a arte, a sciencia, e o seu são livres a iniciativa individual e a de associações ou pessoas collectivas publicas e particulares", e que "é dever do Estado contribuir, directa e indirectamente, para o estímulo e desenvolvimento de umas e de outro, favorecendo ou fundando instituições artisticas scientificas de ensino", appellam para o Sr. Ministro da Agricultura no sentido de ser a referida Escola encampada.

O Sr. Torres Filho diz que a palavra ardorosa que acabamos de ouvir, do representante do corpo discente da Escola Agronomica do Pará justifica perfeitamente todo e qualquer amparo que requeiram as medidas visando evitar o desapparecimento do estabelecimento de ensino. A declaração de que a Amazonia precisa mais que qualquer outra região do Brasil, de uma Escola de Agronomia, essa declaração traduz perfeitamente uma realidade grave, muito grave mesmo para os destinos do país. Sabemos que a Amazonia é como que um mundo novo, uma verdadeira reserva do mundo como já disse Humbolt, uma reserva da humanidade, e si assim é o que não deverá representar ella para o Brasil?

Depois de outras considerações, o senhor Torres Filho termina hypotecando todo o apoio da Sociedade á pretensão dos agronomos paraenses, prometendo envidar esforços junto ao Sr. Presidente da Republica e ao Sr. Ministro da Agricultura, afim de que não desappareça o estabelecimento que tantos profissionais tem dado á classe agronomica do país.

O Sr. Humberto de Andrade pede a palavra para fazer uma indicação e a guiza de justificação faz as seguintes considerações: "força é reconhecer que a organização economica da producção nacional depende principalmente de entidades particulares que possuam autonomia administrativa, posto que obedeça, a orientação dessas entidades a legislação especial e sofram, mesmo, controle do poder publico. Os governos, dada a sua burocracia, que lhe é inseparavel que lhe tornam os actos morosos, não satisfazem a certos requisitos de ordem economica e commercial que requerem promptidão e muitos outros detalhes peculiares ao commercio. Esse dynamismo, é absolutamente contrario ás praxes officiaes. Só as organizações particulares, as entidades que tenham organização particular, embora com um caracter ou feição collectiva pode attender com presteza a taes requisitos. Em taes condições, facil será comprehender o relevo e a importancia de taes associações na organização dos empreendimentos da nossa

economia e da nossa agricultura. No Rio Grande e em S. Paulo temos cooperativas prestando relevantes serviços, não só aos seus associados, como á collectividade. No Norte temos o Instituto do Cacau, organização de natureza official, creada sob os auspícios do Governo do Estado mas com autonomia administrativa, o Instituto tem as suas vistas voltadas não só para a lavoura, como também para o commercio do producto. Ainda na Bahia encontramos o Instituto da Pecuaria e o Instituto do Fumo de criação mais recente. Na Parahyba, encontramos as cooperativas que têm elevado o nivel da agricultura parahybana a condições invejáveis para o norte.

Nestas condições, submete á casa a seguinte indicação:

"A Sociedade Nacional de Agricultura dever ánteresar-se junto á Directoria da Carteira de Credito Agricola industrial do Banco do Brasil para que os empréstimos a agricultores sejam feitos de preferencia por intermedio das cooperativas agricolas legalmente constituídas, desde que na localidade existam dessas associações. Essa providencia constituirá justo e efficiente estímulo ao cooperativismo no paiz, concorrendo efficazmente para integral-o como collaborador precioso da riqueza agricola nacional".

O Sr. Torres Filho reforça taes conceitos e submete á Mesa que approva a indicação, encerrando, a seguir, a sessão.

Sessão de 10-3-1938

*Associações Culturales de Agricultura — A Citricultura e o imposto de consumo — A safra do paiz*

Sob a presidencia do Sr. Arthur Torres Filho e com a presença de directores e associados, realizou-se a sessão semanal de Directo-Confederação Rural Brasileira, em que foria da Sociedade Nacional de Agricultura e ram estudados importantes problemas da economia brasileira.

Abrindo os trabalhos, o Sr. Torres Filho dá a palavra ao Secretario Arruda Camara, que lê o expediente, constante, dentre outros, dos seguintes papeis: officio da Direcção do Banco do Brasil, em resposta ao Memorial da Sociedade, no sentido de que as operações de credito com os agricultores sejam feitas de preferencia por intermedio das cooperativas agricolas legalmente constituídas. Respondendo a esse Memorial, o Banco do Brasil informa que "por considerar que a diffusão do

credito agricola repousa precipuamente na organização cooperativista, atravez da qual é possível chegar aos pequenos lavradores, foi que se incluiu no Regulamento da Carteira (art. 3.º) disposição expressa para assegurar ás cooperativas agricolas e pecuarias, legalmente constituídas, a faculdade de obterem della a necessaria assistencia financeira." O Sr. Torres Filho, a proposito, diz que é altamente auspiciosa para a agricultura nacional a comunicação do Banco do Brasil pois, certamente, a medida ali contida trará grandes beneficios á lavoura nacional. Congratula-se com o Sr. Humberto de Andrade — que se acha presente — por ter sido S. S. o auctor da idéa do Memorial.

Officio do Gabinete do Ministro da Fazenda, respondendo o da Sociedade para que os serviços de peritagem e avaliação de propriedades de que trata a Carteira de Credito Agricola e Industrial do Banco do Brasil sejam confiados a agronomos. O officio do Ministro da Fazenda veio acompanhado de copia do que lhe foi enviado, em resposta, sobre a mesma materia, pelo Banco do Brasil, no qua lse contem a seguinte resolução:

"Mas para o Banco, por si mesma se evidencia a conveniencia de que certos serviços, que a Carteira de Credito Agricola e Industrial tenha de organizar e dirigir, venham a ser executados por quem seja tecnicamente capaz de os realizar. Resolvemos, assim — sem prejuizo do aproveitamento das pessoas que ha longos annos nos veem presando bons serviços, como fiscaes ou administradores de propriedades — dar preferencia, nas avaliações ruraes, aos agronomos brasileiros de competencia comprovada pelo exercicio effectivo e capaz da profissão, e que, além diso, tenham a indispensavel idoneidade moral".

Ainda a proposito, o Sr. Torres declara que a Sociedade Nacional de Agricultura interveio na materia em harmonia com a Sociedade Brasileira de Agronomia e o Syndicato Nacional Ide Agronomos. Faz notar que o assumpto refefido constitue uma das operações mais importantes para a classe agronomica.

Officio da Associação dos Lavradores de Café do Estado de São Paulo, enviando copia do Memorial que dirigiu á Conferencia dos Secretarios de Fazenda pleiteando a abolição completa do imposto de exportação. Desse importante e longo documento, destacamos o seguinte expressivo trecho: "O imposto sobre a exportação, Exmos. Srs. Membros da Conferencia, é um resquicio da epoca colonial, que ha muito já devera ter sido abolido.

Sómente a tradição e o habito explicam sua continuação nos orçamentos dos Estados, quando em todo mundo, em geral, já não mais são usados, afora poucas excepções que se destinam a difficultar a sahida de um artigo necessario á vida de qualquer Paiz, sua alimentação ou industria, com caracter repressivo, portanto. Em outros tempos, já de muito passados, procurava-se, tambem por esse meio, difficultar ou impedir a sahida de materias primas que pudessem servir á industria de paizes concorrentes. Mas de tal coisa não mais se cuida nos paizes civilizados, nem, muito menos, se poderia cuidar no Brasil, paiz fadado pelas suas circumstancias especiaes, a abastecer com seus productos primarios, principalmente agricolas, as nações que não dispõem de iguaes condições, nem da nossa enorme extensão territorial. Afora os paizes que, como dissemos acima, adoptam tal tributo para reprimir, de modo eventual, muitas vezes na previsão de uma guerra, a exportação de determinados artigos, poucas excepções ha no mundo de paizes que o empreguem como recurso fiscal, onerando na sahida os productos que lhes interessa exportar. Veja-se a respeito a obra de O. Paranaguá, consulto de carreira e delegado do Brasil á Conferencia Economica Internacional de 1927, "Politica Commercial Internacional". Bem longe de tal proceder, elles, em sua maioria, favorecem, ao contrario, de todo modo, suas exportações, auxiliando aos productores com premios e bonificações. E se poucos, pouquissimos, tributam sua exportação com intempes coloniaes, em que dependiam de outeresse fiscal, este imposto se deve, talqualmente no nosso Paiz, á reminiscencia dos tras nações estrangeiras e á persuasão, as vezes logo desfeita, de se suporem donos do controle da producção de determinados productos, como, para o Brasil, já tambem aconteceu com deploraveis resultados, tanto no caso do café, como no da borracha. Todos os economistas o condemnam. Nos tratados de sciencias economicas, quasi que são referidos apenas para esclarecer circumstanciaes especiaes, porque as fontes de receita dos governos são bem outras: direito de importação, tributos sobre a renda, sobre a propriedade, sobre o consumo, sobre transacções commerciaes, emfim, uma multiplicidade de impostos, variaveis de um paiz para outro, mas pelos quaes são attendidas sempre as necessidades orçamentarias, sem que ninguem se lembre de fazer resurgir, como base de renda, um tributo obsoleto e condemnado pelo progresso moderno, mesmo que seja para attender a colossaes despezas com armamentos bellicos".

O Sr. Torres declara que a these da Associação dos Lavradores de Café do Estado de São Paulo trata de uma das questões mais debatidas entre os assumptos de tributação do Paiz, como é o imposto de exportação. A Sociedade agradece áquella Associação e aguardará o resultado da Conferencia dos Secretarios de Fazenda que, de certo, irá considerar

Officio da Cooperativa dos Lavradores de Muniz Freire, no Espirito Santo, solicitando o apoio da Sociedade junto á Carteira de Credito Agricola e Industria do Banco do Brasil para o pedido de trinta contos de réis feito por aquella Cooperativa, que foi encaminhado pela Directoria de Organização e Defesa da Producção. O Sr. Torres declara ser difficil a sua solução por se tratar de uma cooperativa de consumo.

Carta dos Srs. P. H. Rolfs e C. Rolfs, felicitando a Sociedade pela iniciativa da "Semana da Laranja" a ser realizada por occasião da Feira de Amostras. Propõem os missivistas que se organize um concurso para exportadores de laranjas com o objectivo de se estabelecer o typo ideal de laranja para exportação, o qual será estabelecido por uma commissão de arbitros, que tomarão em apreço: 1) Aspecto da Fructa; 2) Qualidade do paladar e, 3) Perfeição externa na embalagem. Este concurso terá por fim orientar o exportador e os administradores dos "Packing houses". O Sr. Torres Filho declara que a Sociedade se regosija com essa preciosa collaboração áquelle futuro certame. Lembra, tambem, que o Sr. P. H. Rolfs é um tecnico consagrado, tendo sido o organizador da Escola de Agricultura de Viçosa.

Officio da Sociedade de Geographia, convidando para assistir as suas conferencias annuaes, a serem iniciadas em breve.

Officio da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, convidando para a sessão commemorativa do 21.º anniversario do passamento do seu egregio patrono — Alberto Torres.

Proposta para socio do lavrador osé Vieira Netto, feita pelo Sr. José Maria dos Santos Junior; approvada unanimemente.

Antes de passar á ordem do dia, o Sr. Torres Filho diz que recebeu um trabalho, que reputa de grande valor, por revelar o amor ás coisas a dedicacão do seu aucto ás coisas agricolas do nosso Paiz. Refere-se ao primeiro volume do dictionario agricola, que está sendo organizado pelo Dr. Hilario Leitão. De tal modo S. S. se dedicou aos assumptos da vida rural que, mesmo depois de se afastar da vida activa, continua a tratar desses assumptos. O Dr. Hilario Leitão, com a collaboração do Sr. Carlos Duarte e outros technicos do Ministerio da Agricultura, vem realizando, assim, um trabalho que se distingue pelo seu

espírito de brasilidade. Por isso — declara o Sr. Presidente — registro com muita satisfação e muita alegria esse trabalho, com que elle brinda e offerece á Sociedade.

ORDEM DO DIA — Passando á ordem do dia, o Sr. Torres Filho diz que a nova lei do imposto de consumo, em elaboração, vae tendo grande repercussão em todos os sectores da economia agricola, causando certas apprehensões. E' de notar, sobretudo, os novos impostos sobre o vinho, que vêm ferir a viti-vinicultura. Já temos tido, aqui na Sociedade, informes seguros do que é a industria do vinho na região serrana do Rio Grande do Sul, em franca prosperidade. A producção é feita em pequenas propriedades, pelas informações ultimas, a aguardente continuará a pagar o mesmo imposto ao passa que o do vinho vae ter um grande augmento. Certamente, o Sr. Ministro da Fazenda vae secundar a defeza dessa riqueza, que é bem cuidada por todos os povos civilizados. A proposito, o Sr. Torres Filho lembra as palavras de Pereira Barreto, quando dizia que precisamos cuidar sempre de ter o pão, a carne e o vinho, como bases da alimentação nacional. Ora, justamente quando o Governo vem procurando desenvolver essa industria é que se pretende augmentar os impostos que sobre ella pesam. Assim, é de crer que o Sr. Ministro da Fazenda venha a reconsiderar alguns pontos do novo systema tributario afim de impedir que a industria vinicola venha a ser prejudicada.

O Sr. Monteiro de Barros, Director do Instituto Riograndense do Vinho, faz uso da palavra para ler trechos do Memorial enviado por esse Instituto ao Ministro da Fazenda. Por elle se constata o grande augmento que vêm de soffrer os impostos sobre os vinhos e outros productos da uva em comparando com a aguardente e os productos liquidos da canna. O Memorial, depois de acentuar o desejo dos viti-vinicultores em collaborar com o Governo na obtenção de novos recursos orçamentarios, faz notar a desigualdade na taxação estabelecida pelo Decreto-lei n. 301, de 24 de Fevereiro ultimo. Assim é que "a aguardente, que em toda parte do mundo é fortemente taxada, pelos inconvenientes do seu uso,

aqui tem o beneplacito da lei de uma maneira incomprehensivel, bastando citar o seguinte: cerca de 20 annos atraz o vinho pagava o imposto de 30 réis por litro, a aguardente 300 réis; hoje vemos os nossos vinhos contribuindo com 180 e 300 réis, enquanto a aguardente e o alcool permanecem nos mesmos 300 réis...! Considere o que representavam 300 réis naquelle tempo e o que valem hoje esses 300 réis e terá V. Exs. uma idéa exacta de quanto contribuem a menos para os cofres da Nação esses productos".

Relativamente ao augmeno comparativo dos impostos, diz o Memorial: "Passaremos a tratar, agora, daquillo que diz respeito exclusiva e directamente á industria vinicola, começando pelos augmentos de todos os productos vinicolas.

Por 100 litros	Antes	Agora
Vinhos de mesa communs	13\$500	18\$000
Vinhos licorosos . . . . .	13\$500	30\$000
Vermouths e quinados . .	13\$500	60\$000
Succo de uva, que não figurando no novo Regulamento, terá de pagar como "refrescos de fructas ou bebidas que se lhe possam assemelhar; xaropes, etc . . . . .	13\$500	45\$000
Cognac Nacional (fabricado com a distillação de vinhos) agora paga como estrangeiro . . . .	180\$000	420\$000

Continuando nas suas apreciações, o Sr. Monteiro de Barros diz que os municipios riograndenses productores de vinho já são grandes contribuintes do Thezouro Nacional, que arrecada de 1.000 a 5.000 contos de réis em varios delles. O Memorial, depois de estudar detalhadamente a taxação de cada um dos productos da uva, trata da questão da "obrigatoriedade do engarramento de todo vinho recebido pelo atacadista em volumes maiores de 1 litro". Essa innovação é altamente prejudicial aos meios vinicolas.

Outro assumpto para o qual o Memorial chama a attenção do Ministro é a que trata dos emolumentos de registro. Até agora, o pequeno fabricante de vinho (menos de 10.000 litros) estava isento do pagamento de emolumentos de registro. Pelo actual regulamento, qualquer que seja a producção, até 10.000 litros deverá pagar 100000. Por fim, o Sr. Monteiro de Barros passa a ler o trecho do Memorial que synthetisa as alterações que pleiteia a industria vinicola e que são as seguintes:

"Art. 3 — §, item XIII, que seja redigido assim:

"Vinho, asim considerado exclusivamente o producto obtido pela fermentação alcoolica da uva madura esmagada ou do succo da uva madura, nacional cujo fabrico é regulado pela Lei 549 do Ministerio da Agricultura e respectivo regulamento: 1.º) contendo menos de 12ºº de alcool em volume:

Por meio garrafa . . . . .	\$050
Por meio litro . . . . .	\$075

Por garrafa . . . . .	\$100
Por litro . . . . .	\$150

Mesmo artigo, mesmo §, item que couber:

Succo de uva, integral o uconcentrado por processo á vacuo”:

Com taxaçoõ egual á do vinho commum; como sempre pagou, ou seja:

Por meia garrafa . . . . .	\$050
Por meio litro . . . . .	\$075
Por garrafa . . . . .	\$100
Por litro . . . . .	\$150

Mesmo artigo, mesmo §, item que couber: “Cognac Nacional, obtido de conformidade como determina a Lei 549 e respectivo regulamento:

Por meia garrafa . . . . .	\$600
Por meio litro . . . . .	\$900
Por garrafa . . . . .	1\$200
Por litro . . . . .	1\$800

Art. 3.º, § 10, item I, n.º 2:

“Obtido pela fermentaçoõ acética de outros liquidos alcoolicos”:

Por meia garrafa . . . . .	\$300
Por meio litro . . . . .	\$450
Por garrafa . . . . .	\$600
Por litro . . . . .	\$900

Art. 3.º § 10, item II — Acido acético:

“Elevar a taxaçoõ de 50 0|º sobre a acim pleiteada no item I n.º 2.º

Art. 11, § 1.º

Isentos do pagamentos de emolumentos de registro os lavradores que fabricarem graspa, aguardente de canna ou de mandioca ou vinho, empregando somente productos de suas lavouras ou das de seus colonos ou empregados, quando a producçoõ annual não exceda de .000 litros englobadamente.

§ 2.º — Idem, idem, com producçoõ superior a 6.000 litros e inferior a 10.000 litros 25\$000”.

O Sr. Monteiro de Barros appella, então para que a Sociedade Nacional de Agricultura intervenha junto ao Ministro da Fazenda secundando os esforços do Instituto Riograndense do Vinho, com o que prestará relevante serviço á agricultura nacional, ainda mais que a cultura em apreço é feita no zona montanhosa do Rio Grande do Sul onde ella é a unica.

Sobre o mesmo assumpto, fallou o Sr. Aktino Sodrè, o qual depois de algumas considerações propoz que se aguardasse as resoluçoões da Conferencia dos Secretarios de Fazenda.

O Sr. Torres Filho, encerrando os debates sobre essa materia, declara que a missõ do Ministerio da Agricultura é a de incrementar a producçoõ e facilitar a circulaçoõ. Quanto á taxaçoõ dos vinhos e outras bebidas, que o augmento deve ser proporcional ao theor alcoolico. Declara, finalmente, que a Sociedade fará as devidas communicações e que elle tratará pessoalmente do assumpto com o Ministro da Agricultura.

Em seguida, o Sr. Torres dá a palavra ao Sr. Humberto de Andrade, que lê um interessante e oportuno trabalho sobre as “Associaçoões Culturales de Agricultura”. Refere-se a “esse trabalho “academico”, desenvolvido no seio de taes associaçoões, — as conferencias e congressos promovidos, os comicios, feiras e exposiçoões que incentivam ou realizam, e que não vale sómente como expressõ cultural. E” ,antes e sobretudo, um meio pratico e efficiente da collaboraçoõ com a administraçoõ publica”.

“Materia nova, não discutida e, por isso mesmo, de interesse especial, merece, sem duvida, o exame e a critica dos competentes. As associaçoões culturais de agricultura estão para a collectividade social do paiz, como cada agricultor está para sua classe”. “Este, contando exclusivamente com a aççoõ e os recursos isolados, jamais lograria alcançar vantagens materiaes e prerogativas moraes, que, com inteira justiça, pôde gozar. São conquistas legitimas, porém, que requerem cooperaçoõ e esforço em conjuncto, por iso que excede á capacidade individual.

Cita, a seguir, alguns exemplos, para illustrar a sua these, como “a obtençoõ de machinismos de beneficiar productos agricolas, como as machinas para beneficio do algodão, de extracçoõ de oleos vegetaes, tractores para lavar o solo, etc.; installaçoõ de cooperativas de agricultores para venda directa ao publico, e outras. Noutro terreno, os direitos da clases, que não são respeitadas a falta de orgãos representativos dessa mesma classe. Como exemplo de instituiçoõ daquella natureza, cita a propria Sociedade Nacional de Agricultura, donde “tem sahido suggestões de grande valia para a administraçoõ publica do Paiz”.

“A these, como se vê, possui facetas brilhantes e desafia a largos debates, para que se firme o alcance de seus propositos, para que se gerem e se radiquem convicçoões”.

O Sr. Torres Filho referindo-se á these do Sr. Humberto de Andrade, declara-a de grand eopportunidade, attendendoá á nova organização do Paiz. "Uma vez que o Estado supprimiu os partidos politicos, elle necessita de ter uma collaboração que não póde ser apenas a dos technicos; torna-se necessario a collaboração cultural. E", pois, uma cooperação que temos de defender. A Sociedade defenderá essa iniciativa junto ao Ministerio da Agricultura, para que no futuro Conselho Nacional de Economia essa parte seja representada, como convem aos interesses da lavoura.

Depois, o Sr. Torres Filho dá a palavra ao Sr. José Maria Fernandes para que S. S. falle sobre a estimativa da producção algodoeira no nosos Paiz, na presente safra.

O Sr. José Maria Fernandes diz, então, que a primeira estimativa da safra do norte do Paiz é de 188 milhões e 300 mil kilos e que a segunda estimativa do Sul é de 306 milhões e 500 mil kilos, formando, assim, o total de cerca de 500 milhões de kilos para toda a producção do Brasil.

O augmento da safra no Sul é devido á technica empregada em suas culturas, do que o Norte ainda se resente.

Reserva-se o orador para opportunamente tratar mais detalhadamente da materia.

O Sr. Joaquim Bertino lembra as difficuldades com que luctam os lavradores do Norte devido, sobretudo, á falta de padronização das fibras.

Em São Paulo, a padronização foi feita com rapidez, ao passo que no Norte ainda agora ella é defficiente. Na Inglaterra, o algodão do Norte era recebido com difficuldades devido á falta de padronização, além de sugidades que acompanhavam o algodão. Na sua opinião, o que o Norte tem a fazer, antes de cuidar do augmento da producção, é a melhoria do producto e sua padronização. O algodão do Norte, que já occupou o primeiro logar na producção nacional, acha-se, agora, em segundo plano.

O Sr. Humberto de Andrade diz que a falta de padronização é devido á ignorancia do agricultor nortista na materia; mas o Sr. José Maria Fernandes lembra que é bastante padronizar as sementes, o que é attribuição do Ministerio da Agricultura.

O Sr. Torres Filho agradece aos oradores que se occuparam do assumpto e lê, então o decreto sobre a padronização, baixado pelo Governo Federal. Espera que na proxima sessão novos e mais completos dados sobre a producção da presente safra sejam trazidos pelos estudiosos do algodão.

O Sr. Joaquim Betrino communica á Sociedade a nomeação do Sr. Landulpho Alves

para o cargo de Interventor Federal na Mahia e enaltece as qualidades do nomeado, lembrando, tambem, os serviços por elle prestados á Sociedade e como Director do Departamento Nacional da Produccão Animal, a que deu uma organização efficiente. Faz votos por que a sua administração seja, de facto, muito util ao progresso da Bahia e do Brasil. Propõe que a Sociedade se congratule com o nomeado.

O Sr. Torres Filho declara que a proposta do Sr. Bertino é particularmente agradavel, porquanto o escolhido para a Bahia é um dos Directores Technicos da Sociedade, á qual vem emprestando uma destacada collaboração desde longa data. Podemos dizer que desde que se formou o Sr. Dr. Landulpho Alves passou a privar co ma Sociedade. Essa conducta elle a manteve sempre, bastando citar a ultima exposição de animaes e a Conferencia de Peclaria, esta promovida pela Sociedade, em que elle muito animou, comparecendo ás sessões publicas que realizamos. O panyrico de S. Ex. não precisa ser feito por ser S. Exa. muito conhecido. Fez varias viagens ao estrangeiro, onde se especializou. Ultimamente achava-se a testa de um dos maiores departamentos do Ministerio da Agricultura, em que tem prestado grandes serviços á pecuaria brasileira. Está, pois, de parabens a classe agronomica, á qual pertence S. Exa., que só poderá lucrar com a sua administração.

A Sociedade registra o facto e vae telegraphar a S. Ex. congratulando-se com elle pela sua nomeação e offerecendo os seus prestimos para a sua administração, da qual muito espera a classe agronomica, a Bahia e o Brasil.

O Sr. Hilario Leitão propõe que a Sociedade telegrape ao Sr. Presidente da Republica por motivo do Decreto sobre a Padronização e Controle dos Productos Pharmaceuticos e Veterinarios, agradecendo a S. Exa. esse acto, que muito virá beneficiar a industria nacional.

Não havendo outros oradores, o Sr. Presidente encerra os trabalhos de tão proveitosa sessão de Directoria.

Sessão de 31-3-1938

#### AS POSSIBILIDADES ECONOMICAS DA AMAZONIA E O SEU SENTIDO AGRONOMICO — O PAPEL DE MINAS GERAES NA ECONOMIA BRASILEIRA

Perante numerosa assistencia e com a presença do Sr. Luiz Celso de Azevedo Marques, representante do Sr. Ministro da Agricultura, do Sr. Franco Martyres, represen-

tando o Sr. Interventor no Estado do Pará, do Sr. Lauro Neiva, representando o Sr. Ministro da Fazenda, realizou-se a sessão semanal da Sociedade Nacional de Agricultura.

Presidiu os trabalhos o Sr. Torres Filho, que, ao abril-os, declara ser a sessão consagrada á conferencia do Sr. Enéas Calandrine Pinheiro, sobre as "Possibilidades economicas da Amazonia e o seu sentido Agromico". Dispensa-se de apresentar o conferencista, por se tratar de um nome perfeitamente conhecido, e uma autoridade na materia sobre que vae discorrer. Explica que a provocando um certo desassossego entre as nações que têmem a pose de grandes territorios ainda não completamente aproveitados. Sociedade Nacional de Agricultura, de ha muito, vem insistindo com S. S. para que, da sua tribuna, ventilasse o momentoso assumpto. Essa insistencia era justificada pela oportunidade, que se nos depara, de focalizarmos a Amazonia, região riquissima que correspon a um verdadeiro reservatorio de materias primas, creando-se, mesmo, um clima que está Tal não se pôde dizer, entretanto, em relação ao Brasil. Dispondo de oito milhões de kilometros quadrados, nos quaes se encontram as mais variadas condições de clima e de solo, o apparente abandono de que porventura se pôde taxar de um paiz novo, com apenas quatro seculos de vida e lutando com a falta de recursos financeiros e technicos. Seria, entretanto, demais desejar que nós, ainda em formação, já tivéssemos podido levar a essa immensa região os recursos da sciencia e um completo e perfeito aparelhamento economico, de modo a que essas riquezas ficassem devidamente aproveitados. A nossa preocupação por esse aproveitamento tem sido constante e, podemos affirmar, consideravel o resultado obtido.

Sabemos bem que a região amazonica não poderia, de um momento para outro, ser exploramente agronomicamente. Ella tinha, necessariamente, de passar por essa primeira phase de aproveitamento daquillo com que a natureza nos aquinhoou, para pasar á phase da transformação que a integrasse no rythmo do desenvolvimento geral das riquezas do paiz. Os paizes europeus, detentores de terras colonias, lançam mão, para o seu aproveitamento, de recursos financeiros de que não dispomos, no Brasil, e dos quaes não poderemos dispôr senão á medida que a nossa civilização se fôr desenvolvendo, de molde a accumular identicos recursos que seriam posteriormente applicados a todo o territorio nacional. Sabemos, por outro lado que, devido á guerra economica que se trava entre as nações, dia a dia se torna mais difficil transpor

as barreiras que se vão levantando á nossa nosso campo no que concerne á concurrencia com as colonias europeas. Teremos, portanto, de aproveitar essas riquezas tanto quanto possível dentro do mercado nacional, aproveitando o consumo interno mediante uma organização economica já bastante possível em face do crescimento constante da nossa população.

Ora, a Amazonia, portanto, antes de ser uma reserva da humanidade, é uma reserva do Brasil e, para tanto, já dispomos de um aparelhamento industrial que, não sendo perfeito, já offerece á absorpção do consumo interno a apreciavel cifra de cerca de oito milhões de contos. A capacidade acquisitiva do meio brasileiro é relativamente pequeno, mas toda aquella produção já é consumida no mercado interno.

Dispomos, na Amazonia, de numerosos productos, dentre os quaes sobresaem a borracha, a castanha e os oleos vegetaes que, estes, constituem hoje a maior cobiça das nações imperialistas. Portanto, a Amazonia é um patrimonio que devemos defender e, para tanto, temos de olhar para ella com o maior carinho, com o carinho proprio de um povo que está disposto a defender aquella região com o mesmo entusiasmo com que defenderia outra qualquer parte do territorio nacional.

Mas, para tanto, é preciso preparar a mentalidade brasileira em relação á Amazonia, de molde a trazel-a cada vez mais integrada na communhão brasileira.

A Sociedade Nacional de Agricultura tem tido a honra de ver a sua tribuna honrada por illustres filhos da Amazonia, que lhe tem vindo trazer as suas palavras de confiança no futuro da região e, muitas vezes, apellos para a defesa do grande patrimonio com que nos brindou a providencia. Sempre esteve a Sociedade alerta, como prova o facto de haver insistido com o Sr. Calandrine Pinheiro para que, neste momento, lhe viesse trazer uma contribuição que considera util por todos os titulos. Foi procurar um filho illustre da Amazonia, um engenheiro agrônomo que tem perfeita comprehensão dos problemas locais, que os conhece e estuda ha longos annos, para que a sua voz ecõe pelo Brasil e despertando consciencias e avivando interesses.

Assim se explica — termina o Sr. Torres Filho — a razão pela qual hoje ouviremos o Sr. Enéas Calandrine Pinheiro, e isto deve, tambem, ser tomado como uma sincera homenagem aos milhares de brasileiro que alli luctam a tantos annos com a natureza dádiva mas rispida, e, por isso, dignos, por todos os titulos, do nosso apreço e admiração.

O Sr. Enéas Calandrini Pinheiro agradece as referencias e pronuncia, sob o maior interesse, a conferencia que adiante resumimos:

O conferencista abordou, de principio, as condições climatericas da Amazonia, declarando que seu clima nada tem de alarmante. E se a alguns cientistas que percorreram essa região, aprouve malsinar as suas condições de vida social, como Agassis, sabios como Humboldt, prophetizou-a como o celleiro futuro do mundo, e culminancias como Martins e Huber, Goeldi e Hart, elevaram-na cultuaram-na e a estudaram sem os preconceitos estreitos do derrotismo, nem as phantasias volumosas e ridiculas de Orellana na lendaria prosapia do Eldorado cubiçado e imaginario.

Contestou a impropriedade do clima amazonico á habitação humana, afastando os projectos de colonização, base primordial do seu soerguimento, baseado nas theorias modernas que repellem a archaica abusão de zona torrida, affirmando, com Le Dantec, que a vida é uma adaptação, viver é habituar-se. Um organismo não muda de meio sem modificação na sua estructura. A nova ambiencia exerce sobre elle um constrangimento, no sentido de modifical-o, adaptando-o. Mas, a aclimação ou adaptação não é, de maneira nenhuma, degeneração. Os antigos não souberam distinguir esses dois phenomenos differentes. Acreditaram que era um unico. Dahi suas lamentaveis theorias climatologicas, á sombra das quaes a imaginativa popular architectava as mais phantasiosas credices (oão Henrique).

Referindo-se ao Interventor do Estado do Pará, presente á conferencia, o Dr. Enéas Calandrini Pinheiro assim se manifestou:

"Apraz-me, depois deste prefacio, apre-senitar aos assistentes, a figura sympathica do honrado chefe do Governo paraense, o eminente Dr. José da Gama Malcher, administrador producente, esclarecido, amigo do Pará, dedicado ao seu progresso, com a indumentaria moral de um prestígio pessoal de homem limpo e de rara expressão intelectual, e que, apreciado e visto de perto pelos grandes brasileiros Getulio Vargas, Oswaldo Aranha, Odilon Braga, Arthur Costa, Marques dos Reis, Mendonça Lima, etc., é um padrão de orgulho da terra paraense".

Estudou em seguida o alto desenvolvimento agricola que tem tido o Estado de São Paulo, desde a cultura adiantadissima do cafeeiro ás demais plantae tripicaes e exoticas que tem tido notavel incremento nesse Estado. Fez uma comparação synthetica do progresso desse Estado com os demais da Fe-

deração, em tateria de agricultura, demonstrando que todo esse desenvolvimento material espantoso foi devido, no campo da polycultura aos conselhos e aos esclarecimentos profundos dos seus agronomos, do eminente Gustavo d'Utra ao illustre Fernando Costa, de Theodureto de Camargo ao competente Adalberto de Queiroz e destes valórosos e completos profisionaes sahidos da consagrada Escola de Piracicaba, templo do saber, que é honra suprema do Brasil, exemplificados em Torres Filho e provector orientador da classe agronomica na grande cruzada a que todos os agronomos se dedicam.

Falla dos vegetaes preciosos que a Amazonia possui, verdadeiros privilegios que poderiam architectar o mais solido e gigantesco monumento de prosperidade nacional, se o Brasil pôr mão de obra em tão necessaria, e imperiosa conveniencia.

Referiu-se ao progresso realizado, em materia de agricultura tropical, após a guerra de 1914, pelas maiores nações colonizadoras do velho e do novo mundo, em suas colonias equatoriales, são de ordem a desassocegar o espirito patriotico de regiões como a nossa, ricas de recursos vegetaes cubiçados e de clima e solos sem grandes contrastes com os de suas possessões.

A Amazonia possui cerca de 200 vegetaes preciosissimos sob o ponto de vista da alimentação e da industria que precisam ser immediatamente transformados, da industria extractiva a industria agricola; cogitando-se de resolver o seguinte problema, como já uma vez dissera um grande agronomo paraense (Penna Teixeira):

"Agricultar, concentrar, consociar esses nossos vegetaes preciosos, dispersos na immensidade da floresta amazonica; fixar as energias nomades da nossa população rural; standardizar as culturas e as colheitas produzidas, pela selecção, pela technica especializada; constitue a essencia dessa remodelação, d anossa economia e a que, certamente, nos decidiremos afinal conscientes das nossas responsabilidades".

Esses problemas actuaes da Amazonia estão apenas dependendo de sã visão sociologica e de coordenação technica; isto é, conhecimento do homem e da Natureza, amazonicos, e senso normal da agricultura nos seus variados aspectos locais e universaes.

E é justo salientar que o habitante da Amazonia não é o que muito gente assevera, um indolente por habito e que, não é verdade que quem uma vez foi seringueiro jamais saberá trabalhar em outro mister. Principalmente no Pará, com a sua pequena popula-

ção rural, temos visto, pela produção da zona agrícola, que o homem do campo não é, não pôde ser um inutil.

Essas para nós já elevadas cifras de exportação e de produção com uma população rural, veja-se bem, que não alcança 300.000 homens validos para as labutas do campo, dão uma demonstração claríssima de alguma coisa superior e nobre.

Na estimativa das culturas do Pará, rigorosamente computadas, assim mesmo, com a ridícula expressão da nossa pequena densidade de gente aproveitável, vemos uma apresentação notável de cerca de 30.000 toneladas das de farinha de mandioca, 15.000 de arroz, 3.000 de algodão em pluma, 3.500 de feijão, além do cacáu, do fumo, dos fructos cultivados, das industrias extractivas, do gado, sem fallar da nossa já apreciável industria manufactureira de calçados, doces, bebidas e outros productos.

E' certo que muito temos soffrido com as crises continuadas da borracha e de outros productos, mas se soffremos as consequencias de um facto inevitável, procuramos, experimentados pelo dôr, conqu' istar, sem ressentimentos, as alegres canções de uma victoria diaria, verdadeira ressurreição mandada por Deus, como premio de nossa resignação.

Obra exclusiva do nosso povo que bem tem comprehendido, na sua silenciosa abnegação patriótica, que a depressão que sentimos estava assignalada pela propria feição dos factores organicos, naturaes e sociaes que se observam em toda parte.

De que o nosso trabalhador necessita é de assistencia publica, pela instrução e pelos recursos hygienicos e de orientação ao seu trabalho. Tem elle grandes qualidades, que o collocam na primeira linha, entre os operar os requisitos dos outros povos. E' intelligente e de uma ductilidade assombrosa para assimilar é resistente como o leão e madrugador como os passaros, e, sobretudo, tem incontestavel apego á terra e um grande affecto á sua familia. Proposições estas que eu aqui digo, poderei provar em qualquer tempo, com a copiosa experiencia que tenho alcançado, no convivio continuo, no meio da simplicidade dessa gente explorada, desse povo menosprezado e abandonado de minha terra paraense.

O orador, depois de varias considerações opportunas, declarou que tinha fé no impulsionamento das forças naturaes criadoras, com o calor patriótico da profunda actuação da sciencia agronomica. E repetiu: Terminando: "Esta fé, guiado o Ministerio da Agricultura, hoje, pela grande oportunidade social de Fernando Costa é, no norte, o verdadeiro programma de Rumo ao Campo. E'

preciso agir, é preciso produzir, é preciso orientar as populações ruraes, indicando-lhes a estrada ampla, a illuminada via-lactea das sus aspirações, pelo trabalho e pelo methodo, na vigente prosperidade das nossas conquistas agricolas.

A seguir, usa da palavra o Sr. Torres Filho para agradecer, em nome da Sociedade Nacional de Agricultura, a brilhante contribuição do Sr. Calandrini Pinheiro, ajuntando outros argumentos em favor da these que antes desenvolvera, do aproveitamento e defesa da vasta região.

O Sr. Azevedo Marques, representante do Sr. Ministro da Agricultura, pede a palavra e diz que se felicita por ter sido designado por S. Ex. para assistir officialmente a conferencia do Sr. Calandrini Pinheiro, pioneiro, por ter tido, assim o ensejo de fruir o convivio da Sociedade Nacional de Agricultura, desejo que de muito alimentava; segundo, pelo prazer de ouvir a palavra autorizada de Calandrini Pinheiro, um incansavel batalhador das coisas agricolas e, finalmente, por se tratar de assumpto rfeerente á Amazonia, região que ha pouco percorrera e cujo meio formidavel e grandioso sentira. Termina manifestando as sympathias do Sr. Fernando Costa pelos problemas do extremo norte — problemas que, como agronomo bem conhece e aos quaes não negará nenhum esforço para a respectiva solução.

A seguir, o Sr. Pereira Brasil apresentou trabalho de divulgação sobre o papel de Minas Geraes na economia brasileira, citando factos e cifras, que muito impressionaram a numerosa assistencia, e que será opportunamente divulgado.

O Sr. Torres Filho agradece a presença de todos os Srs. representantes das autoridades, directores e socios e encerra a sessão.

Sessão de 7-4-38

*Solemnidade da Entrega de 72 Certificados de Exame do Curso de Defesa Sanitaria Vegetal pela Escola de Horticultura Wenceslau Bello — A Piscicultura no Nordeste, Conferencia do Dr. Rodolpho von Iehring*

Com a presença dos representantes dos Srs. Ministro da Fazenda e da Agricultura, e de outras autoridades federaes, realizou-se, com extraordinaria concurrencia, a sessão semanal da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura.

Presidiu os trabalhos o Sr. Arthur Torres Filho, que ao abril-os explicou os fins da reunião, e que eram os de fazer entrega dos

certificados á turma de alumnos approvados no Curso de Defesa Sanitaria Vegetal, da Escola de Horticultura Wenceslau Bello, e de ouvir a conferencia do Sr. Rodolpho von Lhering, a respeito das possibilidades da piscicultura no nordeste brasileiro.

Começou o Sr. Torres Filho congratulando-se com a Sociedade pela data que, a seu ver, deveria ser inscripta como uma das mais gratas para a vida da instituição. E' que a Sociedade presenteava o meio agricola nacional com uma turma numerosa, de 72 brasileiros, habilitada nas praticas da defesa sanitaria vegetal, a primeira que sahe da Escola de Horticultura Wenceslau Bello. Por outro lado, não poderia passar despercebido o facto de haverem utlimado o curso 72 pessoas, e isto constitue motivo de louvor da Sociedade para aquelles que accorreram a se inscrever no curso, dedicando-se a uma especialidade que, á primeira vista, poderia parecer de pequena utilidade pratica. E' um depoimento muito honroso para todos nós brasileiros, diz o Sr. Torres Filho, porque mostra a receptividade que já existe em nosso meio para os estudos das coisas relativas ao trabalho mais notilitante em todo o campo da actividade humana, e que é justamente o da terra. Já houve quem dissesse que o Brasil é a terra, e com razão, porque, com os seus oito milhões e meio de kilometros quadrados, apenas dispõe de uma área aproveitada de 2<sup>o</sup>%. Dahi, o receio de sermos presa da cobiça extranha, e o dever que se nos impõe de encaminhar para a terra, para o trabalho vivificante do campo, as populações brasileiras. Tudo, pois, que se fizer para o aproveitamento dos nossos campos e terras, redundará num grande serviço ao paiz.

A Sociedade Nacional de Agricultura — continúa o Sr. Torres Filho — com quarenta annos de existencia, atravez phases de grandes difficuldades, e graças aos espiritos luminares que têm passado por sua presidencia, não tem feito outra cousa senão cuidar dos maximos problemas agrarios e economicos do Brasil e não pôde, assim, deixar de registrar este dia como o que encerra uma de suas maiores conquistas. Congratula-se com os alumnos pelo aproveitamento revelado e exhorta a classe a congregar-se e a ter iniciativa, pois não é possível que se contente em esperar do governo todas as iniciativas. E' preciso que os proprios lavradores se organizem e, nesse sentido, é que tem sido o trabalho principal da Sociedade. Essa classe tem em suas mãos o maior patrimonio nacional, porque é do trabalho da terra que vive a nação brasileira, é do trabalho dos campos que tiramos todos os nossos recursos para vi-

vermos como nação soberana. E' com satisfação — continúa o Sr. Torres Filho — que vejo, entre os novos technicos em defesa sanitaria vegetal, representantes de todas as classes sociaes, inclusive os representantes do glorioso Exercito Nacional e da Marinha, como que numa verdadeira parada civica, animando, assim, a Sociedade Nacional de Agricultura a redobrar esforços e a não medir sacrificios para continuar a sua obra. Por isso mesmo, novos cursos já foram iniciados. Refere-se, depois, ao Sr. Fernando Costa, Ministro da Agricultura, que já distinguuiu a escola com a sua visita, não poupando esforços para que a iniciativa da Sociedade alcançe o seu objectivo principal, que é o da formação de verdadeiros technicos horticultores. Não se justifica mais que a descrença de que é impossível esparzir-se o ensino agricola na massa das nossas populações ruraes, como é facil comprovar-se pela receptividade encontrada no seio da população carioca. A seguir, dá a palavra ao Sr. Arruda Camara, Director da Escola, que lê um pequeno relatório a respeito dos resultados obtidos com o Curso de Defesa Sanitaria Vegetal. Para ministrar-o, — informa o Sr. Arruda Camara — contou a Escola com o concurso valioso e desinteressado dos illustres profissionaes Drs. João Henrique Raeder, Manoel Fadigas de Souza e Mario de Araujo Marques, do Serviço de Defesa Sanitaria Vegetal do Ministerio da Agricultura.

O curso foi distribuido em 12 lições, nas quaes prevaleceram as operações de caracter pratico, utilizando-se, para tanto, não só os terrenos do Horto, como tambem os da Fazenda de São Bento, onde fomos buscar os formigueiros necesarios a esas aprendizagem formigueiros necesarios a esas aprendizagem. E" de registrar-se, neste particular, a boa vontade e a collaboração preciosa da Escola Nacional de Agronomia, que forneceu condução para os alumnos e professores, bem como grande parte do material necessario.

Matricularam-se no curso 108 alumnos, das mais variadas profissões, a saber: Estudantes de agronomia, 31; funcionarios publicos, 19; lavradores, 18; trabalhadores ruraes, 11; militares, 9; estudantes, 9; commerciaros, 5; architectos, 2; desenhistas, 1; professor, 1; tecnico de laboratorio, 1; veterinario, 1.

Desses, entraram em exame 74, sendo approvados 72, havendo, portanto, apenas duas reprovações.

O criterio, para os exames, foi o mesmo adoptado no Curso de Enxertadores, sendo a frequencia total considerada no resultado final. Assim, a frequencia total valia 2 pontos;

1,50 1,00 e 0,50, respectivamente, tiveram os alumnos com 1, 2 e 3 faltas. Os que deixaram de comparecer durante quatro aulas, seguidas ou não, não puderam entrar em exame. As notas maximas, para cada professor, foram de 2,50 e, excepcionalmente, de 3,00. Pelo quadros dos resultados dos exames, verifica-se que as maiores notas foram as de 10 e 40, 10 e 20, e 10 e 10, attribuidas, respectivamente, aos alumnos Lery Fausto de Souza, do Serviço de Defesa Sanitaria Vegetal; Possidio Gomes Campos, tecnico dos Laboratorios Raul Leite; e Jomarcenio Corrêa, estudante e 1.º cabo do 1.º Regimento de Infantaria. Sendo essas as tres notas distinctas da numerosa turma aprovada, suggiro á Directoria da Sociedade que, como medida de justiça e de estímulo a esses moços, seja o facto communicado por officio ás repartições ou empresas a que pertençam.

Excluidos os que não obtiveram frequencia minima, e que foram 17, apenas 15 outros deixaram de comparecer a exame. Destes, é bem posivel que a maioria tenha feito o curso por mera curiosidade intelectual, havendo uma outra parte deixado de comparecer por motivos imperiosos, alguns delles communicados á direcção, como é o caso de dois militares transferidos para Estados distantes.

E', termina o Sr. Arruda Camara — uma turma numerosa e entusiasta, com um campo muito vasto ás suas futuras actividades, com que a Escola de Horticultura Wenceslau Bello presenteia o nosso meio rural. O noso mais estimavel serviço ao paiz tem de ser justamente esse: revelar vocações e encaminhal-as. E continuaremos a fazel-o. Dois novos cursos rapidos se iniciaram já depois do de Defesa Sanitaria Vegetal. O elevado numero de inscrições, tanto no de Multiplicação Vegetal como no de Herbarios e Museus de Productos Vegetaes attestam o crescente movimento de interesse em relação a essas cogitações e em nada ficam a dever ao que tão fortemente encerramos, hoje, com esta solemnidade.

Ao Serviço de Defesa Sanitaria Vegetal — na pessoa do seu Director — os nosos agradecimentos e aos profesores Marques, Raeder e Fadigas o nosso reconhecimento, aos alumnos toda a nossa sympathia.

E" a seguinte a relação dos alumnos aprovados: Lery Fausto de Souza, Indio Tamoyo Prado, Alcides e Loni, Honorio da oCosta Monteiro Netto, Claudionor Ferreira, Heraclito Garcez, Antonio Araujo Aguiar, Julio Costa Tneophilo, Manoel Coutinho dos Santos, Joaquim de Almeida Ferraz, Joanna de Arruda Camara, Adriano Dantas, Mancio Ferreira, José Victor de Sant'Anna, Elcio

Chrisostomo, Dante Camara Neiva, Pichara Boueri Filho, Manoel Ignacio Torres, João Huss da Silva Rocha, Edison Juraci Borges Miguel, Luiz Benjamin, Oswaldo C. Gagliano, Possidio Gomes Campos, Jomarcenio Corrêa, Reynaldo da Silva Carvalho, Flavio de Carvalho Mesquita, Henrique Pimenta Veloso, osé Ferreira Pinto, João Vieira, Nino di Mattia, Manoel Bezerra de Oliveira Lima Sobrinho, Joaquim Alves Coelho, Honorio Francisco da Silva e Souza, Manoel Leite da Silva, Jalces Tamoyo Prado, Demosthenes B. Moscoso, Antonio Alves Martins, Pedro Medeiros Ferro, Renato Pinto Brown, Fernando Henrique Vieira, Carlos Provenzano, Samuel Pinto Cortez, Manoel de Aragão Gesteira, Salvador Russel, Alberto José Arési, Edmur Vianna Cazes, José de Queiroz Fortuna, Bianor Garcia de Moraes, J. Volga C. Peçanha, Jacyrío Ferreira Simas, Alfonso Guimarães Filho, Francisco Morgado, José Aristides de Albuquerque Mello, Joaquim de Assis Lopes, Paulo Tavares de Macedo, Oswaldo R. de Oliveira Santos, Bellarmino Christovam da Rocha, Alberto F. Alves de Barros, José R. da Silva Junior, Rubem Francisco da Silva e Souza, Joaquim Victor Barbosa, Humberto Montreal de Cerqueira, Goldwasser Pereira Santos, Francisco X. Fernandes, João Fernandes, Raymundo de Oliveira Coimbra, Geminiano Mendes de Britto, Michel Sayer, Odorico da Silva Gomes, Antonio Rodrigues Mourão, Roberto de Freitas Pacheco e Franklin George Naylor.

A seguir, e sob palmas, foi feita a entrega dos certificados aos tres alumnos que obtiveram nota distincta, ficando resolvido que a Sociedade, de acordo com a suggestão do Sr. Arruda Camara, officiasse ás repartições e empresas a quepertencem, communicando o facto.

O Sr. Adriano Dantas, Presidente da Sociedade União dos Agricultores, e um dos alumnos aprovados, em breves palavras, manifestou a satisfação de que se achava possuido com mais essa victoria da Sociedade Nacional de Agricultura, e declarando, em nome dos pequenos lavradores do Districto Federal, que estes ainda esperavam muito da Sociedade em prol da numerosa classe, que já se vae beneficiando com a Escola — uma verdadeira necessidade para a melhoria dos processos de producção na Capital do Paiz.

A seguir, o Sr. Torres Filho annuncia que vae fallar o Sr. Rodolpho von Ihering, a respeito da piscicultura no Nordeste. Tem para com esse tecnico expressões de elogio, referindo que, de outra feita, já occupara a attenção da Sociedade sobre o mesmo themã de que é apaixonado. Discorre a respeito das

possibilidades da nossa piscicultura, ainda apenas ensaiada, mostrando o valor economico de uma exploração racional da pesca, preconizando os trabalhos scientificos como indispensaveis a essa exploração, tal qual vem fazendo, com inexcedivel abnegação e éxito, o illustre patricio que tão patrioticamente se consagrou a essa especialidade.

O Sr. von Ihering informa que a sua palestra, visando demonstrar o que tem sido feito no Nordeste em prol da piscicultura, terá de ser resumida. Afim de que todos os presentes possam ter bem uma idéia do que foi e está sendo esse trabalho, organizou dous filmes, um, como apresentação geral daquelles trabalhos e, outro, demonstrando a evolução dos ovos, depois de fecundados, segundo os processos adoptados por S. Ex. no povoamento dos agudes daquella vasta região.

O primeiro, representa o resultado de cinco annos de trabalhos, nos quaes contou com a collaboração dedicada de Pedro de zevedo, Borges Vieira e outros, sendo que, ao primeiro, foi entregue, com satisfação sua, a chefia dos serviços no Nordeste, com a sahida do orador para outro sector da administração. Delle espera a continuação, com vantagem, dos serviços iniciados sob a mesma orientação. Refere-se ás zonas do Brasil nas quaes a piscicultura precisa desenvolver-se, accentuando que é justamente no Nordeste onde mais necessario se faz a assistencia dos scientists e do governo, afim de dotal-o desse grande elemento de vida. Esse objectivo, tem o prazer de informar, pôde ser considerado como atingido, graças á iniciativa do então Ministro José Americo, que o incumbiu dos trabalhos cujos resultados está apresentando. Agora, o incumbiu dos trabalhos cujos resultados está apresentando. Agora, chamado pelo Ministro Fernando Costa, irá fazer identico trabalho de um modo mais geral para o Brasil, excluindo naturalmente a Amazonia, cujos numerosos rios estão bastante povoados. Dedicar-se-ha especialmente zona sul, visto como, tambem em S. Paulo, ainda ao tempo do actual Ministro da Agricultura como Secretario da Agricultura daquelle Estado, teve occasião de realizar alli trabalho identico ao do Nordeste, utilizando, sempre, os elementos dos nossos rios e lagos para a disseminação das especies mais aconselháveis. Refere-se a essas especies, mostrando as suas qualidades de accordo com os estudos feitos. O éxito da tarefa de que foi incumbido, diz S. Ex., está justamente no proceso de fecundação artificial dos ovos, até então completamente desconhecido no mundo. Esta solução foi alcançada após alguns annos de trabalho, não sem ter

procurado, antes, recorrer aos elementos de reconhecida autoridade do estrangeiro, mas, sem nenhum resultado satisfactorio.

Refere-se á escolha dos technicos auxiliares, tendo palavras de grande entusiasmo para uma turma de mços recrutados por S. Ex. na Universidade do Brasil, os quaes, submettidos a exame, revelaram conhecimentos que muito honram aquelle estabelecimento de ensino.

O Sr. Torres Filho lamenta que o senhor von Ihering não tenha, ainda, reunido em trabalho especial o resultado dos seus proficuos estudos e fazendo a S. Ex. um appello para que não deixa de fazel-o, em beneficio das letras scientificas do Brasil, de muito enriquecidas com as notaveis observações e experiencias levadas a effeito durante tantos annos d etrabalho tenaz e patriotico.

Tem a certeza de que a piscicultura no Brasil, entregue ao Sr. von Ihering, terá, agora, uma phase de franco desenvolvimento, sob a larga visão do Ministro Fernando Costa, espirito entusiasta e homem de grande capacidade realizadora, como muito bem o demonstrou quando Secretario da Agricultura de São Paulo. Tem a impressão de que, se não lhe falharem recursos materiaes, dotará o Brasil de todos os elementos de progresso que fazem hoje de São Paulo um padrão de gloria no terreno economico do paiz.

Agradece a presença dos representantes das autoridades presente e encerra, a seguir, a sessão.

Sessão de 27-4-1938

## O REFLORESTAMENTO DAS ZONAS DE PINHAES DO SUL DO BRASIL — O COOPERATIVISMO

Sob a presidencia do Sr. Arthur Torres Filho, reuniu-se, como de habito, a Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura.

O Secretario, Sr. Arruda Camara, procedeu á leitura do expediente, que constou, dentre outros, dos seguintes papeis: carta do Presidente da Companhia Florestas e Madeiras Brasileiras, na qual se refere á noticia relativa ao interesse tomado pelo Syndicato de Madeiras, por influencia da Sociedade Nacional de Agricultura, na importante questão do reflorestamento da extensa zona de pinhaes do sul do Brasil. Essa iniciativa — diz o missivista — merece ser carinhosamente acolhida por todos aquelles que se interessam pelas cousas do nosos paiz e, assim sendo, lembra á Sociedade que, ao lado desse assumpto, seja tambem tratada a questão das "queimadas"

feitas por particulares ou motivadas por fagulhas das locomotivas das estradas de ferro, queimadas essas que annualmente inutilizam milhares e milhares de arvores em formação, attingindo muitas vezes as mattas virgens e de elevado valor, podendo assim vir a prejudicar tambem qualquer reflorestamento feito.

O Sr. Torres Filho diz que o assumpto a que se refere a Companhia Florestas e Madeiras tem sido previsto no exame procedido conjunctamente pela Sociedade e as associações de madeireiros. E' assim que, já no corrente anno, foram realizadas varias reuniões com a presença dos representantes das cooperativas e syndicatos, dahí resultando autorização para entendimentos com as autoridades no sentido de se estudar uma orientação visando a preservação e a exploração racional das nossa riquezas florestaes, representadas principalmente pelos pinheiraes dos Estados do Sul do Brasil. Evidentemente, trata-se de uma riqueza da qual precisamos cuidar antes que seja malbaratada, como já tem acontecido a outras riquezas nacionaes, porquanto os pinheiraes do sul constituem um agrupamento floristico uniforme, susceptivel de exploração industrial. Embora tenhamos por habito decantar as nossas florestas como riquezas imensuraveis, é preciso encarar a realidade dos factos, e considerar que as florestas de pinho do sul do Brasil são as unicas florestas homogeneas, o unico agrupamento florestal contínuo na America do Sul e, pois, o unico que, tambem, offerece possibilidade de exploração systematica e economica, podendo constituir verdadeira industria. Entretanto, a sua exploração ainda é feita sob moldes os mais empiricos, tanto assim que a nossa exportação de madeiras se faz sob a forma de tóras, como materia prima para a industria da cellulose e outras. Felizmente esboça-se um movimento entre os proprios interessados na actual industria extractiva da madeira no Brasil, para que se faça uma organização de character nacional abrangendo todos os estagios da industria do pinheiro, trazendo ao paiz, inclusive, os proveitos da industria da cellulose nacional. A iniciativa desse movimento está tendo forte repercussão, até mesmo nos Estados que não dispõem dessas reservas florestaes e, comquanto haja pontos de vista divergentes no modo de encarar detalhes da organização, a idéia vae marchando, e se evidencia a necessidade de uma medida capaz de coordenar essa exploração. A carta que acaba de ser lida é bem um exemplo desas convicção entre os interessados, ee tambem da necessidade de daquelle orgam.

O Sr. Virgilio Campello pede a attenção da casa para o nome do signatario do memo-

rial, Sr. João Dale, que tem realizado já — e por isso deve merecer os louvores da Casa — uma apreciavel obra de reflorestamento, como acontece em Passa-Quatro, onde existe uma regular plantação de pinheiros do Paraná, que ha tempos visitou.

E' lida a seguir uma carta do Banco Agricola do Pararaguay pedindo mudas de abacaxi. O Sr. Torres Filho manda que se officie, a respeito, á Secretaria da Agricultura do Estado do Rio e á União Agricola Fluminense.

O Sr. Secretario, continuando a leitura do expediente, dá conhecimento á casa de uma carta do Sr. Lourenço Monaco, enologo no Rio Grande do Sul, na qual solicita o intermedio da Sociedade para que chegue ás mãos do Sr. Ministro da Agricultura um memorial a respeito da Lei Federal n. 301, cuja applicação á industria dos vinhos nacionaes (a nova lei do sello) constituiria "um verdadeiro golpe de morte".

O Sr. Torres Filho tem palavras de louvor para esse devotado batalhador da industria do vinho nacional e promete enviar o memorial ao Sr. Ministro da Agricultura.

Depois de lidos outros papeis, o Sr. Torres Filho diz que a sessão se destina especialmente á conferencia do Sr. Ismael Cordovil, sobre a situação do cooperativismo no paiz em face da legislação actual. Sobre este assumpto, comtudo, antes de dar a palavra ao illustre conferencista, deseja fazer algumas considerações, visando mostrar a importancia que repersenta o cooperativismo para a padronização dos nossos productos de exportação, principalmente quanto á formação das cooperativas de venda. Lê, então, o Sr. Torres Filho, o seguinte trabalho:

*A padronização e o cooperativismo* — O problema da agricultura é o de ajustar a produção á procura e o custo da produção ao preço de venda. Ficam assim explicadas as crises; e é penoso á agricultura contornal-as, regulando a produção.

As dificuldades crescem ainda mais, si o producto obtido não corresponde ás exigencias dos mercados consumidores.

A tendencia geral que se observa em todos os paizes, é a de se commercializar a produção agricola. Essa tem sido uma das graves falhas da produção brasileira. Si quizermos ter progresso agricola, não bastará a propaganda dos methodos modernos de agricultura intensiva; nossa produção precisará attender ás exigencias do consumo interno, encontrando seu excesso meios rapidos de escoamento para o exterior. A maior dificuldade, nem sempre está em produzir, mas quasi sempre em collo-

car a produção com vantagens reaes para o productor. De outra forma não se explica porque todos os paizes se empenham em *organizar a venda* de seus productos pela formula cooperativista, unico meio de se evitar os desequilíbrios entre a agricultura e os outros ramos da actividade economica.

Ao mesmo tempo cada nação procura defender acirradamente seus mercados da invasão dos productos estrangeiros. Isso quer dizer que os productos brasileiros, sem a devida classificação commercial, com uma exportação que não é fiscalizada, estando antes sujeita a verdadeiro regimen de trafico, difficilmente esses productos poderão alcançar preferencia sobre os de outras procedencias no exterior, tendo ainda que luctar com as tarifas especiaes concedidas pelas Metropoles aos productos de suas colonias.

As companhias formadas pelos ingleses, hollandezes, francezes e belgas em suas colonias, obedecem a perfeita organização *financeira e commercial*, contando, além do mais, com mão de obra barata e disciplinada, senão por vezes submetida a um regimen de verdadeira sujeição.

O Brasil tem contra si a vastidão territorial, a falta de meios rapidos e adequados de transporte, além de difficuldades outras, que se oppõem á expansão de suas forças productoras.

Um programma, portanto, do levantamento de suas energias productoras, careceria antes de exame seguro dos recursos naturaes e economicos contidos em cada uma das regiões do paiz.

Methodos *technicos, financeiros e commerciaes* novos precisariam ser applicados para arrancar a produção do empirismo em que se acha mergulhada.

A padronização dos productos agricolas, e das proprias commodidades necessarias á vida, constituem condições essenciaes do progresso economico.

Nos Estados Unidos foi principalmente depois da Grande Guerra que se fez sentir a necessidade de se simplificar os methodos de distribuição e venda dos productos, recorrendo á *especificação e padronização* dos productos e dos mais simples artigos necessarios á vida.

Nada adeantarão a technica productiva, se não se cuidar a serio da circulação e collocação dos productos muito principalmente em agricultura.

Por outros methodos não se vence, nos tempos actuaes, na lucta da concurrencia.

Para haver obra duravel é preciso que haja disciplina e, portanto, collaboração em commum. Ao nosso Brasil, máo grado toda riqueza potencial está faltando a disciplina

economica argamassada pela *cooperação*, unico meio de lançar em bases solidas sua economia agricola e industrial.

E' de todo impossivel e são accordes em reconhecer todos os paizes adeantados, possa o agricultor isolado conhecer as necessidades dos mercados consumidores para os seus productos. Si ao contrario, consegue associar-se creando marcas especiaes, dando aos seus productos todas as garantias de authenticidade pelas organizações cooperativas, o escoamento da produção se fará com garantias e facilidade. As associações dos proprios productores é que devem assegurar a collocação dos productos, e não é o que se observa, por exemplo, com as fructas provenientes da Nova Zeelandia, Estados Unidos, Africa do Sul, etc.?

A Dinamarca é um exemplo vivo da transformação que o cooperativismo pode operar em um paiz, offerecendo hoje uma agricultura lançada em bases scientificas, com perfeita organização de mercados para seus productos.

Entretanto, a maior tendencia em assumpto de cooperação, é a de serem impulsionadas as *cooperativas de venda*.

Pela *venda cooperativa*, são as proprias cooperativas que se incumbem de classificar os productos pela qualidade, padronização e vender segundo a capacidade de absorpção dos mercados consumidores.

Fica fóra de duvida termos necessidade premente de cogitar das organizações de venda para nosos productos agricolas. Os proprios agricultores é que deverão occupar-se da venda de seus productos, fazendo desaparecer os intermediarios inescrupulosos, pondo-se em contacto directo com o consumidor. Mas, sob que forma deverão ser creadas essas organizações de venda? Adoptada a forma cooperativa, ella precisará ajustar-se ás exigencias de uma organização commercial, parecendo-me que o modelo norteamericano, com algumas adaptações, talvez pudesse servir.

A agricultura para que possa prosperar tem de ser organizada como todas as empresas industriaes, isto é, comporta dois serviços: o de venda e o da fabricação, este ultimo estando subordinado ao primeiro, porque as possibilidades de escoamento é que regulam a marcha e a natureza das fabricações.

E todas as crises agricolas resultam do facto dos phenomenos economicos não se passarem dentro dessa orientação. De que vale afinal produzir se não se pode collocar a produção?

Por isso mesmo, acima de tudo, a criação do Ministerio da Agricultura ter por

fundamento os estudos economicos, ficando dotado de meios seguros para proceder ás investigações no interior e no exterior, possuindo, enfim, antenas permanentes nos principaes mercados do mundo.

Do que se trata é da organização da producção vegetal e animal, isto é, do preparo de productos que tem de ser lançados no mercado em condições vantajosas de concorrência.

Outra providencia urgente é a que se entende com a *exportação*, a qual exige, na salvaguarda dos nosos mais legitimos interesses, a adopção de medidas severas, capazes de impedir as fraudes, assegurando garantias por meio de marcas commerciaes, de "standards" com rigorosa fiscalização nos portos por parte do Governo.

O recente decreto-lei n. 234, de 15 de Março de 1938, estudado pelo Conselho Federal de Commercio Exterior e sancionado pelo Presidente Getulio Vargas, em virtude do qual foi instituida a *classificação e fiscalização dos productos agricolas e pecuarios e pecuarios e materias primas do paiz destinados á exportação*, virá trazer o controle do que produzimos e exportamos, permitindo ao productor a valorização do que produz.

A lavoura poderá tornar-se mais efficiente e permittirá a conquista de mercados que paguem bem.

Entretanto, a efficiente dessa legislação, dependerá acima de tudo, da collaboraçã dos proprios interessados, organizando-se em cooperativas, devendo ellas serem "as cellulas da nossa organização economica para amparo dos productores", no dizer do Sr. Presidente da Republica nas suas recentes declarações á imprensa".

Usa, então, da palavra o Sr. Ismael Cordovil que, numa bem feita synthese, encara a situação das sociedades cooperativas em face da legislação brasileira. Na impossibilidade de um resumo fiel, essa conferencia será publicada em separado. Durantê a sua palestra, S. S. salienta a proveitosa e efficiente collaboraçã que tem recebido do governo do Estado do Rio na organização ao profissional no Estado, adiantando que o seu plano foi officialmente aconselhado para todo o territorio fluminense.

Por proposta do Sr. Arruda Camara, approvou a Sociedade Nacional de Agricultura um voto de louvor ao interventor senhor Amaral Peixoto, pela bõa vontade e perfeito conhecimento que te mdemonstrado em face da organização profissional-cooperativista no Estado.

O Sr. Torres Filho agradece ao Sr. Ismael Cordovil a contribuição que trouxera

ao esclarecimento da momentosa questão do cooperativismo — de tanta importancia na organização da nossa producção, como vem de resaltar o Sr. Presidente da Republica na recente entrevista que concedeu á imprensa. A sua exposição — continú o Sr. Torres — foi feita com toda a sinceridade, demonstrando, ao mesmo tempo, que o orador dispõe de grande experiencia no noso meio rural e, por isso, certamente, os seus conceitos irão pesar no espirito de todos os que vêm no cooperativismo, despido de *sectarismo*, uma das formulas de organização social e economica a que nenhu mpaiz organizado poderá fugir. O cooperativismo obedece a principios que estão perfeitamente assentados. O que resta para elle produzir seus beneficos efeitos é somente a assistencia do poder publico, afim de evitar o seu desvirtuamento. O preparo do meio social é tudo e não o teremos, mesmo, sem que haja uma intervenção muito directa por parte do Estado. Por isso mesmo, aquelles que antes de nós se bateram pelo cooperativismo, e dentre elles cumpre citar Wenceslau Bello, Ignacio Tosta, Miguel Calmon, Lyra Castro, João Baptista de Castro, que foi este ultimo, quem, por assim dizer, primeiro lançou no Brasil a idéa do cooperativismo e do syndicalismo agricola, esses, sempre entenderam que o cooperativismo, antes de tudo, devia ser o fructo de uma educação perseverante e continuada, de um solido preparo do meio social agricola, respeitando os principios classicos em que se deve amoldar. Nunca, a idéa e a organização cooperativista, poderia seguir por imposição por parte do Estado. Entretanto, no Brasil, onde as condições de meio são variaveis, prevalecendo mais o espirito individualista, pois sabemos que o meio rural no Brasil tem se formado originariamente sob um regime latifundiario, e sómente com a colonização e libertaçã dos escravos é que essa situação se tem modificado, de modo a preparar o meio a receber idéas avançadas de organização, como é o caso do cooperativismo, teremos de desenvolver uma acção longa e mais de catechese, evitando que uma formula, que hoje é universal, possa ser objecto de desvirtuamentos e até mesmo de doutrinas que, ao envez de beneficiar, possam trazer a subversão ao meio que, acima de tudo, deve ser conservador, como é o meio agricola. Felizmente, o esforço que todos têm dispendido, dentro das suas diversas espheras de actividade, não têm sido improficuos, e a prova disso é que a idéa está caminhando no Brasil e, ultimamente, uma certa receptividade se nota, tanto no sul do Brasil, nas regiões coloniaes, como nas regiões em que a agricultura ainda está numa

phase primitiva, prevalecendo a actividade da industria extrativa. Vemos, agora, que o Governo, deseja e emprega esforços no sentido da padronização dos productos de exportação. Esta, entretanto, só será possível mediante a organização racional da produção, e, ahí, necessariamente, estarão incluídas as cooperativas de venda.

O Sr. Professor Luiz Mendes da Fonseca oferece á Sociedade, para ser publicada na revista "A LAVOURA", uma interessante pagina de von Martius, escripta quanto da sua estada no Brasil em 1819, traduzida por Capistrano de Abreu.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Torres Filho agradece a presença e a collaboração de todos e dá por encerrados os trabalhos.

Sessão de 12-5-38

**A Cultura do Trigo em S. Paulo — A Estiva e a Exportação de Bananas — Citricultura em Leopoldina, Minas — O Petroleo no Amazonas — A Industria do Pinho no Brasil**

Sob a presidencia do Sr. Arthur Torres Filho, reuniu-se, como de habito, a Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura.

Do expediente, destacamos uma carta do Sr. Bento de A. Sampaio Vidal, a respeito da campanha pela cultura do trigo no Brasil, na qual S. S. affirma que, "deante da rotina e dos interesses contrarios dos

quisamos, nós que conhecemos bem o problema, de muita constancia e energia para ganharmos a partida de ver o Brasil, de norte a sul, cultivando o precioso cereal, que é cultivado em toda a face da terra, em todos os climas". E, continuando: "É verdade que ainda existem pessoas de boa fé que insistem contra a cultura. São porém em numero reduzido e os resultados que vemos no Rio Grande e no Paraná e em algumas regiões de São Paulo, como as colonias Bastos em Marília, e o Nucleo Colonial Barão de Antonina, nos fazem prever que o triumpho está proximo. Tenho a certeza que, quando entrar em nossos habitos a cultura do trigo, ella nunca mais desaparecerá e será recordada como lembrança da nossa ineptia termos ficado tantos annos sem produzir o trigo para o nosso pão" ..

Commentando essa carta, declara o Sr. Torres Filho que o Sr. Sampaio Vidal, durante o periodo em que, com muito conhecimento das realidades agricolas do nosso paiz, dirigiu a Secretaria de Agricultura de São Paulo, não podia, certamente, deixar de secundar a acção em que está empenhado o Governo Federal no sentido de desenvolver a cultura do trigo no territorio nacio-

nal. O Brasil empenha-se numa campanha da qual deverão participar todos os bons brasileiros, porquanto além do aspecto propriamente economico, a cultura do trigo, como em todos os paizes civilizados, está radicalmente presa ás nossas condições de nação independente. E', portanto, mistér, que todos os bons patriotas secundem a acção do Sr. Ministro da Agricultura, e está certo de que, o Sr. Sampaio Vidal, mesmo afastado da Secretaria da Agricultura do Estado, não esmorecerá no seu entusiasmo em prol do desenvolvimento de uma cultura que se pratica em todos os terrenos, em toda a face do globo.

Ha um outro assumpto, diz o Sr. Torres Filho, que deseja trazer ao conhecimento da casa: é o que se refere á iniciativa da associação dos citricultores de Campinas, de ranjas na cidade de São Paulo. Essa iniciativa installar varios postos de distribuição de lactiva está concorendo enormemente para facilitar o abastecimento, sendo esse exemplo digno de ser seguido pelas demais institui-cooperativista. A installação de postos como ções, principalmente aquellas de caracter esse, entretanto, devem ser consideradas como medida de emergencia, porque a verdadeira solução deve ser encontrada nos entrepostos devidamente aparelhados, inclusive com camaras frigorificas, e onde a venda se faça mediante leilão, de modo a que esses entrepostos recebam das cooperativas agricolas os productos e os colloquem directamente entre os consumidores.

A iniciativa da Associação dos Citricultores de Campinas, comtudo, merece todos os louvores, como ponto de partida ao objectivo da melhor distribuição de generos alimenticios, e seja imitada no Districto Federal, onde o problema do abastecimento de fructas, legumes ainda permanece sem solução.

E' este um assumpto muito debatido na Sociedade e pelas associações de classe dos pequenos productores, e merece ser focalizado justamente no momento em que o governo está empenhado em desenvolver a Baixada Fluminense, mediante a formação de nucleos colonias. Ora! todo esse esforço será nullificado se não se tratar da distribuição racional da produção, e não estivermos aparelhados para receber os productos dos agricultores, para distribuil-os directamente aos consumidores. Ainda a esse proposito, foi procurado por interessados que pediram o interesse da Sociedade em relação a um assumpto tambem muito debatido mas até hoje sem solução: o da estiva no porto do Rio de Janeiro, principalmente no que se refere ao embarque de bananas.

Entre as allegações dos interessados, cumpre destacar: "Para tornarmos esta exportação uma realidade, necessario se torna modernizar o systema de carregamento da banana, ainda hoje feito de fórma rudimentar pois são utilizados taboleiros nos quaes são collocados de trinta a quarenta cachos de bananas, de fórma que, os de baixo são prejudicados pelo peso dos superiores, sem contar os golpes que recebem ao serem collocados nesses taboleiros pelas mãos muito pouco cuidadas da estiva do rio de Janeiro. Para remediar este grande mal e impedilho do desenvolvimento da nossa exportação de bananas, só ha um caminho a seguir, isto é, adopção dos chamados appparelhos "Dadas", especiaes para o carregamento de bananas e que são usados, desde muitos annos, pela Companhia Blue Star Line, em S. Sebastião. Estes appparelhos já foram experimentados aqui no Rio, e sómente não foram adoptados, por impedimentos e difficuldades impostas pela estiva, que chegou ao ponto de inutilizar o appparelho que se usou na experiencia".

Esse appello — diz — o Sr. Torres Filho — deverão constar do transumpto dos trabalhos da reunião de hoje, quando mais não seja para que fique mais uma vez registado, até que tenhamos uma occasião em que fique definitivamente resolvida essa velha questão da estiva, de tão más consequencias sobretudo para essa producção, que interessa a uma grande parte do Estado do Rio.

Communica a seguir o Sr. Torres Filho que tem em mãos uma copia de carta recebida por um exportador brasileiro de Better Brands Inc., de Nova York, na qual esta se mostra interessada em varios artigos brasileiros, inclusive no que se refere ás bananas. Entre as estipulações para a collocação do produto brasileiro no exigente mercado americano, figura a de bõa apresentação da fructa, o que vem confirmar a necessidade de um melhor tratamento no embarque da mercadoria, no sentido do que ficou dito acima com relação á estiva. A referida firma calcula que, entabuladas as negociações, estariam em condições de collocar 15.000 cachos de 15 em 15 dias no mercado novayorino, o que não é de desprezar, tratando-se de um inicio de exportação.

O Sr. Arruda Camara refere-se á questão do cooperativismo no Brasil, a proposito de uma representação do Presidente da Caixa dos Estivadores ao Sr. Ministro do Trabalho, no qual solicita a permissão para a installação de cooperativas de consumo e de credito pelos syndicatos legalmente constituídos.

A constituição dessas cooperativas, diz o Sr. Arruda Camara, pela legislação em vigor, é privilegio dos consorcios profissionais cooperativos, sob a égide do Ministerio da Agricultura, conforme o decreto 23.611, de Dezembro de 1932. Entretanto, a constituição de taes consorcios e, pois das cooperativas que lhes servem de complemento, estão, desde 10 de Novembro — data da implantação da Constituição vigente — inteiramente paralyzada, conforme interpretação do respectivo texto. Por outro lado, ha, sobre o assumpto, em estudos no Conselho Federal de Commercio Exterior, um trabalho já approvedo pelo Ministerio da Agricultura, da Fazenda e do Trabalho, provendo ao condicionamento do importante assumpto aos termos da Constituição vigente. Seria o caso, diz de appellar a Sociedade para aquelle organo no sentido de, o quanto antes, pronunciar-se a respeito, uma vez que da decisão depende o inicio de uma nova era para o cooperativismo no Brasil.

A indicação do Sr. Arruda Camara é approveda e usa da palavra o Sr. R. Fernandes e Silva, que faz interessante communicação a respeito da possibilidade do occurrencia do petroleo em determinada zona do Estado do Amazonia. Essa communicação, que encerra numerosas indicações de ordem technica e scientifica, pela sua importancia será dada á publicidade em separado.

O Sr. Torres Filho diz que o trabalho apresentado pelo Sr. Fernandes e Silva revela ainda uma vez o seu alto espirito patriotico e, ao mesmo tempo, a sua preocupação em relação a todos os problemas de ordem economica. Reveste-se a sua communicação de grande oportunidade, attendendo especialmente ás medidas que estão sendo tomadas pelo Governo em favor da nacionalização das nossas possiveis jazidas de petroleo. Ainda ha pouco, o Governo baixou um decreto nacionalizando as refinarias de petroleo e é sabido o interesse que havia em serem essas usinas localizadas na bacia amazonica — local onde, justamente, estão as nossas maiores esperanças no que se refere ao precioso combustivel — o que vem provar a convicção de que se refere ao precioso combustivel — o que vem provar a convicção de que alli elle ocorre, não sendo sua exploração. Uma vez, porém, que estas reservas estejam nacionalizadas, tudo faz crer que a descoberta do petroleo em nosso sólo não tardará.

O Sr. Ribeiro Junqueira diz que traz a incumbencia de, em nome da Associação Rural de Leopoldina, convidar a Sociedade

a participar da Exposição Regional preparatoria da Exposição Pecuaria de Bello Horizonte, a realizar-se em 18 de Junho proximo naquelle adeantado municipio. O local da Exposição, diz o Sr. Ribeiro Junqueira, foi adquirido tendo em vista a sua boa localização, de maneira a constituir, daqui para o futuro, o local de outras exposições com caracter permanente e de feiras, que se realizarão periodicamente. Com a nova Estrada de rodagem poder-se-ha attingir Leopoldina, em automovel, no espaço de cerca de oito horas. Refere-se ao Sr. Ribeiro Junqueira ás possibilidades agricolas e economicas de Leopoldina, annunciando que a ultima exportação de laranjas do municipio já attingiu a 12.000 caixas e será, no proximo anno, de cerca de 30.000. Além do leite, e do algodão, a laranja passa, assim, a constituir um novo ramo de actividade agricola, em que estão empenhados todos os fazendeiros, com todo o entusiasmo. Annuncia, com prazer, que as laranjas de Leopoldina obtiveram a melhor cotação em Londres, entre 20 e 22 shillings. E' assim que dá, com satisfação, taes noticias á Sociedade, pois apesar de ser um apologista da cultura do café, que, ainda dará grandes recursos ao Brasil, o seu municipio lança-se na poyultura com grande exito e possibilidades.

O Sr. Torres Filho rejubila-se com as informações trazidas á casa pelo Sr. Ribeiro Junqueira, e diz que, conforme seu pedido, a Sociedade divulgará o mais possivel a noticia da Exposição de Leopoldina entre os criadores e interessados de todo o Brasil. A Sociedade, diz será representada na exposição pelo Sr. Antonio de Arruda Camara, seu Secretario e Director

O Sr. Arruda Camara declara que, com prazer voltará á Leopoldina, onde viveu durante muito tempo e em cujo gymnasio foi orientado para a carreira da agronomia, que hoje exerce. Refere-se com effusão ao trabalho da familia Junqueira, a cujo espirito de iniciativa se deve o progresso daquella prospera região.

O Sr. Ismael Cordovil pede a sua inscripção para falar na proxima sessão, a respeito da organização que está levando a effeito entre os productores de mandioca do Estado do Rio.

Em seguida, traz á Sociedade a communicação do que vem occorrendo naquelle Estado com relação ao fechamento do Moinho de Barra Mansa, que, a seu ver, vem prejudicar grandemente uma extensa região interessando não só a terra fluminense, mas, tambem, a São Paulo e Minas Geraes com a paralyção da referida installação, cujo custo orça em mais

de trinta mil contos. Lamenta que motivos imperiosos tenham obrigado o moinho a cerrar as suas portas, justamente no momento em que se procura estimular a cultura do trigo no Brasil e a da mandioca.

O Sr. Torres Filho declara que a questão merece o mais acurado estudo e promete todo o apoio da Sociedade ás justas medidas que se fizerem mistér junto ao Sr. Interventor no Estado do Rio.

O Sr. Virginio Campello refere-se, a seguir, á questão do pinho e da sua industrialização, bem como á possibilidade do aproveitamento de uma parte dos residuos da industria na fabricação da cellulose.

O Sr. Torres Filho dá tambem algumas informações a proposito do trabalho que vem sendo feito no sentido de se organizarem os productores de pinho, cuja exportação está interessando inclusive aos Estados Unidos e lê uma carta recebida de um industrial de Curityba, na qual é dito textualmente: "Assistimos a um estado de verdadeira calamidade, pois, pois ha lenhadores que, ha um anno, não dispõem de vagões! A despeito da precariedade de nossa rede ferroviaria em attender aos reclamos dos serradores, notamos que essa aos detentores de vagões, porque, quanto maior fr a afflicção do productor, tanto mais vantajosa será a situação do intermediario, garantido pelos bons preços dos mercadores consumidores: explora o productor que se vê forçado, na imminencia da deterioração da madeira, a entregal-a a preços-vis. A exportação está controlada pela falta de transporte e, hoje, ha fome de madeira no mundo, confirmada pelo principalmente o Japão e a Allemanha. O Instituto será o remedio, porém se demora o seu funcionamento não evitaremos a fallencia d emuitos madeireiros, muitos dos quaes não recebem vagões ha cerca de um anno, conforme informou acima. O quadro não poderá ser mais sombrio. Urge uma congregação de energia para que essa gente, que exerce actividade constructora, não seja arrastada á fallencia, perdendo as ultimas serrarias, pela unica culpa de produzir, neste grande paiz".

E' esta — diz o Sr. Torres Filho — uma das multiplas faces do problema da industria da madeira no paiz — a do transporte e por ahi se póde avaliar o quanto é preciso fazer em seu favor. Quanto á importancia della, basta dizer que só no Paraná existem em funcionamento mais de 4.000 serrarias, empregando grandes capitães e muito pessoal.

Depois de outras oportunas considerações o Sr. Torres Filho encerra os trabalhos.

Sessão de 7-7-38

**A Racionalização da Industria Assucareira em Pernambuco — Recepção ao Sr. Apolonio Salles, Secretario da Agricultura de Pernambuco — Entrega de Certificados do Curso de Herbarios e Museus de Productos Vegetais da Escola de Horticultura Wenceslau Bello**

Com extraordinaria concurrencia, realizou-se a reunião semanal da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura, na qual foi recebido o Sr. Apolonio de Salles, Secretario da Agricultura de Pernambuco, e feita a entrega de certificados aos alumnos approvados no Curso de Herbarios e Museus de Productos Vegetaes, da Escola de Horticultura Wenceslau Bello.

Presidiu os trabalhos o Sr. Ildefonso Simões Lopes, estando presentes os Srs. representante do Sr. Ministro da Agricultura, o Sr. Secretario da Agricultura do Estado da Parahyba, o Sr. Edgard Teixeira Leite, o Prof. Honorio da Costa Monteiro Netto, o Sr. L. de Azevedo Penna, representantes do Jardim Botânico e muitas outras pessoas do nosso mundo economicó, scientifico e administrativo.

Abertos os trabalhos, o Sr. Simões Lopes explicou os fins da reunião e, referindo-se ao Estado de Pernambuco, declarou que essa unidade da Federação é uma das que, no momento, mais se empregam pelo levantamento da obra agricola no Brasil que, a seu ver, é sempre uma obra collectiva, dependente do esforço de todos os bons brasileiros, a qual precisa ser feita intelligentemente, não só seleccionando os altos valores da nossa Patria, mas, tambem, e, principalmente, procurando a massa trabalhadora, o seio das camadas medias, que constituem a maioria da população, collectando nas escolas elementares e medias os grandes factores do futuro e bem estar da nossa agricultura. O Brasil — continua S.S. — precisa transformar o seu systema de organização social e economica e, felizmente, já o vaé fazendo. E' preciso que não sejamos sempre um povo com 50.000.000 de habitantes, dos quaes apenas uma pequena minoria participava dos pleitos eleitoraes. Quero dizer — declara S.S. — que não poderemos ficar eternamente na situação de um paiz de analfabetos, na proporção de 80 % como hoje se verifica. Precisamos levantar o nivel das nossas populações, não só nesse sector, como em todos os outros terrenos, seleccionando-as de baixo para cima, visando principalmente a massa dos trabalhadores agricolas, que constitue a imensa maioria da nossa população. E' com

satisfação, pois, que preside a sessão da Sociedade, porque, nesta sessão, serão entregues os certificados aos moços que terminaram, na Escola de Horticultura Wenceslau Bello, mais um curso rapido de especialização agricola. Historia as grandes barreiras que tiveram de ser vencidas pela Sociedade para chegar ao ponto de apresentar ao paiz uma escola que, sendo modesta deve orgulhar a sua Directoria, porque se já se podem colher alguns frutos da sua actuação, muito é de se esperar augmente daqui para o futuro. Quando Min. da Agricultura, considerou sempre o Districto Federal como capaz de, aproveitadas as suas uberrimas terras, produzir o sufficiente para o seu abastecimento. Por isso, creou em Deodoro uma estação experimental sob a direcção de provecos profissionaes, e iniciou a organização de uma grande nucleo colonial, afim de demonstrar a sua capacidade de producção de generos de que nos achamos dependentes, vindo de pontos distantes de Minas e de S. Paulo. Pois bem, nesta reunião de cordialidade, quando recebemos em nosso seio um filho de Pernambuco, Estado que foi sempre, desde os primordios da nossa historia, um esteio da grandeza do Brasil, é verdadeiramente expressivo o facto de que, na mesma occasião, alguns moços venham receber os certificados que os habilitam a uma especialização dentro dos dominios das cogitações da vida rural. E' com prazer que, em nome da Sociedade Nacional de Agricultura, saúda o Sr. Secretario da Agricultura de Pernambuco.

Uma salva e palmas corôa as ultimas palavras do Sr. Simões Lopes e o Sr. Edgard Teixeira Leite usa da palavra para dizer que muito pouco irá falar, após o que foi dito pelo Sr. Simões Lopes, a quem se refere como um grande dedicado ás cousas do nordeste, sobretudo quando Ministro da Agricultura. S. Ex. — continúa o Sr. Teixeira Leite — tem dessa região um conhecimento perfeito, adquirido não apenas através de livros e das informações, mas directamente em peregrinações demoradas e demonstrações tantas vezes repetidas.

Referindo-se ao Sr. Apolonio Salles diz que S.S. tem já no acervo da sua vida profissional um longo activo de serviços. Professor da Escola Agricola de S. Bento, dedicou-se a diversos sectores da economia de Pernambuco e neste afan o foi buscar o Sr. Lima Cavalcanti, que o incumbiu de uma viagem ás Ilhas de Hawai, de onde voltou não apenas com impressões de viagem e notas pitorescas, para as classicas entrevistas de sensação nos jornaes diarios mas, com os elementos para a publicação

de um livro bem meditado que é hoje, sem favor, um livro classico no que se refere ao nordeste, seu problema das seccas e da irrigação, porque ha muito, e é preciso que se esclareça nem esse problema, que era essencial no Brasil e principalmente no Norte, estava, por assim dizer, como que em um ponto morto. A viagem do Sr. Apolonio Salles ao Hawai, onde já existem organizações modelares, em ambiente semelhante, poudé trazer para Pernambuco um novo periodo de movimento, de que já existem provas sobejas e fartamente demonstradas dos resultados dos mais proveitosos para a economia nacional.

Não está escripto no livro nem nos jornaes diarios, mas na propria terra, de um modo evidente, que não deixa duvidas sobre a conveniencia da sua applicação. A orientação seguida, ademais, não modificou de um modo profundo a economia nacional nem a do nordeste brasileiro. Todos falamos e todos temos uma impressão mais ou menos exacta, conforme as possibilidades de cada um, a respeito do que seja o latifundio assucareiro no Brasil tão malsinado e tão malfadado, constituindo um feudalismo rural em torno das fabricas dos grande proprietarios. Mas, este feudalismo era determinado por um factor economico, por assim dizer, oriundo de uma fatalidade que desafiava as possibilidades de ordem particular, porque, á medida que a terra ficava pobre surgia a necessidade de serem creadas novas extensões de terras cultivadas afim de que as usinas tivessem assegurada a sua materia prima. Felizmente, uma transformação se opera neste momento: o industrial está sentindo que não seria mais possivel a cultura extensiva, o prolongamento indefinido das areas cultivadas, e procurou o equilibrio economico da sua industria, pelo melhoramento da producção, e, dando um balanço em sua situação verificou que a solução estaria na irrigação e na adubação das terras. Sabia que essas duas cousas deviam ser feitas sem tardança, mas faltava justamente uma orientação de ordem pratica, resolvendo pequenos problemas que, na apparencia, não são pequenas, mas que na realidade o são para os que têm conhecimento pratico da materia. Foi o resultado da viagem do Sr. Apolonio Salles esse livro que é hoje classico para a agricultura e para a agronomia do Brasil que vieram solucionar esses pequenos problemas. Por isso mesmo, este jovem modesto mas competente e illustre, a quem estamos prestando uma justa homenagem, é merecedor dos aplausos e da gratidão de todos os bons brasileiros.

O Sr. Apolonio Salles começou agradecendo as referencias á sua pessoa, que recebia em nome do Governo do seu Estado, e, num bello improviso, resumiu para os presentes o que foi a sua viagem ao Hawai e os frutos e as observações que alli colheu. Disse que o que mais admirou, na quelle archipelago, foi o homem, pois, que, com uma população de 382.000 almas, produz 16.000.000 de saccoas de assucar e 9 milhões de abacaxis. Referiu-se á estação experimental, tão modesta nas suas installações quanto grandiosa nos seus technicos e na sua perfeita organização atravez a grande rede de sub-estações em todo o paiz. E, o que é mais para admirar, é que essa formidavel organização é mantida por associações particulares de productores, que para tanto descontam uma quota sobre a respectiva producção. Detem-se em informações de ordem technica, que despertam o mais vivo interesse, desculpando-se por não poder alongar-se na explanação de tudo quanto virar, o que tomaria o tempo de algumas sessões consecutivas. Disse que em Pernambuco não tinhamos o problema da agua, na zona da mata, mas, em contraposição temos o da adubação.

Descreve, com minucia, a situação das plantações de Pernambuco em face da localização dos cursos de agua, do seu aproveitamento na irrigação, cuja applicação já se está generalizando. Informou á Assembléa que alli estão realizando os particulares com o fito de aproveitar esses recursos visando o augmento da producção, cuja melhoria é sensivel, embora, restringindo as areas de plantação. Analysa, do ponto de vista economico a situação das usinas de Pernambuco, citando factos e numeros. Quanto á adubação, de emprego até aqui muito caro, já se vai tornando de uso generalizado da canna em Pernambuco, pelo aproveitamento dos proprio sub-productos da usina, transformados em fertilizantes. Affirma o Sr. Apolonio Salles, que o que se observa em Pernambuco, no momento, é um intenso movimento de recooperação economica, a frente do qual se encontra o illustre interventor Agamemnon Magalhães. Para auxiliar esse movimento, activa-se em todo o Estado um movimento cooperativista, com alguns estabelecimentos já fundados e outros em vias de fundação, inclusive uma cooperativa de credito industrial. No que se refere a este sector, estabeleceu o Governo do Estado um plano de cooperação, com os agricultores, visando a irrigação, tendo todas as inscrições se esgotado immediatamente. Termina o orador declarando que todo esse esforço do Estado tende unicamente a um fim, que é a gran-

deza do Brasil, e que é de todos nós. O Sr. Arruda Camara, a seguir, lê o seguinte relatório:

"Dentro do programma traçado vem a Escola de Horticultura Wenceslau Bello realizando, com regularidade, cursos rapidos, especializados que têm despertado todo interesse e alcançado frequencia superior á prevista.

Depois dos cursos de enxertia e de defeza sanitaria vegetal deu inicio a dous outros — o de **organização de herbarios e museus de productos vegetaes** de cujos resultados vamos dar conta e o de **multiplicação vegetal**, ainda em meio.

Coube ao prof. Geraldo Goulart da Silveira a iniciativa do preparo dos nossos herborizadores e ao botânico patricio professor Honorio da Costa Monteiro Filho o estímulo da aula inaugural.

Nesse curso ministrado ás quintas-feiras e domingos matricularam-se 49 alumnos, dos quaes alcançaram o indice de frequencia (80% das aulas dadas) 24. Destes fizeram exame e foram approvados 22.

E' interessante registrar:

Profissões	Matriculados	Aprovados
Est. de Horticultura ..	8	7
Est. de Horcultura ...	8	7
Militares . . . . .	8	3
F. Publicos . . . . .	7	2
Est. de Humanidades	3	3
Professores . . . . .	3	—
Tec. de laboratorios ..	3	1
Commerciarios . . . .	1	—
	—	—
	49	22

O curso foi iniciado no dia 3 de Abril e concluido no dia 12 de Junho, tendo sido dado em 22 aulas, perfazendo um total de 44 horas de trabalhos praticos em que foram preparados cerca de 400 exemplares de material botânico, além do fitopatológico.

Apresentando os novos herborizadores á Sociedade Nacional de Agricultura, o faz a Escola de Horticultura, convencida de ter contribuido para a sciencia amabilis com um precioso contingente de collaboradores para os estudos botânicos e fitopatológicos.

Espera a Escola de Horticultura Wenceslau Bello, seleccionando o material preparado, organizar por occasião da 1.<sup>a</sup> Reunião Sul Americana de Botânicos, uma exposição de herbarios.

Os alumnos que foram approvados e receberam os seus certificados são os seguintes: Sta. Joanna de Arruda Camara, Honorio da Costa Monteiro Netto, Henrique

Pimenta Veloso, Flavio de Carvalho Mesquiat, Joaquim Pedrosa, Carlos Provenzano, Fernando Henrique Vieira, oJaquim Victor Barbosa, oJaquim de Assis Lopes, Oswaldo de Almeida Ferraz, Agnaldo Baptista Fernandes, Manoel B. Oliveira Lima Sobrinho, Cecilio Ferreira Guarita, João da Luz Fernandes, Francisco Xavier Fernandes, Jomarcenio Corrêa, João Acrisio de Góes Bezerra, Hardmann de Araujo Torres, Alberto Carlos de Abreu Rocha, Esdras Ferraz Franca, Elcio de Souza Christostimo, Raymundo de Oliveira Coimbra.

A seguir o Sr. Simões Lopes, pede aos Srs. Secretario da Agricultura de Pernambuco e da Parahyba, que entreguem aos alumnos os respectivos certificados, tendo recebido taes documentos, na occasião a senhorita Jonna de Arruda Camara e o senhor Honorio da Costa Monteiro Netto, a quem os dous titulares felicitaram calorosamente.

O Sr. Torres Filho diz que se dispensaria de falar sobre a natureza da reunião si não fora a circumstancia de ter ouvido a palavra dos illustres Srs. Teixeira Leite, e Apolonio Salles, a respeito da industria assucareira — industria essa que teve um papel historico de muito relevo na formação da nacionalidade com o chamado cyclo do assucar. A sua importancia, entretanto, não se funda apenas nessa tradição, porque, ainda hoje, interessa a 18 Estados do Brasil. Filho, tambem, de uma região assucareira e Director, durante annos, de uma Estação Experimental de Canna de Assucar, tem razões bastante para se sentir entusiasmado, vendo a acção, que esses illustres brasileiros vem desenvolvendo em beneficio da industria.

O que se passa nesse sector, actualmente, no grande Estado do Norte, cujos brilhantissimos resultados foram com tanta viveza de exposição e tanta documentação expostos pelos dois profissionais que o antecederam, e muito principalmente pelo Sr. Apolonio Salles fixam aspectos propriamente da irrigação applicada á cultura canavieira. Sabemos que a industria assucareira, ao lado do seu papel historico, tem trazido ao paiz grande prosperidade, e, tambem, muitas crises de consequencias danosas. Ao aspecto economico da industria, está naturalmente relacionado o problema da produção mundial do assucar sujeita a limitações, ahí residindo as grandes dificuldades que encontramos para nelles competir. Realizada a produção economica, nada impediria que entrássemos nesses mercados onde, como se sabe, prevalece o regimen de quotas, em consequencia da super-produção economica, nada impedi-

ria que entrassemos nesses mercados onde, como se sabe, prevalece o regimen de quotas, em consequencia da super-produção. Trata-se — de uma cultura de indole colonial, tipicamente das regiões quentes, em relação á qual o Brasil, apesar de condições muito propicias, tem de lutar com difficuldades tarifarias e outras, quasi intransponiveis.

Portanto, o problema do asucar, embora ligado á economia brasileira, do qual não se pode abrir mão, precisa ser defendido. Assim, encarando o problema, durante o Governo Provisorio do Sr. Getulio Vargas, foi estabelecido para elle um plano de economia dirigida até um certo ponto de racionalização, do qual não se deverá afastar tendo como valvula de segurança o alcool anhydrido na sua applicação como combustivel. Por outro lado, a producção assucareira encontrará, desde que produzida a baixo preço, natural consumo na alimentação da grande massa da população, calculada em 50.000.000 de habitantes.

Aqui na Sociedade Nacional de Agricultura, que sempre olhou com o maior carinho para a industria assucareira, a começar pela grande Exposição Internacional e Congresso de Apparelhos a Alcool em 1903 e pelas varias conferencias assucareiras realizadas simultaneamente em Campos, no Recife e na Bahia, quando se fala na importante industria não será possivel olvidar os nomes de Lauro Muller Miguel Calmon, Sergio de Carvalho e outros vultos que sempre se dedicaram ao amparo da economia do nosso paiz.

Pois bem. Essa industria tem sofrido abalos devidos á super-produção e medidas artificiais de defesa como as quotas de sacrificio, para o equilibrio dos preços no mercado interno. A situação, portanto, de amparo creada para a industria com o Instituto do Alcool e do Assucar foi legitima, taes os vultos dos interesses pela mesma representados, e na qual empregam a sua actividade cerca de 12 milhões de brasileiros. Mas é uma phase transitoria, porque ella tem que se aperfeiçoar no terreno da producção, a exemplo do que já começa fazer Pernambuco. São pois, desse Estado, lançando a industria assucareira em bases racionais, tirando-a da situação precaria em que estava vivendo, sem abalar profundamente a situação social daquelle Estado, os louros pelo inicio de uma nacional meritoria e de grande alcance social. Já lhe tinha chegado, continua o Sr. Torres Filho, noticia do que se estava fazendo em Pernambuco, como fruto da viagem emprehendida ao Hawaii pelo Sr. Apolonio Salles. Mas, tambem, e o que é mais, dos resul-

tados da applicação intelligente dos principios adoptados pelo illustre profissional á industria assucareira do Estado, graças á acção energica do Governo Estadual, por intermedio do eminente interventor, espirito esclarecido e profundo conhecedor dos nossos problemas economicos, o Sr. Agamemnon Magalhães. S. Excia. tem emprestado um auxilio decidido ao programma de trabalho do seu Secretario da Agricultura. Recorda a esse proposito, quando o senhor Saturnino de Brito apresentou ao Governo o seu plano de Saneamento da Baixada Fluminense fazer sentir ao eminente brasileiro a conveniencia de incluir no mesmo um plano completo de irrigação dos canaviaes da região porque ao lado do progresso industrial faz-se mister attentar no character latifundario na cultura da canna onde os methodos agricolas não têm evoluído conservando os principios tradicionaes um tanto incompativeis com a evolução moderna do trabalho rural.

Felicita-se, pois, com a vinda á Sociedade do Secretario da Agricultura, que, de viva voz, lhe traçou o soberbo plano, tão justamente synthetizado na frase de que Pernambuco, no momento, passa por um movimento de recooperação economica.

O Sr. Simões Lopes, depois de felicitar os alumnos que acabavam de receber certificados, detendo-se em particular em referencias á Srta. Arruda Camara, e mostrando-a como um exemplo a ser seguido, dado o papel preponderante da mulher na agricultura, agradece a presença do representante do Sr. Ministro da Agricultura e outras autoridades, encerrando, em seguida, a sessão.

### Sessão de 14-7-38

#### *Semana de Fazendeiros na Escola de Viçosa — A missão do Sr. Arthur Torres Filho em São Paulo no desenvolvimento da exportação do Milho*

Sob a presidencia do Sr. Arthur Torres Filho, reuniu-se hontem, como de costume, a Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura.

Do expediente constaram numerosos officios e telegrammas, dentre os quaes um officio da Escola Superior de Agricultura e Veterinaria, de Viçosa, no qual convida a Sociedade para assistir aos trabalhos da 10.<sup>a</sup> Semana dos Fazendeiros.

Tem o Sr. Torres Filho palavras de louvor para com essa iniciativa, cujo maior merito, a seu ver, reside na continuidade com cipalmente nos estabelecimentos de ensino. Em que vem sendo executada, tão necessaria, prin-

principalmente nos estabelecimento de ensino. Em Viçosa, vem sendo mantido e obedecido o programma traçado, desde o inicio, pelo seu fundador, o Prof. Rolfs, desenvolvido pelo seu successor, o Prof. Belo Lisbôa. A actual administração vêm continuando e aprimorando esa orientação, dando ao paiz um magnifico exemplo de esforço, de tão beneficos resultados para a economia brasileira. Demais, continúa o Sr. Presidente, esse empreendimento da Escola de Viçosa em tão uteis cursos de extensão agricola já entrou, por tal forma, nos habitos da população agricola do Estado que a sua interrupção causaria grande damno á economia de Minas Geraes. A Sociedade Nacional de Agricultura recebe, pois, com satisfação, o convite, como uma demonstração muito louvavel da sua administração. Na impossibilidade de designar um representante para assistir aos trabalhos da "Semana", propõe o Sr. Torres Filho, com a aprovação geral, que se telegrape á direcção da Escola no sentido do que ficou exposto e que procurasse a Sociedade dar a maior divulgação possível ao bem organizado programma dos trabalhos.

São lidos outros papeis do expediente e o Sr. Torres Filho declara que, antes de entrar na ordem do dia, deseja trazer á casa algumas das observações que colheu na sua recente visita ao Estado de São Paulo, no desempenho da missão que recebeu do Sr. Ministro da Agricultura, no sentido de coordenar as medidas tendentes ao desenvolvimento da cultura no paiz. A sua acção allí — informa — foi desenvolvida principalmente atravez a Sociedade Rural Brasileira, da Secretaria da Agricultura do Estado, dos technicos dos varios estabelecimentos estaduaes, e, tambem, dos órgãos do Ministerio da Agricultura sediados no Estado. Esse trabalho objectivou crear um ambiente propicio á iniciativa do governo federal, vivamente empenhado em desenvolver a cultura do milho. Essa cultura, como se sabe, sendo embora tradicional no meio rural do paiz, não tem sido objecto de uma exploração racional, tanto no dominio da produção, como da commercialização e da exportação, de modo a crear no paiz mais um elemento de valor no intercambio com o estrangeiro. Com o caso do milho ocorre precisamente o que succede com grande numero de productos agricolas, porque não bastam os factores naturaes propicios á produção. E' preciso um equipamento completo para que a produção transponha as fronteiras do paiz e seja lançada no escambo mundial em concorrência com outros competidores. Teve ocasião — continúa o Sr. Torres Filho — de salientar, na reunião que entretêve quer com os fazendeiros, quer com os interessados, quer, ainda, com os technicos, que a obra a ser realizada era de reconstrução propriamente rural em

torno do projecto de lei que adoptou a padronização compulsoria para os productos de exportação. Essa lei envolve todo o systema de melhoramento rural, porque a padronização visa a venda do producto. Este, para ser vendido, é preciso que seja apresentado em boas condições, desde os cuidados dispensados á produção propriamente, com as variedades cultivadas, o rendimento cultural, até á circulação, o preparo do producto e o aparelhamento das estradas de ferro e dos portos. Sommada a despesa de tudo isso, preciso será que o producto, ao entrar no mercado, esteja em excellentes condições de qualidade propriamente dita, com todas as provas de authenticidade com o standard estabelecido, de fôrma a ser bem recebido nos mercados de consumo. Em relação ao milho, já havia em São Paulo um valioso trabalho feito nos estabelecimentos technicos, principalmente no Instituto Agronomico de Campinas, onde teve a satisfação de encontrar a parte da genetica, applicada ao milho, muito desenvolvida já dado o prazo de seis annos em que se tem desenvolvido. Pode-se dizer que na America do Sul, inclusive na Argentina, este trabalho não encontra simile. E' de summa importancia e está sob a orientação do Prof. Kruger, especializado na America do Norte. No seu plano geral de genetica, incluiu, com muito acerto, o milho, e já apresentando optimos resultados. Por outro lado, o Instituto já fazia uma selecção de sementes de milho duro, que era fornecido aos agricultores do Estado, principalmente da variedade "cattetinho", e com as suas qualidades perfeitamente fixadas, de modo a permittir que em certas regiões, grande já seja o desenvolvimento dessa variedade, apta á exportação. Vem a pelo citar — declara o Sr. Torres Filho — a acção do Campo de Sementes de São Simão, creado ao tempo do Ministro Simões Lopes, e cujos estudos foram sempre muito bem orientados pelos technicos do Ministerio da Agricultura. Esse estabelecimento tem tambem fornecido sementes de typos seleccionados, permittindo que o Estado, dentro da sua produção de 25 milhões de saccos, já tivesse uma certa quantidade de milho para exportação. Cerca de 70% da produção de milho da zona da Sorocabana é do typo "duro", o que vem facilitando a nossa exportação no corrente anno. Até aqui, porém, os technicos de São Paulo não haviam, ainda, encarado o milho como um producto de exportação, de modo que a sua acção em São Paulo teve principalmente em mira influir no sentido de que adquirissem a convicção de que o milho póde e deve vir a ser um producto de exportação. Uma circumstancia, no momento, vem favorecer essa possibilidade, porque, este anno, a exportação argentina baixou sensivelmente, havendo uma grande procura de milho no mercado internacional,

de modo que S. Paulo, com os elementos de que já dispõe poderá destinar 600 a 700 mil saccas aos mercados externos, sem prejuízo do seu proprio consumo. Mais uma vez fica salientado o facto de que é imperiosa a padronização, porque, sem a formação de typos, não será possível concorrermos com vantagem no mercado mundial, uma vez que, na safra actual, a procura é excepcional, e poderá, de futuro, decrescer, se os factores que a determinam forem afastados. A proposito, cita o Sr. Torres Filho um facto que considera curioso; em uma das reuniões, na Sociedade Rural Brasileira, na qual estiveram presentes technicos, exportadores e agricultores, um exportador levantou-se e declarou que via, além das difficuldades de transporte, algumas outras, entre as quaes a da occurrencia de sementes de mamona no milho. Seria preciso — accrescentou, que evitássemos a mamona, que pode ser considerada o inimigo numero um do milho. Tal facto causou uma erta estranheza entre os presentes, mas o orador, mais tarde, teve occasião de verificar a procedencia da observação. Além disso, teve em mãos a copia de um contracto de um comprador estrangeiro, onde o caso era devidamente considerado, e que, além do mais, deveria ser considerado como uma humilhação para nós. Teve ensejo de levar o facto ao conhecimento do Sr. Ministro da Agricultura. Por outro lado, no caso da exportação do milho, trata-se de um producto que só tem valor se exportado em grandes quantidades, por ser baixo o seu custo. Dessa forma, esse producto está a exigir exame immediata por parte dos poderes publicos no que respeita aos impostos, taxas, despesas portuarias e outras, que o tornam caro, sem o que não estaremos preparados para uma concurrencia com outros paizes melhor avisados. Em São Paulo, uma vez que este assumpto já entrou no dominio do conhecimento publico, já foram tomadas todas as medidas, á frente das quaes se encontra a respectiva Secretaria da Agricultura, afim de que a exportação deste anno não seja apenas um facto de emergencia, mas, pelo contrario, que entre de modo definitivo na nossa vida economica como um factor de criação de um novo valor commercial, como é o desejo do Governo Federal. A situação do milho, de que o Brasil é um dos maiores productores, talvez o quarto, é a de que, para que se consiga augmentar a produção de 6 para 9 ou 10 milhões, preciso será que se estimule a exportação. Sem esse estímulo, não se poderá contar com maior desenvolvimento da cultura, do que tem sido observado até agora. Qualquer assumpto da natureza deste, em que temos de nos preparar para uma concurrencia de caracter internacional, exige esforços de organização. Dahi porque não podemos nos limitar apenas a *augmentar a produção*, mas,

isto sim, deveremos nos lançar a um conjuncto de medidas que, se não forem tomadas, darão causa a esforços perdidos sem attingir a meta desejada. Entretanto, devemos confiar em que o Brasil triumphará nesse terreno, a exemplo do que estamos fazendo em relação a outros sectores da nossa economia. É bem certo que se o Governo perseverar e puder contar com a collaboração sincera da parte de todos os outros elementos, principalmente no sector dos transportes e do embarque, teremos no milho, como acontece na Argentina, um dos artigos mais valiosos a pesar favoravelmente na balança commercial.

Refere-se a seguir o Sr. Torres Filho, ao algodão, cuja produção em São Paulo, este anno, alcançará um milhão e quatrocentos mil fardos. Desses, já foi classificado um milhão, o que é muito de louvar pela presteza com que vem agindo os encarregados do serviço, no Estado. A essa produção temos de juntar a safra do norte, que começa em fins de Setembro, a qual, segundo calculos, é inferior á do anno passado. Dahi, o pequeno estremecimento que está havendo no preço, principalmente em São Paulo, mas é crer que não venha a affectar de modo profundo a produção brasileira.

Analyse o Sr. Torres a situação da produção brasileira em face da situação do mercado mundial do algodão e informa que já levou as suas impressões ao Conselho Federal do Commercio Exterior.

A seguir, dá a palavra ao Sr. José Maria Fernandes, que, como tecnico e autoridade em assumptos de algodão, faz um impressionante relato do que se observa actualmente nos Estados Unidos em relação a essa cultura, e ás medidas de defesa adoptadas pelo referido paiz.

Esta comunicação, que será enviada ao Sr. Ministro da Agricultura, será publicada á parte, dado o seu grande interesses.

A respeito do assumpto manifestam-se os Srs. Teixeira Leite, Torres Filho, Ismael Cardovil, usando a seguir da palavra o Sr. Otto Frensel, que se congratula com a Sociedade pela recente publicação do primeiro volume dos "Annaes" da II Conferencia Nacional de Pecuaria. Felicitou S.S. a Comissão de Redacção e informou que, no proximo numero, o Boletim do Leite publicará uma relação completa das theses e suas conclusões, relativas aos lacticínios.

O Sr. Torres Filho agradeceu e disse serem extensivas a S. Ex. as congratulações que offerecera á Comissão de Redacção, porque justamente o seu collega fora um dos mais proficuos collaboradores do exito do memoravel Congresso.

O Sr. Ismael Cardovil insereve-se para, na proxima reunião, tratar de um caso que

considera de policia alfandegaria, prometendo demonstrar que, em artigos perfeitamente dispensaveis, não só por se tratarem de succedaneos, artificios enganosos e generos de produção nacional, dispndemos annualmente mais de 100 mil contos de réis.

A seguir, é encerrada a sessão.

Sessão de 4-8-38

*Visita dos Alumnos da Escola Agricola da Babia á Escola de Horticultura Wenceslau Bello — A Exportação de Mamona em São Paulo — Outros Assumptos*

So a presidencia do Sr. Arthur Torres Filho, realizou-se como de habito a reunião semanal da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura.

O Sr. Arruda Camara, Secretario, leu o expediente, do qual destacamos os seguintes papeis: officio da Associação dos Exportadores de Leite do Districto Federal, communicando haver mandado imprimir os "Annaes" da segunda Semana do Leite, promovida pela Sociedade Nacional de Agricultura, e offerecendo a esta 300 exemplares da interessante publicação.

O Sr. Torres Filho agradece a communicação e o offerecimento, aproveitando o ensejo para mais uma vez louvar a acção dos Srs. Otto Frensel e Luiz ieira, incumbidos pela Sociedade da organização do interessante certame. Diz que taes "Semanas" vêm sendo realizadas com regularidade, graças ao apoio que ás mesmas tem dispensado o Ministerio da Agricultura. E' essa uma das demonstrações dadas pelo Sociedade do interesse que toma por essa industria, uma das mais importantes do paiz, e, por isso mesmo, está a exigir dos poderes publicos os melhores cuidados. A Sociedade, todavia, não deixa de ter uma preocupação permanente em relação aos lacticinios brasileiros, do que fazem provas essas pequenas exposições, acompanhadas de palestras e informações e distribuição de leite que annualmente são realizadas por sua iniciativa por occasião das Feiras Internacionaes de Amostra. Foi lido tambem um officio da Sociedade de Geographia do Brasil, convidando para a conferencia "Precursores da Independencia e Emancipadores do Brasil", tendo sido designado o Dr. Teixeira Leite, ice-Presidente para representar a Sociedade. Outros papeis foram dados a conhecer á casa e o Sr. Arruda Camara, na qualidade de Director da Escola de Horticultura Wenceslau Bello, mantida pela Sociedade no antigo Horto Fructicola da Penha, submete á consideração da Casa as seguintes "Instrucções" organizadas para os exames dos cursos regulares da Escola.

Art. 1.º — Os exames do Curso Regular da Escola de Horticultura Wenceslau Bello serão realizados na Escola em duas epochas, sendo a primeira de 1 de Novembro a 1 de Dezembro, e a segunda de 1 a 10 de Março de cada anno.

Art. 2.º — O alumno só poderá entrar em exame de primeira epocha;

a) — se houver realizado, durante o anno, 4/5 das horas destinadas aos trabalhos praticos em conjunto;

b) — nas materias em que tiver 4/5 de frequencia, ás aulas dadas;

m MAuc shrd hrd shrd etao shrd etao

c) — nas materias em que tiver alcançado a media minima annual de 40.

Art. 3.º — A media annual, por materia, é a media arithmetica das mediaes mensaes.

Art. 4.º — Será approvado o alumno que alcançar, nos exames, de cada materia, a media minima de 40, sendo ahí computadas as notas das provas pratica, escripta e oral.

Art. 5.º — A nota de approvação, em primeira epocha, será a resultante da media annual e da nota de exame.

Art. 6.º — Os exames constarão de tres provas:

a) — pratico.

b) — escripta,

c) — oral.

Art. 7.º — Entrarão em exames de segunda epocha os alumnos reprovados na primeira e os que, por qualquer motivo, explicados em requerimentos ao Director, não puderam fazel-os em primeira epocha.

Art. 8.º — Para os exames nessa epocha, no computo das notas não entram as da media annual, e a approvação só se verificará obtendo o alumno nota minima de 50.

Art. 9.º — O alumno reprovado em uma ou duas materias poderá obter matricula no anno em curso, em segunda epocha.

exames das materias dependentes em primeira epocha, poderá fazel-as em segunda, repetindo, neste caso, o anno, na fórmula regimental.

Art. 11.º — O alumno repetente não ficará sujeito ao exame das materias em que haja sido approvado, mas estará obrigado, entretanto, aos trabalhos praticos distribuidos ás respectivas turmas.

Art. 12.º — Os alumnos dependentes, matriculados no ultimo anno, poderá fazer todos os exames em primeira epocha, se approvados antes na dependencia.

Art. 13.º — As presentes instrucções ficam fazendo parte integrante do regimento interno da Escola, podendo ser alteradas no todo ou em parte a partir de um anno de execução, e entram em vigor immediatamente.

Esse trabalho, que mereceu uma referência especial do Sr. Teixeira Leite, foi aprovado unanimemente e mandado executar.

O Sr. Torres Filho exhibe aos presentes uma caixa contendo amostras de sementes de mamona, enviadas pelo Dr. E. B. (?).

Essas amostrar — continua o Sr. Torres Filho, referem-se á exportação que está sendo feita pelo porto de Santos, o que já attingiu a 5.500 saccas. A remessa dessas amostras se explica porque, quando da sua ultima visita a S. Paulo, teve occasião de, naquella porto, examinar algumas partidas, chamando-lhe a attenção o facto, que agora salienta: a necessidade da padronização. De facto, se examinarmos essa amostra, verifica-se que ha, alli, diversas variedades de sementes, formando uma verdadeira mescla, que se reflecte no valor commercial do producto, porque o teor em oleo varia de uma qualidade para outra. Esse caso da mamona, que hoje tem um grande valor commercial, interessa a varios Estados, como o da Bahia, onde, apesar do surto na producção, não têm sido tomadas providencias tendentes a valorizar o producto exportado. Esse producto está requerendo cuidados não só na parte cultural, mas, tambem, na commercial propriamente dita, ou, ainda, na da exportação, que exige um equipamento, que precisa ser organizado sem delongas. Pela padronização, o melhoramento do producto terá de ser feito não só quanto aos requisitos necessarios da qualidade, como tambem do preço do custo, de fórma a que a cultura se torne remuneradora, com o estímulo ao productor. Quando, a proposito do assumpto, trocou idéas com o tecnico da Secretaria da Agricultura de S. Paulo, Dr. Mendes de Godoy, foi-lhe informado de que os trabalhos dos technicos no Estado estavam se concentrando justamente no estabelecimento de variedades, tendo sido preferidas as duas: anã e de talo roxo, além de uma outra standard, cuja cultura quasi que exclusivamente vinha sendo feita no Estado. A convite desse tecnico, teve occasião de visitar uma propriedade no interior, onde, pela primeira vez, viu uma completa cultura de mamona, sob os moldes mais racionais possíveis, pertencente ao Sr. Oliveira Santos. Essa propriedade, com 50 alqueires paulistas, apresenta o processo mechanico em todas as suas operações. Na occasião da visita, a plantação estava toda fructificada e apresentava um aspecto impressionante. Notou, nessa plantação que os fructos, apesar de maduros, não apresentavam a abertura das capsulas. A primeira colheita já havia alcançado 20.000 kilos de sementes, haviam ainda 40.000 em deposito e a plantação estava como se não houvesse, ainda, feito colheita alguma.

O seu intelligente e operoso proprietario calculava uma producção de cerca de 3.000 por hectare, o que é notavel. A parte do bene-

ficiamento estava praticamente resolvida nessa modelar propriedade, applicando-se alli secadores e machinas de limpeza apropriadas. Campinas, acompanhando os trabalhos de ge-Depois, visitou o Instituto Agronomico de netica ali realizados pelo prof. Krugel, no que se refere á mamona. Esse profissional estava va justamente tratando da creação de linhagens, para depois se consagrar aos cruzamentos, esperando elle conseguir variedades fixas que garantam um rendimento economico seguro á cultura. Por isso, termina o Sr. Torres Filho, a padronização que temos de fazer para todos os productos tem de seguir essa orientação: primeiro, crear variedades fixas e sanear as culturas, depois, o beneficiamento cuidadoso e, por fim, a classificação commercial. Sem isto, acontece o que todos vemos: apesar de São Paulo estar avançando em todos os ramos da actividade agricola e commercial, apesar do seu genio emprehendedor e da sua capacidade de adaptação e improvisação, ainda não pode exportar mamona em condições economicas.

O Sr. Otto Frensel usa da palavra e diz:

Sr. Presidente. Meus Senhores.

E' com a maior satisfação que me descumbo do honroso encargo de introduzir nesta casa o Sr. Profesor Pedro B. Peres, muito digno Director da Escola Agricola da Bahia e do grupo de alumnos dessa Escola.

A circumstancia de se tratar de amigos bahianos nos enche de especial satisfação, pois, muito deve a Sociedade Nacional de Agricultura aos illustres bahianos que tanto influiram em sua vida e progresso, tendo a sua frente o saudoso Ministro Dr. Miguel Calmou, cuja inesquecivel memoria ainda veneramos e continuaremos a venerar, como nosso Presidente Perpetuo.

Os nossos amigos visitantes estiveram hoje pela manhã em nossa companhia no nosso Horto e na Escola de Horticultura "Wenceslau Bello", que a nossa sociedade lá mantém. Fomos optimamente recebidos pelo seu digno Director e nosso prezado amigo, Arruda Camara e pelos professores e alumnos. Vimos o grande interesse manifestado pelos nossos visitantes por tudo que tiveram ensejo de observar e muito observar e muito nos satisfez esta observação, pois, ella vem comprovar o quanto é util o serviço que a Sociedade Nacional de Agricultura lá presta a agricultura brasileira.

Como lembrança desta visita desejamos distribuir entre os nossos prezados visitantes algumas publicações que, certamente, terão o seu maior interesse. Resaltamos entre ellas os annaes da 2.<sup>a</sup> Conferencia Nacional de Pecuaria e da Segunda Semana do Leite que

representam duas das mais importantes iniciativas da Sociedade Nacional de Agricultura nos ultimos tempos.

Formulamos os mais sinceros votos no sentido de levar aos nossos prezados amigos presentes a melhor lembrança de sua visita a qual muito agradecemos, apresentando tambem os nossos sinceros votos pela felicidade e prosperidade de cada um."

O Sr. Torres Filho diz que a Sociedade Nacional de Agricultura recebe com o maior carinho, no seu seio, a visita do Professor Peres, acompanhado pelos alumnos da Escola Agricola da Bahia. Tal recepção não poderia deixar de causar a maior satisfação a todos toram os vultos eminentes, filhos daquelle Estado, que perlustraram a direcção da instituição, e entre elles cumpre citar Miguel Calmon, que tantos annos presidiu a Sociedade, e tantos annos presidiu a Sociedade, e tantos serviços prestou ao Brasil e á sua economia: Sergio de Carvalho, Ignacio Tosta e outros. Pois bem, da tradicional Escola Agricola da Bahia, sahiram, para as lides da sciencia agronomica, o segundo daquelles e Gustavo Dutra e tantos outros que formaram a primeira linha da nossa agricultura racionalizada, e cujos nomes permanecerão em logares de honra no conceito de quantos se interessam pelo Brasil maior. Dessa mesmo Escola, agora, chegam até a Sociedade futuros e jovens profissionaes, cheios de seus predecessores, como, que a attender de entusiasmo e dispostos a seguir a trilha que o velho estabelecimento apesar das vicissitudes por que tem passado conserva intacta, ou cada vez mais forte, a sua vitalidade. Felizmente, encontra-se no Governo da Bahia um profissional da agronomia, o Dr. Landulpho Alves, que durante muitos annos integrou o quadro da Sociedade Nacional de Agricultura. Esse facto, diz o Sr. Torres Filho, é o penhor seguro de que a velha Escola terá, no seu governo, um lugar de destaque, fazendo com que o seu nome brilhe, ainda mais, no scenario das grandes casas de sciencia da Brasil.

O Sr. Professor Pedro B. Peres, em palavras repassadas de grande emoção, agradece a homenagem da Sociedade aos vultos da Bahia citados no discurso do Sr. Torres Filho e, tambem, a recepção que lhe fazia e aos alumnos, a Directoria da Sociedade, tendo occasião de manifestar a sua magnifica impressão pela visita que, durante o dia, fizera em companhia dos mesmos á Escola de Horticultura Wenceslau Bello.

Em nome dos alumnos, fallou, agradecendo, o agronomando Renato Dorir, tendo o Sr. Torres Filho declarado que, em telegramma, iria dar conhecimento ao Sr. Interventor no Estado do resultado da reunião.

Enserriaram-se, a seguir, os trabalhos.

Sessão 11-8-38

*O Gado Hollandez no Rio Grande — A Pecuaria em Barretos — A Juta no Amazonas — As Fibras Nacionais e a sua Industrialização — A Irrigação Agricola no Ceará*

Sob a presidencia do Sr. Arthur Torres Filho, realizou-se a semanal da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura.

O expediente foi lido pelo Sr. Arruda Camara, Secretario, constando do mesmo, entre outros papeis, officio do Sr. Rafael Xavier, Director da Estatistica da Producção, offerecendo á Sociedade o film pelo mesmo serviço e relativo á visita do Sr. Ministro da Agricultura á Escola de Horticultura Wenceslau Belo. O Sr. Presidente tem palavras de elogio para o trabalho do respectivo cinematographista Sr. Lafayette Cunha e agradece o gesto do Sr. Rafael Xavier; Officio do Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, agradecendo ter-se feito representar o sidente da Sociedade no acto inaugural da 7.<sup>a</sup> Exposição Nacional de Animaes; officio do Sr. Nuno Tavares Dias, communicando haver assumido a Directoria da Agricultura, Industria e Commercio da Bahia; carta do Sr. Luiz Amaral, pedindo subsidios para a historia geral da agricultura brasileira, que está organizando; carta da Associação dos Criadores de Gado Hollandez, de Porto Alegre, communicando a proxima realização da 1.<sup>a</sup> Exposição Brasileira de Gado Hollandez, em Porto Alegre, e informando dos varios premios instituidos.

Á respeito desta communicação, considera o Sr. Presidente uma iniciativa louvavel, e merecedora da attenção de todos os criadores do paiz. A Sociedade pedirá ao Sr. Firmo Krebs que a represente no acto inaugural.

O Sr. Otto Frensel pede a attenção da Casa para o facto de que a Associação de Criadores de Gado Hollandez é a unica que, no Brasil, vem realizando com regularidade o controle leiteiro de todo o gado de seus associados, o que, lhe parece, é digno de menção, sabendo-se da importancia que tal serviço representa para a melhoria do gado com essa finalidade industrial.

O Sr. Presidente, secundando as palavras do Sr. Otto Frensel informa que, ha dias, o Sr. Presidente da Republica recebeu em audiencia especial uma comissão de directores da Sociedade e da Confederação Rural Brasileira, que lhe foi fazer entrega de um exemplar especial do primeiro volume dos Annaes da II Conferencia Nacional de Pecuaria, tendo, então oportunidade de ventilar com S. Exxa. assumptos ligados á vida associativa da classe rural do Brasil. Essa Comissão, continua, o Sr. Torres Filho foi acolhida por S. Ex. com grande sympathia, demonstrando o Sr.

Getulio Vargas desejo, já mais de uma vez manifestado, de visitar a Escola de Horticul-tura Wenceslau Bello. A visita terá logar logo que S. Excia. determine a data. Refere-se o Sr. Torres Filho á idéa, consubstancia-da em uma das conclusões da II Conferencia de Pecuaria, da construcção da "Casa do Agri-cultor", manifestando a sua confiança em que tal idéa, ha tanto tempo acalentada, encontra-rá o necessario apoio do poder publico. A proposito, lembra o facto de que a Sociedade Nacional de Agricultura sempre teve da parte do Sr. Presidente da Republica as maiores atencões e, no momento, a classe agricola, dentro do espirito da nossa constituição, tem um papel de grande significação a desempe-nhar sendo portanto, necessario que ella se congregue em laços máis firmes, e possa ter uma funcção condigna na marcha dos nego-cios publicos. A Directoria da Sociedade, após o entendimento com o Sr. Getulio Vargas, ficou segura de que mais este passo seria dado para a completa execução do programma que se traçou e que vem sendo aos poucos conse-guido.

O Sr. Torres Filho, a seguir, assignala a presença, na Casa, do Sr. Jeronymo Antonio Coimbra, presidente do Syndicato dos Criadores e Invernistas de Gado do Barretos, e tambem membro da Directoria da Sociedade. Tratando-se de uma das zonas de maior expressão no commercio de gado do paiz, pede o Sr. Torres Filho que o Sr. Coimbra preste á Sociedade algumas informações a respeito da situação actual desse commercio naquella região.

O Sr. Jeronymo Coimbra, attendendo ao pedido, declara, de início, que Barretos não é um dos principaes, mas é o principal centro pecuario do Brasil. Refere-se a seguir ao movimento commercial de Barretos nesse campo da economia nacional, movimento esse que colloca o Municipio como centro distribuidor das maiores zonas productoras de gado do paiz, não só do gado propriamente do Estado, como do Triangulo Mineiro e de Matto Grosso. Do gado exportado, trinta por cento é de shelled-beef, destinado ao estrangeiro, e o restante ao consumo interno. Allude aos preços que, no momento, informa, são compensadores para o criador e para o invernista e o exportador, sendo que o shelled-beef está sendo vendido a 25\$000 a arroba e a carne commum a 24\$000.

Esses preços ao que sabe, apresentam uma certa estabilidade. Cita o tratado anglo-argentino que, a seu ver, tem prejudicado até certo ponto o commercio do Brasil, mas as quotas marcadas para o Brasil não mais existem praticamente. Conclue que as condições da pecuaria nacional são satisfactorias presentemente estando todos satisfeitos com a situação.

Informa que o Sr. Presidente da Repu-blica, quando da sua visita a Minas e a São Paulo, esteve ligeiramente em Barretos, não podendo entretanto, demorar-se, como era desejo da população, visitando os varios estabelecimentos industriaes e os syndicatos locais.

O Sr. Torres Filho agradece essas infor-mações, congratulando-se com a classe dos criadores e passa a tratar de outro assumpto que considera de grande importancia para o nosso problema economico: o das fibras. Esse assumpto, diz, foi por si levado ao Conselho Federal do Commercio Exterior, visando a industrialização das fibras nacionaes. Final-mente, dali sahiu um projecto de estímulo a essa industrialização, bem como ao fabrico da cellulose. Este assumpto, aliás, tem sido um dos mais debatidos pela Sociedade, e que agora se concretisa, em uma providencia governa-mental da qual é de esperar possa o paiz colher, resultados satisfactorios. Aqui, continua o Sr. Torres Filho, por intermedio do Sr. Virgínio Campello temos tratado do problema da cellulose. Esse tecnico, com grande dedica-ção e conhecimento da materia tem proposto numerosas providencias, visando o aproveitamento das materias primas que possuimos, e seu emprego no fabrico de papel, sobretudo para o destinado á imprensa. Refere-se o Sr. Torres Filho a nossa importação de pasta para o fabrico de papel, á cordoalha, á saccaria, aniagem de juta, attingindo a mais de 200 mil contos annualmente. Naquella reunião do Conselho, pediu a atencão dos seus collegas para fabrica de Lobató, de tecidos de aniagem com emprego de fibra Hibiscus, e que dispõe de um capital de 10 mil contos. Essa fabri-ca dispõe de uma plantação daquella planta fibrosa de quatrocentos alqueires paulistas tendo feito contracto com 150 familias japo-nezas, ás quaes fez concessões de lotes de terra. Essa formidavel iniciativa, entretanto, está em vias de insuccesso, porque a questão da masse-ração da fibra ainda não está resolvida. Real-mente, esse trabalho, da forma que é feito no momento é muito penoso, exigindo do tra-balhador permanecer por muitas horas dentro d'agua, onde contrahe a maleita e outras mo-lestias. De forma que, ao fim de certo tempo, procura elle outro trabalho que não lhe exija tal sacrificio, restando abandonadas as cultu-ras pela impossibilidade do seu aproveitamen-to, que tem necessariamente de passar por essa phase, de beneficiamento. A questão das fi-bras nacionaes, tão debatida, não é propria-mente a falta de fibra. Esta, temol-as muitas e boa qualidade. E, porém, mais uma questão de natureza economica que agricola. Na In-dia, onde o processo de masseração exige o mesmo sacrificio, a mão de obra é mais bara-ta e mais abundante. Diz o Sr. Presidente que mandou obter informações a respeito da cultura da juta no Amazonas, onde os japone-

zes ali a estavam cultivando. Soube, porém, que, após cinco annos de cultura, a planta degenerou, e a producção decahiou muito. Mas, em novas tentativas, introduziram sementes e um agronomo japonês obteve variedades satisfactorias, cujas plantas apresentam o mesmo desenvolvimento observados nos paizes de origem. Sabe que os colonos japonezes estão muito animados e que esperam obter um typo (é uma questão de genetica — observa o Sr. Torres Filho) que lhes facilitará o desenvolvimento da cultura.

O projecto approved no Conselho e submettido ao Sr. Presidente da Republica visa a concessão de premios para a saccaria, a cordoalha e a cellulose. Muito embora faça algumas restricções, ao regimen de premios como meio de estímulo a determinadas culturas ou indústrias, deve-se contudo, ver nesse projecto uma manifestação de boa vontade.

Esperemos os seus resultados. A parte principal, a da experimentação agricola, esta, não póde ser feita pelo industrial, como poderia fazer o Governo, por intermedio do Ministerio da Agricultura. A este, aliás, é que incumbe a experimentação. Neste sentido, ainda temos o assumpto da cellulose que é mais transcendente do que o da saccaria, porque, com elle, temos o do aproveitamento das nossas madeiras, inclusive do pinho do Paraná. Refere-se ao Sr. Simões Lopes que, quando Ministro da Agricultura muito trabalhou em prol do aproveitamento das nossas fibras, tendo, a respeito do caroá, realizado experiencias completas que muito ellucidaram a questão.

O Sr. Luiz Vieira communica a sua proxima partida para a Capital do Amazonas, em serviço do Ministerio da Agricultura. Aproveitando o ensejo, offerce-se para a obtenção de dados e informações a respeito do assumpto debatido.

O Sr. Torres Filho accéita o offercimento e incumbe o Sr. Luiz Vieira de obter nas fontes que julgar mais habilitadas, as informações e dados relativos á situação da industria das fibras naquella região.

O Sr. Virgínio Campello agradece as palavras do Sr. Torres Filho e congratula-se com a Sociedade pela iniciativa do Conselho, concedendo premios especiaes ao estímulo da industrialização das fibras nacionaes. Considera, entretanto, de pouco alcance a medida. Ella, a seu ver, não soluciona a questão. E, então, pergunta: a uma uzina destinada á fabricacão da cellulose que, por mais modesta que fosse, não poderia ser installada com capital inferior a 20 mil contos; qual o premio que lhe poderia conceder o Governo. Emfim — diz — sempre é uma iniciativa, e devemos levar em conta que o Conselho, louvavelmente, não se tem descuidado do assumpto desde 1934.

O Sr. Torres Filho assignala a presença, na Casa, do Sr. Aritobulo de Castro, Director da Agricultura do Estado do Ceará, que ha alguns mezes se encontra nesta Capital tratando de assumptos relativos á economia daquelle Estado. Durante esse periodo manteve sempre com a Sociedade relações da mais cordial sympathia, seja acompanhando os seus trabalhos, seja visitando o estabelecimento de ensino que mesma tem na Penha. Ao vel-o regressar em nome da Sociedade formula votos para que continue trabalhando, como até aqui, em beneficio da economia agricola do paiz.

O Sr. Aristobolo de Castro agradece e declara que, no seu trabalho, não tem sido mais que um discipulo do Sr. Torres Filho. Aproveita o ensejo para, em nome do Governo do Estado, convidar o Presidente da Sociedade a visitar aquella unidade da federação, o que faz em caracter official. Gostaria, diz que um filho do sul visitasse aquellas regiões e é sempre com grande praser que vê, então, desmancharem as impressões, que estes sempre trazem consigo, como uma tradição, ao deparar as realidades do Nordeste. Cita exemplo, no que respeita ás seccas e a lenda que por aqui corre, de que no Ceará não ha agua. Com dados, mostra que as chûvas alli são abundantes mas, irregulares. O que acontece, afirma, é que no Ceará é normal aquillo que em outras regiões é anormal.

Refere-se a seguir ao regimen adoptado pelo Ministerio da Agricultura no que respeita ao serviço de irrigação no Estado, e informa que foram organizadas alli, installações para irrigação por elevação mecanicas, installações essas cujo funcionamento obedece a um mecanismo complexo que, anula, em parte, os altos propositos da administração federal. O agricultor entra com as suas terras e, quando prompta a installação dá uma certa percentagem dos lucros ao Serviço. Acontece, porém, que a sublocação das terras irrigadas, tem criado situações privilegiadas, convido uma revisão de modo a beneficiar aquelles que exploram directamente o solo. Essas installações estão dando optimos lucros aos proprietarios, mas impossibilita o Ministerio da Agricultura de fazer novas. Desejo, diz o Sr. Aristobolo de Castro, fazendo um appello, fornecer o remedio para essa situação: a Inspectoria das Seccas, ao fazer um açude em cooperação, entra com o que chama de premio, ou seja a metade do custo do orçamento da obra. Um orçamento, por exemplo, de cem contos de reis, tem como premio cinquenta contos. O Sr. Aritobulo explica que o proprietario da terra, muitas vezes constróe o açude apenas com o premio. Feito o açude, pela Inspectoria teremos uma pequena irrigação, abrangendo uma area nunca superior a uma area de dez hectares, porque, geralmente, a obra é feita numa garganta pequena tam-

bem. Essas verbas com que o Governo entra para a construcção dos açudes não volta para os cofres publicos, senão indirectamente, ao passo que, com o systema de irrigação do Ministerio da Agricultura para as terras a serem mos da repartição, a levantar propriedades, beneficiadas, seguiriam as turmas e agrônomo-nivelamentos, etc. da mesma forma que o Ministerio da Viação manda fazer os açudes.

O Ministerio da Agricultura concederia aos proprietarios inclusive as machinas agricola snecessarias a praso longo. Esse dinheiro voltaria directamente aos cofres publicos e muitos outros açudes poderiam ser feitos, porque, com 50 contos pelo systema de cooperação podem ser beneficiadas areas de 30 a 40 hectares dependendo da natureza da cultura, faz, portanto, um appello á Sociedade, para que consiga do Ministerio da Agricultura entendimento com os agricultores para a irrigação em cooperação. Com tal systema, dentro de poucos annos, teriamos o Valle do Jaguarí — o maior rio secco do mundo, apesar de dispor de um grande lençou subterraneo — profundamente modificado. Um terço, pelos, das suas terras seriam melhoradas.

A seguir, o Sr. Aristobulo faz opportunas considerações a respeito da padronização, a qual, a seu ver, deveria lançar as suas vistas immediatamente sobre a cera de carnauba. O processo de extracção, sendo primitivo, não é economico e dá uma grande multiplicidade de typos. Allude ao facto de que o processo das estufas ventiladas, applicado pelas companhias americanas, não deu bons resultados. O de que precisamos, urgentemente é: primeiro — medidas rigorosas para que não sejam cortados os carnaubaes; segunda — os proprietarios serem impedidos de arrendarem os carnaubaes, ou, si o fizerem, sejam por determinada limite, porque os arrendatarios os esgottam completamente, sem nenhum interesse pela planta. A seguir, detem-se na questão do beneficiamento e exportação.

O Sr. Torres Filho, agradece o convite que lhe é feito em nome da interventoria do Ceará, para que visite aquelle Estad e secunda as palavras do Sr. Aristobulo de Castro no que se refere aos dous interessantes assumptos abordados por SS., promettendo estudal-o e leval-o ao conhecimento dos poderes competentes.

O Sr. Arnaldo Vieira, professor da Escola de Horticultura Wenceslau Bello, em nome do corpo docente daquelle estabelecimento, apresenta votos de boa viagem ao Secretario da Agricultura do Ceará, em cujo convicio epramaneceram, por alguns dias, alumnos e professores da Escola.

O Sr. Arruda Camara communica á Casa que no proximo dia 7 de Setembro fará desfilar, juntamente com os outros estabelecimentos de ensino uma turma de alumnos da

Escola, devidamente uniformisado. Será diz, uma contribuição da Escola de Horticultura Wenceslau Bello ás Commemorações do Dia da Raça.

Nada mais havendo a tratar o Sr. Presidente encerra os trabalhos.

Sessão de 1:9-1938

*A Padronização dos Productos Agro-Pecuarios — Os Entrepostos de Frutas e Legumes e o Cooperativismo — O Trigo no Estado do Rio — A nomeação do Dr. Mario de Oliveira para o D. N. P. A. — Os Pequenos Lavradores e o Decreto sobre os Entrepostos — A venda de laranja directamente ao Publico — A Questão da Estiva*

Sob a presidencia do Sr. Arthur Torres Filho, reuniu-se a Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura.

Abertos os trabalhos, o Sr. Arruda Camara, Secretario, procedeu á leitura do expediente, do qual destacamos os seguintes papeis: officio do Presidente da Sociedade Rural Brasileira, agradecendo a communicacção de ter sido officialmente approvedo o regulamento da classificacção commercial e da fiscalizacção da exportacção do milho, visando a padronizacção do producto. O Sr. Torres Filho, a proposito, informa que, quando, ha pouco, esteve em S. Paulo, a sua accção foi desenvolvida em collaboracção muito estreita com a Sociedade Rural Brasileira, a qual não lhe regateou apoio e auxilio ao trabalho de que estava encarregado, visando justamente o incremento daquelle producção. A classificacção commercial do milho, que ja foi approvada pelo Governo, está tendo uma grande repercussão no nosso meio rural, sendo que, na Associação Commercial do Rio de aneiro, mereceu o mais franco applauso daquelle Associação, como já houvera, tambem, merecido da Bolsa de Mercadorias e Cereaes de São Paulo. E', portanto, confortador para a Sociedade Nacional de Agricultura verificar, assim, que a campanha que ha longos annos vem fazendo em prol da padronizacção dos productos agricolas e pecuarios vae obtendo os seus resultados, e que, longe de constituir, como a principio se acreditava, um entrave á producção, representa justamente aquillo que sempre reconhecemos; uma valorizacção do trabalho rural. Aquillo que já se começa fazer em relacção ao milho, se extenderá naturalmente a todos os demais productos. Tanto assim, que em S. Paulo já se vai fazendo a padronizacção da nossa exportacção, a qual attingiu, em 1937 a 91.000 contos. Dentre os productos oleaginosos, a mamona occupa, hoje, o primeiro lugar. A propria Argentina reconheceu que o es-

forço brasileiro é digno de imitação, porquanto está aconselhando o plantio, allí, em alta escala, da preciosa semente. Em heiação á borracha, já os interessados se movimentam pedindo a padronização do producto. Vê-se pois, que a idéa é francamente victoriosa e que em breve a nossa economia terá os benefícios que se pode esperar da sua applicação plena a todos os nossos productos de exportação.

Carta da Companhia Geral de Melhoria-mento de Pernambuco, accusando o recebimento de 1.000 enxertos de laranja, provenientes da Escola de Horticultura Wenceslau Bello, que "allí chegaram em boas condições, apesar das precarias condições de transporte" e adeantando que, a sua perfeita embalagem concorreu para isso, valendo como attestado da orientação intelligente que vae essa prestigiosa Sociedade imprimindo ao seu serviço de plantas e sementes"; officio da Inspectoria Regional de Sericicultura, de Barbacena, communicando haver designado o agronomo Mario Vilhena para realizar o plano de cooperação com a Sociedade, organizando uma Secção de Sericicultura na Escola de Horticultura Wenceslau Bello; o Sr. Torres Filho informa, ainda, que o referido agronomo realizará, naquella Escola um Curso Rapido da especialidade, fará na Sociedade, no proximo dia 15, uma conferencia traçando rumo á sericicultura no Brasil; carta da Sociedade Rural Argentina, convidando a Sociedade para o acto inaugural da Exposição Nacional de Gado, daquella Republica; officio do Sr. William Wilson Coelho de Souza communicando que o Departamento de Agricultura do Estado do Rio, de que é Director, obteve os melhores resultados com a semente de trigo enviados pela Sociedade áquella Repartição, pedindo esclarecimentos quanto á qualidade e procedencia das mesmas. O Sr. Torres Filho declara que as variedades enviadas são "Rio-Sulino" e "Fronteira", obtidas pelas estações experimentaes de Alfredo Chaves e Bagé, determina o Sr. Presidente que a Sociedade peça, por sua vez, ao Sr. William Wilson Coelho de Sousa esclarecimentos acerca dos resultados obtidos, afim de que sejam convenientemente divulgados; officio do Sr. Agostinho Medici, Presidente da Sociedade Rural da Parayba do Sul, communicando a fundação dessa instituição.

O Sr. Otto Frensel lê a seguinte proposta: "Propomos que a Sociedade Nacional de Agricultura se dirija, por telegrammas, ao Sr. Presidente da Republica, ao Sr. Ministro da Agricultura, congratulando-se pela acertada nomeação do Sr. Dr. Mario de Oliveira para o elevado cargo de Director Geral do Departamento Nacional da Producção Animal. Trata-se de tecnico dos mais competentes e de cuja actuação muito lucrará a pecuaria bra-

sileira em todos os seus importantes ramos. Propomos tambem que um telegramma seja enviado ao proprio Dr. Mario de Oliveira, felicitando-o e expressando as grandes esperanças da Sociedade na acção que certamente desempenhará em favor da pecuaria brasileira. (aa) Otto Frensel, Luiz Gonçalves Vieira".

O Sr. Torres Filho submete a proposta á consideração da Casa. Antes porém, diz que o nome do Sr. Mario de Oliveira merece o maior acatamento, por se tratar de um profissional que tem prestado um grande concurso ao desenvolvimento da nossa producção agricola em geral e principalmente ao que se refere á pecuaria. De ha longos annos vem prestando a sua collaboração no Rio Grande do Sul, onde angariou uma reputação altamente honrosa, por seus inestimaveis serviços á pecuaria daquelle Estado. Diz o Sr. Torres Filho que, por tudo isso, se associa á proposta daquelle Estado. Diz o Sr. Torres Filho que, por tudo isto, se associa á proposta dos seus collegas. Submettida a votos é approvada unanimemente.

A seguir, o Sr. Presidente diz que ha um facto digno de ser salientado, e é o que se prende ao recente decreto do Governo creando os entrepostos de fructas e legumes, os quaes servirão como órgãos reguladores do mercado interno. A idéa dos entrepostos dotados de camaras frigorificas, de modo a approximar o productor do consumidor, sem prejudicar propriamente o commercio honesto, tem sido muito bem recebida, inclusive por esta ultima classe, conforme se infere do facto de ter a propria Associação Commercial do Mercado Municipal procurado o Sr. Ministro da Agricultura para ahe offerecer a sua collaboração quando da organização do entreposto do Districto Federal. Com a organização de taes entrepostos, evitaremos as medidas de emergencia adoptadas sob a forma de tabellamentos. A questão dos entrepostos, como o da padronização, a que se reeffriou antes, nada mais é do que o resultado das campanhas feitas na Sociedade Nacional de Agricultura. Nestas condições, congratula-se com a classe rural, por haverem essas duas aspirações serem satisfeitas pelo Governo.

Um outro acontecimento merecedor de nota é a nova lei que regula o movimento cooperativista no Brasil. Essa lei tambem está sendo acolhida muito favoravelmente em todos os circulos de opinião publica e muito particularmente no meio rural. Tudo isto prova, portanto, que a phase que vamos atravessar-se caracterizará por uma orientação de insophismavel reorganização agraria, exigindo do Governo as maiores cautelas e o maior desvelo, porque, se assim não for, toda essa legislação que está sendo feita se tornará falha. o paiz. Por outro lado, existe tambem, a necessidade de uma politica agraria relacionada

com alguns dos nossos productos, fazendo com que o Brasil tire todo o proveito da situação internacional e não se deixe arrastar por certos planos de controle, que podem resultar em prejuizo da nossa economia. Refiro-me.

Deverá haver uma necessaria correspondencia entre essa legislação e o meio rural, estabelecendo-se um equilibrio entre as forças da producção, afim de se evitar uma crise social de consequencias talvez gravissimas para diz o Sr. Torres Filho, mais particularmente ao algodão. É certo que o Brasil, de 1934 para cá, passou a ter uma expressiva significação no mercado mundial do algodão e, a despeito da pequena depressão nos preços, verificada este anno, não deveremos interromper os esforços que vimos fazendo para levar o Brasil ao nível de um dos maiores concurrentes ao mercado internacional do algodão. Sabemos que, em relação a alguns productos agricolas, a Liga das Nações tem procurado estabelecer restricções por meio de quotas á producção e o mercado internacional. Sendo assim, o Brasil, mormente em relação ás materias primas não poderá assumir compromissos que por ventura venham a prejudicar o seu intercambio, sabido como é que dispomos de condições altamente favoraveis, inclusive mão de obra barata, sobretudo em certas regiões do paiz. Nesse sentido, diz o Sr. Torres Filho, a minha acção no Conselho Federal do Commercio Exterior, tem sempre a de estar attento aos legitimos interesses da classe agricola, procurando, tanto quanto possivel, interpretar-lhe os anseios em face da situação do mercado mundial.

O Sr. Ismael Cordovil presta algumas informações a respeito da cultura do trigo no Estado do Rio de Janeiro, declarando que algumas das sementes enviadas pela Sociedade foram, com successo, plantada snos fundos da Casa de Detenção de Nicheroy, produzindo tão bem nessa terra, quasi que ao nível do mar, quanto em terrenos mais altos, como é o caso dos resultados referidos pelo Sr. W. W. Coelho de Souza.

O Sr. Torres Filho agradece a communição e diz que foi procurado pelo Presidente da Associação Citricola do Rio de Janeiro, e pelo Syndicato dos Lavradores do Districto Federal, no sentido de obter do Sr. Presidente da Republica providencias immediata no sentido de ser facilitada a venda de laranjas, directamente ao publico, attendendo á situação de crise que vem atravessando aquele producto. Essa venda poderia ser feita em caminhões, cujo estacionamento em determinados locais seria permittido, a exemplo do que se faz como leite.

O Sr. Arruda Camara, a proposito do decreto estabelecendo os entrepostos de generos da pequena lavoura, diz que deseja dar á Sociedade algumas impressões colhidas directa-

mente no seio da classe dos productores do Districto Federal, sobretudo entre os productores hortícolas. Esta, a julgar pelo que tem observado, recebeu a medida governamental não somente como uma medida de amparo e de estímulo, mas, sim, de redempção, ella vem mudar, totalmente, o mecanismo das transacções até agora praticadas em torno dos productos da pequena lavoura. Esse mecanismo, no Districto Federal, até agora, era o seguinte: uma pequena parte dos productores, vendia directamente os seus productos nas feiras livres, satisfazendo, para tanto, uma crise de exigencias da Directoria do Abastecimento Municipal. Os productos que não podem ser levados ás feiras, por serem demasiadamente difficeis as exigencias a cumprir são encaminhados aos barraqueiros do Mercado Municipal, aos quaes o productor paga uma commissão de mais ou menos 10% sobre a venda do producto, ficando sujeito ás perdas por deterioração e á devolução dos productos não vendidos. Não ha, entretanto, nenhuma fiscalisação nessas transacções, que ficam sujeitas á honestidade do barraqueiro. Com a criação dos entrepostos, o lavrador venderá talvez, o seu producto mais barato no leilão, mas volta para casa com o seu dinheiro no bolso, e, o que é mais, com o dinheiro realmente apurado na mercadoria. É certo que alguns commerciantes do Mercado Municipal justamente alarmados com o decreto da criação dos entrepostos, mas, esses não são, positivamente, a maioria, que continuará a abastecer-se da mercadoria tambem nos entrepostos, concorrendo aos leilões. E o productor, que antes pagava uma commissão de 10%, passará a pagar apenas, 0,75%, eliminando-se grande numero de intermediarios, como no caso da couve-flor de Therezopolis, que antes de chegar ao consumidor, passa por quatro delles. É por isso, termino o Sr. Arruda Camara, que os pequenos productores receberam o decreto do Sr. Presidente da Republica como uma medida redemptora, que tanto beneficiará a elles como aos consumidores.

O Sr. Torres Filho agradece as informações e ajunta algumas observações interessantes citando o exemplo dos productores japonezes, que se organizam em cooperativas e, a seguir, procuram constituir mercados proprios, utilizando-se, tambem, de meios proprios de transporte e outros, de modo a eliminar toda a sorte de onus que pesam sobre os productos inclusive o intermediario. O entreposto teria justamente essa virtude.

O Sr. Teixeira Leite refere ao problema da estiva. Diz que fará considerações a respeito por ser o problema já sobejamente conhecido dos presentes. Quer chamar a attenção da casa para a campanha que está sendo levada a effeito neste sentido pelo Correio da Manhã.

Os productores e o commercio, pelos seus orgãos de classe, já tem levado áquelle orgão da imprensa os seus applausos pelo desassombro com que ve magindo e, nestas condições, propõe que a Sociedade telegraphie áquelle Redacção manifestando-lhe, tambem, a sua inteira approvação. Cita, a proposito o facto de que o Instituto de Cacau da Baria adquiriu e montou um completo e perfeito apparelhamento para o embarque do producto. O serviço se tornaria barato, rapido e economico. Entretanto, tal apparelhamento não pôde funcionar porque a estiva quer que o trabalho seja feito directamente pelos seus componentes, em turmas de 4 horas, com extraordinarios, etc. — Esta situação é a mesma em todo o Brasil.

O Sr. Ismael Cordovil informa a proposito que, por exigencias da estiva, perderam-se 700.000 cachos de bananas no Estado do Rio.

O Sr. Torres Filho submete a votos a proposta, que é approvada por unanimidade.

O Sr. Otto Frensel presta á Casa algumas informações a respeito da proxima Exposição de Gado Hollandez de Porto Alegre.

E' tal o interesse da sua comunicação que a presidencia resolveu dar-lhe destaque especial, para conhecimento de todos os criadores do paiz.

Nada mais havendo a tratar, são encerrados os trabalhos.

Sessão de 15-9-39

*A Cultura do Trigo no Estado do Rio — O Fomento da Sericicultura no Districto Federal e Baixada Fluminense — Curso Rapido de Sericicultura na Escola de Horticultura Wenceslau Bello*

Como de costume, realizou-se, na ultima quinta-feira, a sessão semanal da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura, cujos trabalhos foram presididos pelo Sr. Arthur Torres Filho.

Leu o expediente o Secretario, Dr. Arruda Camara, que, antes, communicou á casa o fallecimento do antigo bibliothecario da Sociedade Sr. Algenio Alborim Soares. Esse funcionario, que vinha servindo á casa desde 1921, revelou-se sempre auxiliar dos mais operosos e efficientes. Como Secretario, pedia a inserção em acta dos trabalhos de um voto de profundo pezar.

O Sr. Torres Filho, ao submeter a proposta a votos, disse que não poderia deixar de associar-se ao sentimento geral da Sociedade, pela perda desse collaborador, que a vinha acompanhando ha tantos annos, inclusive nas suas phases de difficuldades. Apesar de modesto, diz, o Sr. Algenio Soares era funciona-

rio de cultura invulgar, conhecedor de varias linguas e, por isso, auxiliar dos mais efficientes. Tinha, ademais, o Sr. Algenio Soares, um entranhado amor á Sociedade, nunca regateando esforços para bem servil-a. Por isso mesmo, a sua morte repercutiu dolorosamente no seio do functionalismo e da Directoria. Considerava, portanto, unanimemente approvada a proposta do Sr. Arruda Camara, determinando a inserção em acta do voto requerido.

O Sr. Arruda Camara inicia, então, a leitura do expediente, do qual destacamos os seguintes papeis: officio da Sociedade Mineira de Agricultura, agradecendo a remessa de 10 exemplares dos "Annaes da II Conferencia Nacional de Pecuaria"; telegramma do Sr. Amilcar Sayassi, communicando haver designado o Dr. Mario Vilhena, technico em em commum com a Inspectoria Regional de sericicultura para o trabalho que a Sociedade, Sericicultura de Barbacena, desenvolverá em favor do progresso dessa importante riqueza no Districto Federal e regiões fluminenses; officio do Sr. R. Fernandes O. Silva, enviando formulario a respeito das bibliothecas agricolas do paiz, a pedido do Instituto Internacional de Agricultura, de Roma; officio do Sr. William W. Coelho de Souza, Director da Agricultura do Estado do Rio, enviando os resultados obtidos no Horto Florestal e Fruticola de Magdalena, com as sementes de trigo "Riosulino" e "Fronteira", para alli enviadas pela Sociedade, para experiencias. Entre essas informações, convem destacar a que se refere ao cyclo que medeiu entre a plantação e a granação, isto é, de 113 dias; que não houve nenhuma praga, sendo de notar, entretanto, o damno causado pelos passarinhos, que destruíram 1/5 da producção. Segundo as informações em apreço o unico passarinho que atacou o trigo em Magdalena foi o colleiro, Assim termina a sua informação o administrador do Horto, Sr. Joaquim dos Santos Lima: "Por este relatório ficou demonstrado que a época do plantio do trigo deve ser Abril e Maio, fazendo-se as colheitas em Agosto e Setembro, com sol. ôla media de grãos e espigas, podemos julgar a producção, que será compensadora: cultivadores de trigo do velho mundo, que tem visitado o Horto, calculam a colheita em 40 vezes a planta".

Foi proposto e aceito como socio effectivo o Sr. Eduardo Bastos Borges.

O Sr. Torres Filho diz que, antes de entrar na ordem do dia deseja communicar á Directoria que na recente visita do Conselho Federal do Commercio Exterior ao Estado de São Paulo teve o Conselho a sua attenção voltada para varios problemas economicos ruraes daquelle Estado e, nos debates travados quer na Associação Commercial quer na Federação Industriaes e, mais tarde, na Sociedade Rural Brasileira. Nessas visitas e nesses

debates o orador, como representante da classe agrícola do paiz no seio do referido Conselho, como lhe cumpria, procurou sempre atender aos altos interesses da classe rural. Essa orientação foi invariavel e, durante a visita á Sociedade Rural Brasileira, com a sua Directoria toda reunida, teve a satisfação de encontrar allí um ambiente de franca cordialidade, perfeitamente igual ao que encontrará algum tempo antes, quando da missão que o levara a S. Paulo, visando o desenvolvimento da cultura e da exportação do milho. Uma perfeita communhão de ideias, visando o bem do Brasil.

Por ocasião do encerramento dos trabalhos foi, mesmo, o interprete do Conselho Federal junto aos órgãos de São Paulo. Mais tarde, em uma outra reunião na Bolsa de Mercadorias, encontrou a mesma unidade de vistas entre a representação da classe agrícola no Conselho e os seus representantes por parte do Estado de São Paulo. Salienta taes factos para que fique bem patente a existencia já de uma orientação que se vai formando dentro do espirito da classe, orientação essa que absolutamente não pôde provocar incompatibilidades muito pelo contrario. Tanto as commerciaes como as industriaes ou as agricolas podem — e disto é prova o perfeito entendimento de que está dando noticia — trabalhar harmoniosamente, em beneficio do paiz, sem as fronteiras de interesses regionalistas. Foi um indice deste facto, justamente, o geral das discussões havida em S. Paulo, todas ellas dentro daquelle ponto de vista. Tem a impressão de que foi possível ao Conselho desobrigar-se da tarefa que se impoz com a visita áquelle Estado com a orientação, que se vai formando no paiz, do estreitamento dos interesses das classes que estão ligadas directamente á produção e á circulação dos valores reaes da vida nacional.

Annuncia, a seguir, o Sr. Torres Filho, a conferencia do Dr. Mario Vilhena, da Inspectoria Sericicola de Barbacena, especialmente indicado pela sua repartição para, em conjuncto com a Sociedade, desenvolver a industria do bicho da sêda no Districto Federal e zonas proxima. Tece, ao conferencista, justos encômios, considerando-o como tecnico dos mais competentes em materia de sericicultura.

A sua conferencia de hoje, diz o Sr. Torres Filho, é o início de uma serie de outros trabalhos no mesmo genero, resultante de um accordo entre a Sociedade e a Estação Sericola de Barbacena. De facto, teve a Sociedade occasião de appellar para o Sr. Amilcar Savassi para que este, por intermedio da repartição de que é chefe, auxiliasse a Escola de Horticultura Wenceslau Bello nesse sector. Dentro da orientação da divulgação, que a Sociedade tem feito, dando-lhe um character utilitario, sobressahe a iniciativa dos cursos

rapidos da Escola Wenceslau Bello, visando o preparo do ambiente, que, infelizmente, ainda não existe no Brasil, para as lides do campo. Pois, bem, o Sr. Amilcar Savassi, com o entusiasmo que não arrefece, como batalhador incansavel da sericicultura no Brasil acorreu promptamente ao convite, offerecendo-se para prestar toda a collaboração pessoal dos seus auxiliares, e nos enviou o Sr. Maroi Vilhena que, além das palestras que fará na Sociedade, irá orientar e dirigir um curso de sericicultura na Escola de Horticultura Wenceslau Bello.

O Sr. Mario Vilhena pronuncia uma interessante palestra synthetizando as necessidades e os rumos da sericicultura no Brasil, ao mesmo tempo que apresenta um plano de trabalhos a ser desenvolvido em conjuncto com a Sociedade e com a Inspectoria de Barbacena.

Pela sua importancia, essa conferencia será divulgada em separado.

O Sr. Teixeira Leite dirige ao Sr. Mario Vilhena algumas perguntas a respeito da sua especialidade, dentre as quaes, a de que se a semente produzida em Barbacena tem tido exito em Pernambuco e, em geral, no Nordeste: se ha, nesse sentido, alguma experiencia.

O Sr. Mario Vilhena promptamente, responde que a semente de Barbacena ou de São Paulo pôde, eventualmente, ter exito em Pernambuco, mas, apenas a acontecimentos fortuitos, pois que está sujeita a uma serie de condições que lhe podem difficultar aquele exito, inclusive o de transporte e ainda mesmo que seja utilizado o meio mais aconselhavel, que seria o aéreo.

Outras perguntas são feitas a respeito da cultura da amoreira e da produção e economia da sericicultura, ás que o Sr. Mario Vilhena, com um perfeito conhecimento, responde immediatamente.

O Sr. Torres Filho agradece, mais uma vez, ao Sr. Mario Vilhena e, especialmente ao Sr. Amilcar Savassi, dizendo, a seguir, que inão ha quem possa duvidar de que a sericicultura, pelos resultados já alcançado no paiz, possa ainda constituir para nós importante factor de progresso agrícola. Militam em seu favor, as seguintes vantagens, de vez que é manifesta, entr nós, a tendencia para a polycultura: emprego de pequeno capital; lucro rapido; mão de obra barata; consorciação com outras culturas; fixação do braço operario.

Além da possibilidade da exportação tem-se a considerar o facto de que a nossa produção de casulos não excederá de 700 mil kilos, quando recebemos do estrangeiro 766.99 kilos de seda em fios, no valor de 40.879.223\$000 annuaes.

Faz-se preciso salientar, entretanto, depender o surto da sericicultura entre nós da assistencia do poder publico, o qual se reves-

te de aspectos scientificos que não se acham ao alcance do particular. Nesse caso se acha a distribuição de ovos seleccionados e a defesa sanitaria da producção sericola. Medida imprescindivel, e que é de extranhar não tenha sido tentada até hoje, é a que se refere a uma lei regulando a producção, commercio, importação e exportação de ovos de bicho de seda.

O esforço que realizado o Estado de São Paulo, pelo Departamento de Industria Animal, na secção technica que mantem em Campinas, é digno do mais alto apreço, sendo licito esperar, pela orientação adoptada e resultados já obtidos, os mais altos resultados em proveito da sericultura no Brasil. Assegurada que seja a collocação do casulo em boas condições, não ha exploração rural que despreze a sericultura.

O Sr. Arruda Camara, por sua vez, como Director da Escola de Horticultura Wenceslau Bello, manifesta o seu franco optimismo em relação ao programma que vae ser desenvolvido na Escola em beneficio da sericultura, tendo em vista o que tem alli occorrido em relação a outras especialidades, ministradas em cursos rapidos, que têm provado ser o mais aconselhavel processo para a divulgação de conhecimentos uteis no dominio da agricultura pratica. Refere-se a numeros e factos, tirados durante pouco mais de anno de funcionamento da Escola, com os cursos rapidos de enxertia, de Defesa Sanitaria Vegetal, de Museus e Herbarios de productos Vegetaes, novamente de enxertia e de multiplicação vegetal, estes dois ultimos ainda em andamento. Congratula-se com a Inspectoria Regional de Sericultura de Barbacena e com a Sociedade, pelo resultados que dahi advirão para a sericultura.

O Sr. Teixeira Leite propõe que se telegrape ao Sr. Amilcar Savassi communicando a realização da conferencia e felicitando-o pela visão, que teve, ao accorrer aos apellos da Sociedade em tal sentido.

O Sr. Mario Vilhena pede que se consigne na acta dos trabalhos a presença do Sr. Domingos Abees, representante do Estado do Rio, com cuja serviço de sericultura será realizado o fomento da Sericultura do Estado do Rio e, muito especialmente, na sua grande baixada. Esse plano de fomento, segundo lhe foi communicado por aquelle alto funcionario, é integralmente approved pela Directoria de Industria Animal do visinho Estado.

O Sr. Otto Frense communica que esteve no desembarque do Sr. Landulpho Alves, Interventor Federal da Bahia, representando, então, a Sociedade Nacional de Agricultura da qual faz parte o illustre bahiano.

O Sr. Torres Filho agradece e communica que a Sociedade irá telegraphar ao Sr. Landulpho Alves cumprimentando-o.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos.

#### Sessão de 22-9-8

**A Exploração do Quebracho em Matto Grosso — A Importancia da Industria do Couro no Paiz — Exportação do Algodão — O Movimento Cooperativista — Homenagem ao Dr. Miguel Calmon — A Festa da Arvore na Escola de Horticultura "Wenceslau Bello"**

Realizou-se, com grande concurrencia, a semanal da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura.

Abertos os trabalhos, o Sr. Arruda Camara procedeu á leitura do expediente, do qual se destacam: carta do Sr. Luiz Amaral, de S. Paulo, agradecendo os subsidios enviados pela Sociedade para o trabalho que está escrevendo, sob o titulo Historia Geral da Agricultura Brasileira, sob o triplice aspecto politico, social e economico. Nessa sua carta, adeanta o Sr. Luiz Amaral que, "como é de justiça e de rigor historico, a Sociedade Nacional de Agricultura constituirá um capitulo desse meu trabalho".

O Sr. Torres Filho, tecendo elogios á personalidade do Sr. Luiz Amaral, quer como cooperativista dos mais acatados do paiz, quer como escriptor, louva os seus esforços e diz que a Sociedade estará sempre á sua inteira disposição para os outros elementos de que necessita.

Carta do Sr. Roberto da Gama e Silva, communicando a fundação da revista Estadual", pedindo a collaboração da Sociedade e offerecendo-lhe, para os seus trabalhos, as paginas que julgar necessarias.

Officio do Sr. Mario de Oliveira, agradecendo o telegramma que lhe enviou a Sociedade, em virtude da sua nomeação para o Departamento Nacional de Producção Animal.

A seguir o Sr. Torres Filho faz varias considerações a respeito da industria do tanino de Quebracho no paiz. Diz que tal producto é dos mais preciosos para a industria do cortume no paiz, tanto mais que, até agora, não encontrou substituto que se lhe equipare. A materia prima em questão fornece cerca de 25% de tanino, o que por si só diz da grande importancia desse producto. E' o quebracho exportado para todo

o mundo, sendo objecto de exploração na Argentina e no Paraguay. O Brasil, embora possuindo quebracho na região fronteira, em estado nativo em Matto Grosso, é ainda tributário da Argentina para a sua industria de cortumes, tanto assim que, só em 1937, recebemos daquelle paiz, .... 2.962.494. kilos de extracto, no valor de 3.712.000\$000, quando poderíamos bastar-nos á nossa industria de cortumes, e, até entrar no proprio commercio internacional desse producto.

O capital invertido na industria do quebracho na Argentina está calculado em 160 milhões em moeda nacional e dá trabalho a cerca de 25.000 pesôas. A capacidade de produção é de 450.000 toneladas de extracto.

O Paraguay tambem fabrica extractos de quebracho, regulando 200 mil toneladas annuais.

Nós tambem importamos quebracho e o curioso é assignala que existe no Paraguay uma fabrica de quebracho, que de certo tempo a essa parte vinha buscar em determinada zona de Matto Grosso a preciosa essencia florestal, sem outra formalidade que carregal-a, não sendo de extrahir que bôa porcentagem de extracto sêcco, recebido aqui de importação, proviessesse do nosos proprio territorio.

Medidas já tomadas pelo Governo de Matto-Grosso parece que puzeram um paradeiro a essa irregularidade.

O Brasil importou em 1937 2.962.494 kilos de extracto de quebracho da Argentina no valor de 3.712:650\$000 e 2k. de Portugal, no valor de 30\$000.

A importação teve o seguinte destino:

Porto	Kilos	Valor
Bahia . . .	24.603	34:440\$000
Rio de Janeiro . .	742.083	928:286\$000
Santos . .	1.128.138	1.410:138\$000
Antonina .	54.946	78:376\$000
Rio Grande	64.184	81:338\$000
Pelotas . .	98.367	132:496\$000
P. Alegre . .	642.357	830:405\$000
Uruguayana . . .	203.818	217:200\$000
	<hr/>	<hr/>
	2.902.496	3.712:680\$000

O Brasil, por sua vez, exporta madeira de quebracho.

A industria do cortume tem no quebracho a sua principal materia prima, já pela absoluta perfeição das pelles cortidas por elle, já pelo peso que toma o cortido assim

preparado. Esse aspecto é de grande importancia, pois, como se sabe, o couro é negociado a peso.

O teor de tanino desta anacardiácea é elevadissimo. Um kilo da sua madeira dá 25°° de tanino.

E' preciso notar que de todas as plantas de cortim se aproveitam as cascas, mas do quebracho se utiliza a madeira integralmente; toda ella dá materia prima.

Diante de um producto de tamanho e abundancia em Matto Grosso, foi que o industrial Cesar Bordallo, grande estudioso do assumpto e espirito emprehendedor, resolveu fundar em Porto Murtinho, uma fabrica de extracto secco de quebracho. vencendo grandes difficuldades, conseguiu ao emprehendimento grandioso.

fim de 3 annos de trabalho, organizar um

A sua fabrica está em pleno funcionamento desde 30 de Junho ultimo e já enviou a primeira remessa para S. Paulo.

Embora a capacidade de produção suba a mais de 1.000 toneladas por mez, iniciou seu trabalho com 300 toneladas, e, gradativamente, ir; augmentando.

O aparelhamento que possui é perfeito, a materia prima abundante e para a perfeição absoluta do producto, ainda está em primeira plana a qualidade e a abundancia da'gua, na qual não existe nem traços de ferro.

Sómente a questão de transporte, deixa um tanto a desejar, mas, de qualquer forma, com esse emprehendimento se deu um feita da industria de cortume.

passo gigantesco na nacionalização per-

Essa é, por certo, a tendencia de outros povos que estão procurando até conservar desenvolver as suas plantas taniferas, para se livrarem da dependencia em que ainda se acham.

Outro producto mundialmente utilizado do cortume é a casca da acacia negra "Black-wattle" dos norte-americanos (*Accacia decurrens var. mollissima*).

#### EXPORTAÇÃO DE ACCACIA NEGRA EM 1937

Paiz de Destino	Casca (em libras)	Extracto
Inglaterra . . .	3.320,425	3.606.171
Indias . . . . .	5.180,521	140.755
Australia . . . .	108,538	237.038
Polonia . . . . .	188,123	—
Belgica . . . . .	319,560	428.766
França . . . . .	30,830	—
Poss. Francezas	30,344	—
Allemanha . . .	111,620	86.576
Hollanda . . . .	110,056	406.394

Sudão . . . . .	440,280	963.203
Japão . . . . .	2.454,499	1.006.049
E. Unidos . . . . .	592,660	243.417
Tcheco-Slováquia . . . . .	285,560	374.686
Diversos . . . . .	5.857,763	2.455.006
	<u>19.042,779</u>	<u>9.948.061</u>

Dessa planta exportada do sul da Africa utiliza-se a casca que contem de 35 a 40% de tanino. Das cascas seccas a 110.º pode-se obter 48,60% de tanino seg. Pio Corrêa.

E' entre os vegetaes taniferos o que mais se presta á cultura, dado o seu rapido desenvolvimento e possivelmente, para o futuro, será o grande productor de tanino para cortim, quando as reservas naturais de quebracho se hajam exgotado.

Na cultura do quebracho, ninguem pode pensar, pois a arvore exige muitas dezenas de anno para se desenvolver.

Da accacia negra já existe uma cultura incipiente no Rio Grande do Sul, em São Loepoldo. Em São Paulo ella foi grandemente distribuida pelo Estado.

Ainda muito digna de attenção como planta productora de tanino, para os fins referidos éo barbatimão verdadeiro (*Styphnodendron barbatiman*) leguminosa muito abundante no paiz, desde Pará a São Paulo e grandemente utilizada em Minas como materia prima para cortlr.

A barbatimão dá 14 a 16% de tanino, dizem os technicos que que com elle tratam, mas vemos na litteratura um theor bem mais elevado (22% e até 28%).

E' bem possivel que a differença tenha sua razão de ser em causas ainda não bem conhecidas. Pio Corrêa, por exemplo, diz que as plantas oriundas de lugares mais elevadas accusam maior riqueza tanica.

Seja como for, o facto é que em Minas abastece os cortumes alli bem numerosos.

Tem uma vantagem que não deixa de ser importante, segundo informações fidedignas; pode-se retirar a casa da planta, com cuidado, sem prejudicar a arvore, que mais tarde, de novo, fornece casca.

Outra planta muito utilizada ainda é o angico do campo. (*Piptadenia macrocarpa*) que dá 11 a 13% de tanino.

Accusam-no do defeito de escurecer muito os couros e, convem notar, que o ideal na industria são os productos claros.

Ainda citaremos o mangue (*Rhizophora* sp.) muito abundante no littoral de norte a sul. As cascas dão 8% de tanino, as folhas 4% e os fructos 16%.

Os cortumes obtidos com o mangue ressentem-se especialmente da falta de peso, o que é desvantajoso para um producto que vale o que pesa.

Temos o mangrove, uma especie de mangue, que dá em geral 18 a 20%; a quem affirme se obter até 24%.

O mangrove tem tambem o defeito de escurecer as pelles, na opinião de especialistas.

Posto que sejam citadas muitas outras plantas para cortume, as mais usuais são as já citadas. Poderiamos ainda secundaria mente alludir a dezenas de outras como a burahen, jequitibá, monjolo, araçás diversos, etc., usadas aqui e alli em pequenas explorações de cortume, mas sem significação commercial de importancia.

O Sr. Teixeira Leite congratula-se com a Sociedade pela noticia, altamente auspiciosa, que lhe dá o seu Presidente, louvando a patriótica iniciativa daquelles industriaes. A sua satisfação em ver iniciada essa industria no paiz e tanto maior quanto é certo que, quando deputado federal, teve occasião de tratar do assumpto na Camara. Então, conhecia a orientação que vinha sendo seguida na Argentina, qual a de procurar abastecer-se da madeira nas zonas productoras do Brasil resguardando o mais possivel as suas reservas de quebracho, impediriamos a installação de fabricas de tanino no territorio, que exigem grandes capitales que, assim, ficariam na iminencia de não poderem funcionar por falta de materia prima.

Nesse sentido, pleiteiou uma prohibição para a exportação da materia prima, visando o abastecimento das fabricas nacionaes que se fundassem. E' de tal maneira importante essa questão continua o Sr. Teixeira Leite — que bastaria citar o seguinte facto: o nosso quebracho é exportado para a Argentina e, dahi transformado em essencia, para a Allemanha, para onde, tambem, vão os nossos couros e pelles. Pois bem, desse paiz, recebemos, depois, o couro industrializado. Quer dizer que as materias primas são todas provenientes do Brasil, quando a industrialização poderia ser feita aqui mesmo. Alem do mais, a industria do couro interessa á defesa nacional e, como se vê, está em nossas mãos retel-a para nós. Merece, a seu ver, a maior attenção dos poderes publicos a iniciativa que vem de tomar a Companhia Bordinello.

O Sr. Arruda Camara diz que é tal a importancia das materias primas de que necessita a industria dos cortumes que seria o caso de suggerir a Sociedade ao Sr.

Ministro da Agricultura que os hortos florestaes ensaiassem a cultura das plantas taníferas em zonas afastadas das fronteiras sobretudo da Accacia Negra, de procedencia africana e muito rica em tanino.

Essa suggestão do Sr. Arruda Camara foi approvada e o Sr. Torres Filho refere-se a situação do nosos algodão, cuja exportação se está effectuando normalmente. Assim é que toda a safra do Estado de São Paulo já está toda vendida, o que, infelizmente, não se dá com o algodão do Norte, porque já se acham esgotadas as quotas para a Allemanha, cuja majoração, no momento, se pleitea. Pensa, que o problema, no momento, é estudar-se a possibilidade de outros mercados. Não devemos ficar adstrictos a dois compradores somente, como na situação actual, em que apenas o Japão e a Allemanha consomem a nossa fibra. A propria compra da produção de São Paulo foi resolvida á ultima hora, certamente pelo interesse dos compradores japonezes em resolver a situação dos productores do seu paiz, naquelle Estado.

O Sr. Teixeira Leite lembra que se telegrape ao Conselho Federal do Commercio Exterior relativamente á safra do Norte, porque, diante dessas informações, e outras, que tem recebido de diversas fontes o problema se apresenta grave e é preciso que o governo comece a tratar do caso immediatamente. Um outro telegramma, no mesmo sentido, deveria ser dirigido ao Sr. Presidente da Republica.

O Sr. Arruda Camara informa que a nova legislação cooperativista continua a despertar o maior interesse em todos os pontos do paiz e, segundo noticia recente, serão realizados dois congressos cooperativistas no Rio Grande do Sul, de accordo com a legislação federal vigente. Naquelle Estado, acaba de ser creado um departamento de assistencia e propaganda ao cooperativismo. Tratando-se do maior centro cooperativista do paiz, pois que, no momento conta com 284 cooperativas diversas, é a noticia altamente auspiciosa. Esse trabalho vem sendo orientado pelo Dr. Dario Brossard, nome muito conhecido da Sociedade e que, por si só, garante o exito do trabalho alludido.

Communica, ainda, o Sr. Arruda Camara que, a 18 deste mez, data anniversaria do Dr. Miguel Calmon, saudoso presidente Perpetuo da Sociedade, fez realizar na Escola de Horticultura "Wenceslau eBillo" uma cerimonia, na qual resaltou os doltes civicos e patrioticos do grande brasileiro. A sessão, que teve a concurrencia de

cerca de uma centena de alumnas dos varios cursos em funcçãoamento, despertou o mais vivo interesse.

Informa, ainda, que, naquelle estabelecimento, foi commemorada, condignamente, a data da Arvore, sendo plantada uma essencia no parque da Escola. Por occasião da cerimonia, a que estiveram presentes a direcção, e os corpos docente e discente da Escola, o prof. Arnaldo Vieira produziu a seguinte oração, que pede seja transcripta na acta dos trabalhos.

"Meus Amigos:

"Ha um vinculo que liga o homem á terra, e d'elle depende a existencia humana. Este vinculo é o vegetal, que transformando as energias adormecidas no solo, em forças vitaes, animam a vida sobre a terra.

O acto que solemnemente realizamos, embora num ambiente singelo e agreste, não é senão um preito de homenagem a Deus, reconhecendo, como real e indissolvel este laço temporal que o Creador estabeleceu para ligar a nossa humanidade ao orbe que habitamos.

O plantio desta arvore simbolisa o nosso reconhecimento ás maravilhas que a natureza nos proporciona.

O nosso acto é como um protesto á acção inconsciente dos primeiros colonizadores e dos que ainda, por ignorancia ou ambição descabida, transformaram e ainda transformam o verdor das nossas mattas em desertos immensos, onde não se mais ouve o gorgoio dos passarinhos nem o canto da folhagem embalada pelo vento. E' um protesto ao roubo feito á nação por quem não sabe explorar com acerto as madeiras de lei que cobrem vastas areas do nosos territorio.

O mundo precisa de madeira para construcções. E' nosso dever velar pelo patrimonio a nós legado, afim de, por meio de uma administração sabia e prudente, negociarmos, com justiça, uma riqueza das mais desejadas e uteis á especie humana. E' um patrimonio nacional confiado, no seculo que corre, á geração que pertencemos. E uma das muitas formas de se preservar e conservar tão grande riqueza, é replantar as nossas mattas, semeando nas almas moças das novas gerações o amor pelas cousas da natureza e o desejo de reflorestar as vastas regiões outrora verdejantes, cobertas por vetusta e frondosa ramaria.

Estudantes de horticultura:

Inauguramos hoje uma cerimonia que será uma tradição nesta Escola. Presentemente somos poucos. No futuro, veremos

dezenas de jovens entusiastas, como vós, pelo bem do Brasil, commemorando-se, com maior grandiosidade o acto que óra vos liga mais fortemente a esta Casa, que é como ebm disse, o nosso director, a casa da Horticultura, do pequeno lavrador brasileiro.

Quem planta uma arvore dá um presente ao Brasil.

O Sr. Torres Filho faz um ligeiro discurso a respeito da personalidade do Dr. Miguel Calmon, louva a iniciativa da direcção da Escola, no que se refere á commemoração do Dia da Arvore e encerra, em seguida, a sessão.

Sessão de 5-10-38

*Anniversario do Jornal do Commercio — Visita do Embaixador do Chile e do Interventor Landulpho Alves — Cevada para Malta-gem — A Exploração das Fibras Nacionaes — Os Seguros Agricolas e a Assistencia ao Trabalhador Rural — A Racionalização da Cultura do Algodão — A Macambira na Parahyba*

Com grande concurrencia, realizou-se a habitual reunião da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura, sob a presidencia do Sr. Arthur Torres Filho.

Achava-se presente na ocasião, o Sr. Embaixador do Chile, que, em visita á Sociedade, aproveitou o momento para, em nome do seu Governo, convidal-a para a Exposição Pecuaría a se realizar brevemente na Capital do seu Paiz.

O Sr. Torres Filho, depois de acompanhar á sahida o illustre diplomata, pediu a atenção da casa para um acontecimento da nossa imprensa, ao qual a Sociedade Nacional de Agricultura não poderia ficar extranha: referia-se á passagem de mais um anniversario do Jornal do Commercio, o decano da nossa imprensa diaria, o qual tem sido o paladino, no nosso paiz, dos interesses das classes conservadoras, e a quem, por isso mesmo, a classe rural muito deve. E' que esta, atravez do noticiario da Sociedade Nacional de Agricultura, sempre encontrou as columnas do grande diario abertas á diffusão do material de propaganda agricola e economica e aos appellos e reclamos da agricultura nacional vehiculandos pela Sociedade. São, mesmo, tradicionaes as relações mantidas pela Sociedade com o Jornal do Commercio na sua longa trajectoria, tendo todos os seus presidentes se servido do velho organ em beneficio dos interesses da classe. Todas as administrações do Jornal do Com-

mercio, por outro lado, com patriotico desinteresse, sempre assim comprehenderam a actuação da Sociedade, sendo comtudo de ressaltar os serviços que, durante a realização dos congressos economicos promovidos pela instituição, presta ao paiz com o noticiario farto das suas resoluções e desenvolvimento dos trabalhos. Razão por que o Jornal do Commercio sempre gosou da nossa irrestricta solidariedade e gratidão.

Elle é, sem contestação possivel, o representante das nossas classes conservadoras, bastando, para isso, que se percorram as suas columnas, dos quaes normalmente são banidos outro noticiarios, para dar logar a publicações de utilidade, de onde, naturalmente, derivam o conhecimento e a cultura tão necessarios á nosas gente. Com esta justificação, o Sr. Torres Filho pede a inserção em acta de um voto de congratulações com o Jornal do Commercio, lendo, a seguir, um telegramma que, em caso de approvação, será passado á administração do veterano da imprensa carioca.

O voto é approvado por unanimidade e, neste momento, dá entrada no salão o Sr. Landulpho Alves, Interventor Federal no Estado da Bahia, membro da Directoria Technica da Sociedade, á qual vinha em visita.

O Sr. Torres Filho deixa a cadeira da presidencia e, acompanhado dos directores presentes, conduz até á mesa o Sr. Landulpho Alves, que ahí tomar lugar. O Presidente, a seguir, diz da honra que tal visita representava para a Casa e continua: Desde que assumiu a interventoria na Bahia, que vimos acompanhando, pari-passu, a actuação do Sr. Landulpho Alves naquele Estado, desenvolveu dentro de um programma traçado com visão segura das necessidades economicas do Estado. Essa actuação, aiás, nada mais é do que o fructo da sua onga experiencia adquirida no trato com as nossas questões economicas e na onga vida administrativa que deixou para traz, justamente nesse campo em que raramente são os homens publicos aproveitados e cuja dedicacão e ideias, por isso mesmo, só raramente conseguem concretizar-se. A investidura do Sr. Landulpho Alves na governança bahiana veiu justamente proporcionar essa grande oportunidade, que, afinal, é uma aspiração da classe agronomica e do proprio paiz. E", portanto, com a mais viva satisfacão e, mesmo, com indifarcavel jubilo, que acolhemos na Sociedade o Sr. Landulpho Alves, que, de longa data, faz parte dos seus quadros de direcção, entre cujos componentes sempre se destacou pela firmeza dos seus conhecimentos e elevado patriotismo. No alto posto em que se encontra, constitue para a Sociedade uma esperança, e, mais do que isso, uma já patente realidade, no trabalho pelo engrandecimento do Brasil, numa phase, como esta de renascimento, facilitada pela ausencia

de embarços de ordem administrativa. S. Ex., certamente, fará com que a Bahia, tão cheia de recursos, se integre na communhão brasileira como um das suas mais poderosas unidades, permitindo, assim, ao Brasil, atravessar a actual phase de depressão economica, e occupar o logar que lhe está destinado no mundo.

Apresento — termina o Sr. Torres Filho, ao Sr. Landulpho Alves, em nome da Sociedade Nacional de Agricultura, as nossas saudações ao illustre consocio, declarando-lhe que aqui estamos, como sempre, promptos a collaborar com elle e a lhe darmos aquella solidariedade que elle sempre teve dos seus antigos companheiros, com os votos ardentes pela sua felicidade pessoal e exito administrativo no governo da Bahia, como depositario da confiança pessoal do Sr. Getulio Vargas, que, tambem, tanto, tem prestigiado a classe, atravez a nossa instituição .

A assistencia corôa com uma salva de palmas o discurso do Sr. Torres Filho que, a seguir, chama a attenção da casa para assumpto que reputa de grande importancia, accorde, justamente, com a orientação do Ministerio da Agricultura, e pois, do Governo Federal, qual o do desenvolvimento da producção de cereaes.

Sabemos — continua — que o Brasil fazia uma grande importação de cevada para maltagem. Essa importação, que orça em 40.000 contos, mais ou menos, apresenta, como é natural, uma tendencia para augmentar, a medida que augmenta o consumo da cerveja. Vemos, com satisfação, que uma firma do Rio Grande do Sul, proprietaria da Cervejaria Continental, trabalhando com materia prima estrangeira, resolveu fazer uma propaganda no Rio Grande, na chamada zona colonial, para obter a cevada de que necessita no proprio paiz. Cita esse facto porque ha uma certa correlação entre essa e a cultura do trigo, que nos empenhamos em desenvolver até o maximo. Essa com companhia, que desde 1934 vem se dedicando ao assumpto, garantindo aos productores um preço minimo pelo producto obtido e distribuindo as sementes necessarias á cultura, distribuiu este anno cerca de . . . . . 700.000 kilos de sementes, o que é de admirar e louvar, tratando-se, como no caso, de iniciativa privada. O ponto a observar, diz o Sr. Torres Filho, é este: o esforço de uma organização particular tem obtido taes resultados. A seu ver, o Ministerio da Agricultura não poderia ficar indifferente a essa iniciativa, e lhe deveria levar, pelo menos, a collaboração no terreno experimental. Sabe que o Sr. Ministro da Agricultura pretende montar, no Rio Grande do Sul, uma grande estação experimental para o trigo, com todo o aparelha-

mento moderno, e seria o caso de estender-se os beneficios de tal estação ao centeio e á cevada, de tão grande consumo no paiz.

A suggestão é aceita e o Sr. Kurt Repsold assignala que o precursor da iniciativa do plantio da cevada no paiz não é a companhia citada pelo Sr. Presidente, mas a Companhia Antarctica Paulista, exemplo esse seguido, mais tarde, pela Companhia Adriatica, tambem daquelle Estado, que dispõe, no Paraná, de um tecnico encarregado de fazer a selecção das sementes.

O Sr. Teixeira Leite diz que, ha cerca de 4 annos passados teve oportunidade de assistir a duas conferencias na Sociedade a respeito das fibras nacionaes, com exhibição de farto mostruario, dentre o qual se destacavam aquellas que, no seu conjuncto, se chama acima, no Pará. Uma dellas, foi sobre a Papoula do São Francisco. Recorda-se, bem, das impressões que lhe ficaram das considerações então feitas a respeito do abundante material exposto, inclusive quanto á papoula, de que havia alguns exemplares vivos. Guardava mesmo, uma viva recordação dessas palestras e foi por isso que teve uma grande satisfação em attender a um convite que recebera para acompanhar o Sr. Ministro da Agricultura e outras autoridades, entre as quaes se encontrava e outras autoridades, entre as quaes se encontrava o Sr. Interventor na Bahia para vistair a Fabrica S. Luiz Durão, a respeito da qual os jornaes, recentemente, fizeram varios noticiarios, dispensando-se, por isso, de repetir uma serie de dados e informações muito interessantes. Traz alguns exemplares da fibra produzida em São Paulo, obtida da papoula do São Francisco, que exhibe, juntamente com a juta indiana, para comparação. Quer, aproveitando o ensejo, salientar o interesse que de longo tempo a Sociedade tem tomado sobre o assumpto, e, tambem, um facto que reputa de grande interesse: o valor da iniciativa particular que, no caso, não se limitou apenas á parte industrial, utilizando a fibra nacional em substituição ao producto estrangeiro, mas foi até a selecção de sementes, por intermedio de um serviço especial que estuda todos os problemas culturaes relativos ás fibras, orientando a plantação ,etc. — Essa fabrica, que funciona sob a gerencia do Sr. Alvaro de Souza Carvalho, que pessoalmente se interessa, de modo particular, pelos trabalhos a respeito das fibras nacionaes, coadjuvados, na direcção dos trabalhos, pelo Sr. Aurelio Pereira Cardoso, constitue um exemplo vivo do quanto póde a iniciativa privada quando animada do desejo de bem servir ao paiz. Pede, por isso, que fique consignado em acta esse esforço digno dos maiores louvores, porque vem de encontro a um problema que sempre constituiu, na Sociedade, materia obri-

gatoria nas suas cogitações e, também, pelo exito que lhe parece constituir o que pode observar na fabrica S. Luiz Durão.

O Sr. Torres Filho accede e diz que a Sociedade vê, com satisfação, a industria brasileira secundar a acção do Governo. Esse facto, referido pelo Sr. Teixeira Leite, occorre tambem co ma fabrica de Taubaté, que tem empregado grandes esforços e capitaes no estudo e plantio do Hibiscus. Uma difficuldade, entretanto, tem sido até hoje encontrada: é o que se refere á maceração, dependendo assim o problema do aspecto economico, fazendo-se melhoria do processo de maceração em certas precisos, tambem, pesquisas scientificas para a regiões do paiz.

Possivelmente, a Amazonia está indicada como a região mais adequada, por condições especiaes de clima e hydrographia, á exploração economica das fibras nacionaes e exoticas, principalmente da juta da India.

Trocam-se a respeito do problema da maceração, varios apartes, tendo o Sr. Virgínio Campello offerecido algumas explicações de ordem technica e o Sr. Torres Filho declarando que o assumpto está sendo objecto de cogitações do Conselho Federal do Commercio Exterior. Com effeito, esse orgam está elaborando um projecto que vae ser submettido ao Sr. Presidente da Republica.

O Sr. Arruda Camara justifica um appello para que se continuem os estudos da fibra de macambira que, como se sabe, é abundante em certas regiões do nordeste, principalmente na Parahyba. Os estudos que conhece a respeito datam do seculo passado e, mais recentemente, um professor da Escola Nacional de Agronomia cogitou do assumpto, mas ao que parece, a zona preferida não foi a mais aconselhavel, por isso que, nos estudos em questão, verifica-se a occurencia da macambira de permeio com o caroá.

Seria o caso, termina o Sr. Arruda Camara, de interessar-se o Ministerio da Agricultura pelo aproveitamento de mais essa riqueza.

O Sr. Torres Filho promete encaminhar o appello e, em seguida, dá a palavra ao Sr. Interventor Federal na Bahia, que começa dizendo da satisfação de que se eacha possuido, embora por momentos, de se encontrar entre os seus companheiros da Sociedade Nacional de Agricultura, e em cujo meio sempre encontrou os maiores defensores da solução dos nossos problemas economicos.

Não me encontro — diz o Sr. Landulpho Alves — nesta Casa para, apenas, cumprir um dever de cortezia, numa visita protoco, mas, para sentir a satisfação de me ver entre os companheiro de outr'ora, que, estou certo, são os de hoje e serão os de amanhã, na Bahia, em materia de fomento agricola, ou, com mais

acerto, do fomento economico em geral, é exactamente a applicação daquillo que vinhamos aconselhando, a annos, no que se refere ao estudo das necessidades do meio rural brasileiro do ponto de vista agricola, do industrial e do agronomico. O problema das fibras, por exemplo, se acha collocado, no actual governo da Bahia entre os de mais importancia a serem resolvidos, embora a Baria offereça uma serie de productos que intelligentemente aproveitados, dentro da oportunidade economica, poderão dar, de facto, uma grande fonte de renda. Representam esses problemas, entretanto, mais do que isto: uma solução para o nosso problema da balança commercial. Quero me referir, diz o Sr. Landulpho Alves, ao impedimento que devemos, sempre, offerecer á sahida do nosso ouro. E' por isso que, na questão das fibras, não vejo somente uma questão de custo de produção. Sou de opinião que, mesmo que seja cara a produção, devemos fazel-a porque, se não a fizermos, teremos de pagal-a com ouro, o que é muito mais importante. E' por isso que me interesse vivamente pelo aproveitamento da fibra da Papoula de S. Francisco. E' assumpto da magna importancia e já tive occasião de affirmar que o Governo da Baria deseja desponder á visita que o seu interventor teve occasião de fazer á Fabrica de São Luiz Durão com uma plantação de pelo menos 30 hectares desta planta, no valle do Pojuca, perto da Capital. E' assumpto que tenho resolvido. Ficarei dependendo, para inicial-as, apenas das sementes necessarias. Quanto á questão do aproveitamento dessa fibra — continua o Sr Landulpho Alves — tenho informações de que o Instituto de Technologia de São Paulo já o tem estudado devidamente, esperando-se para muito breve, os resultados já obtidos, solucionando-a cabalmente. Seria, entretanto, materia a aconselhar ao Governo o destacamento de profissionaes que se consagrassem exclusivamente a elles. A Bahia, ao lado da operação cultura, terá pelo menos um profissionnal, que tenha demonstrado vocação pelo assumpto, para acompanhar as demais phases da exploração. Tenho, pois, declara o Sr. Landulpho Alves, uma grande satisfação em me encontrar aqui presente, constatando a continuação dos esforços da Sociedade e vendo em cada umdos companheiros, em que se destacam a figura já marcante de Arthur Torres Filho e de meu distincto collega e amigo Teixeira Leite, uma garantia de que esses esforços continuarão. Se outro contacto ainda não tive co ma Sociedade durante este periodo terá o Estado de intervír systematicamente nos rumos dessa economia, por intermedio das classes devidamente organizadas. Marchando para organização do corporativismo, que é a orientação dominante hoje em dia em grande numero d epaizes e que é aquella orientação

imposta por assim dizer num imperativo da intelligencia mundial, teremos de encaminhar a nossa economia para esses novos postulados, que a estabelecem ou planificada inteiramente, ou totalitaria, ou dirigida, ou coordenada, ou meramente orientada. Parece-me a mim — diz o Sr. Presidente — que o Brasil se encaminha para uma economia orientada, pela associação dos interesses individuaes sob a égide do Estado. De minha parte — continua — devo dizer que sempre tive a intuição de que assim deveria ser, tanto mais nuum paiz como o Brasil, em que as condições são extremamente variaveis. De facto, dependendo de factores geographicos e geologicos os mais diversos, além de outros conhecidos, não seria possível organizar-se a nossa economia sem attender ás peculiaridades das diversas regiões e os interesses propriamente regionaes de cada um dentro de uma orientação geral, nacional, afim de se poder defender a economia não só dentro dopaiz como tambem no seu intercambio com o estrangeiro.

Explica o Sr. Presidente que foi convidada pelo Sr. Ministro do Trabalho para participar da Commissão que, sob a presidencia d'ava, naquelle Ministerio, a modificação da do illustre sociologo Sr. Oliveira Vianna estudei, que, já agora, pode ser considerada ultimada. De começo, diz, senti-me um pouco extranho ao ambiente. Entretanto, a orientação imprimida aos trabalhos da Commissão por aquelle illustre brasileiro, tão familiarizado que, dentro em pouco, me sentisse tentado a com os problemas saciaes do Brasil fez com lhos da Commissão e a offerecer-lhe a collacompanhar, com o maior interesse, os trabalhos, na parte relativa á organização da agricultura.

Historia detidamente essa phase, pormenorizando a orientação dominante em cada caso particular e diz que, graças á comprehensão de todos os componentes da Commissão, foi possível chegar-se a uma solução que, a seu ver, attende ás aspirações da classe rural brasileira.

De facto, a organização inicialmente comprehendia todos os ramos de actividade — a commercial, a industrial e a agricola, assemblhando-as. Foi, entretanto, considerada necessaria uma legislação á parte para as actividades ruraes, de accordo com a justificação que, então, teve occasião de apresentar á Commissão. A agricultura terá uma lei de organização professional independente da industria e do commercio.

E' que ha certas peculiaridades que precisam ser devidamente aquilatadas, afim de que a classe rural — a maior do paiz — não soffra uma incomprehensão, ao ser compellida a uma legislação para a qual não está ainda preparada devidamente.

No commercio e na industria, a organização professional pode ser facilitada, entre outras cousas, pela aglomeração em zonas determinadas; por um maior grau de cultura; por espirito associativo mais trabalhado, pela sua occorrença nos centros de maior progresso material e de maior cultura; pela perfeita distincção entre o capital e o trabalho.

Na agricultura, ou melhor, nas actividades ruraes, a dispersão difficulta sobremodo a associação, seja nos institutos de caracter economico, como as cooperativas — sendo preciso um grande trabalho preparatorio, como já tem demonstrado a experiencia — seja naquelles meramente de assistencia ou de beneficencia.

Por isso, o syndicalismo na agricultura, comquanto estabelecido no Brasil desde 1903, não logrou desenvolver-se. As associações agricolas são os organs que, até aqui, tem mantido a classe em contacto com os governos e lhe tem servido de advogada nas suas queixas e reclamos, além de proporcionar-lhe assistencia directa, com beneficios materiaes aos seus associados.

O abandono a que têm sido relegadas as nossas populações campestinas deixaram-n'a como depositaria do maior coefficiente de analfabetismo, fechando-as, assim, a qualquer ideia de renovação e de melhoria. Será necessario um longo e paciente trabalho de preparação e só este poderá incutir no homem do campo, na sua generalidade, as idéas que de ha muito possuem a industria e o commercio. O syndicato professional é associação, na forma em que a concebemos actualmente, um tanto inacessível á agricultura.

Uma outra facilidade, com que contam as actividades da transformação e da distribuição, é a perfeita distincção que existe entre o capital e o trabalho. Na agricultura, em virtude de defeitos cuja origem se perde nos albos da nossa historia, prevalece um regime de terras de todo improprio a essa distincção. do Governo da Bahia, foi por excesso de affazeres, que me não permittiu a satisfação deste prazer. Entretanto, posso asseverar que jamais me esqueceria de periodo de actividade na sociedade. E' por isso que faço votos — termina o Sr. Landulpho Alves — para que a Sociedade encontre, sempre, nos meios governamentais e nos meios ruraes, economicos e industriaes, a merecida repercussão para os seus louvaveis esforços.

O Sr. Torres Filho, agradecendo a referencia ao seu nome, responde ao discurso do Sr. Landulpho Alves repetindo o que, sessões atraz, tivera occasião de dizer a uma turma de alumnas da Escola de Agronomia da Bahía, de passagem para Viçosa: a Sociedade é uma casa de bahianos e, além disso, o Sr. Interventor da Bahia apresenta mais uma credencial: é um antigo companheiro de traba-

lho, pertencendo á uma phalange antiga de combatentes, a quem formulamos os melhores augúrios pelo exito da sua administração, de que a Sociedade, com orgulho, participará.

Em seguida, usa da palavra o Sr. Adolpho Gredilha, que discorre longamente sobre "os Seguros agricolas e a assistencia social aos trabalhadores ruraes". Esse trabalho será divulgado á parte.

O Sr. osé Maria Fernandes faz uma interessante comunicação sobre a racionalização da cultura do algodão, que, tambem, será divulgado, dado o seu grande interesse.

Encerram-se os trabalhos.

### Sessão de 17-XI-38

#### *A Organização Corporativa da Produção Nacional — Sindicatos e Associações Ruraes — Conselho de Economia Nacional — Encerramento dos Cursos na Escola de Horticultura Wenceslau Bello*

Reuniu-se, como de costume, a Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura, que teve os trabalhos presididos pelo Sr. Arthur Torres Filho.

O Sr. Arruda Camara, Secretario, procedeu á leitura do expediente, de cujos papeis destacamos os seguintes: carta do Ranario Aurora, offerecendo um exemplar do trabalho "A Cultura da Rã Gigante Touro Catesbiana"; o Sr. Presidente agradece a gentileza e diz que o trabalho está muito bem feito, versando sobre um ramo de actividade que só agora começa a ser cuidado entre nós, comquanto constitua objecto de grande preocupação por parte de varios criadores. O trabalho é recebido na Sociedade com a maior satisfação e esta o fará conhecido entre os seus socios, opportunamente officio do Director da Escola de Agricultura e Veterinaria, de Viçosa, dizendo haver recebido o antigo alumno da Escola de Horticultura Wenceslau Bello, Humberto Montreal de Cerqueira, e que o mesmo se matriculou naquelle estabelecimento; officio da Sociedade Mineira de Agricultura, convidando o Sr. Presidente para realizar, na sua séde, uma ou mais palestras a respeito de assumptos agricolas; o Sr. Presidente informa que, com prazer, quando se tornar opportuno, attenderá á solicitação da Sociedade Mineira carta do Sr. Wenceslau Alves dos Santos, productor de raspa de mandioca em Tubarão, Santa Catharina, pedindo orientação a respeito dessa produção; o Sr. Presidente determina que se mande a consulta á Comissão de Fiscalização de Farinhas do Ministerio do Trabalho.

Passando-se á orde mdo dia, o Sr. Torres Filho communica á casa um assumpto que

reputa da maior importancia, por estar relacionado directamente com a organização da nossa economia agricola, além de constituir assumpto a respeito do qual tem a Sociada desenvolvido acção desde longos annos; quero referir-me, diz o Sr. Presidente, á nova lei de syndicalização que está sendo elaborada ha alguns mezes, no Ministerio do Trabalho, de modo a adaptar a syndicalização aos dispositivos da carta Constitucional de 10 de Novembro, na parte em que se traça as normas para a organização da economia nacional em bases cooperativas, na forma dos artigos 61 e 140.

Cita, a seguir, varios dispositivos constitucionaes, pelos quaes se evidenciam os novos rumos traçados para a organização, em bases inteiramente novas, da economia brasileira, a qual se apoia, principalmente, na collaboração directa das classes. Essa organização, pois, deverá naturalmente ter uma base profissional. Ora, na lei em questão, trata-se, justamente, de dar os rumos á organização imprescindível á ormação das corporações.

Compulsa novamente a Constituição, na parte reerente ao Conselho da Economia Nacional e diz que as finalidades desse orgam dizem bem do papel que esse Conselho terá, porque representa a cupula do regime estabelecido pela Constituição de 10 de Novembro. Está pereitamente evidenciado, e a organização procura justamente corrigir esse defeito, que não pode mais haver uma economia liberal democratica, baseada no até aqui classico *laissez faire, laissez ailler*, mas ao contrario, E' que o latifundio, originado no feudalismo dos primeiros tempos, tem impedido a implantação da pequena propriedade, crean uma classe — e ahi encontramos quasi toda a nossa agricultura — que é autonoma na sua actividade, agindo como patrão, mas é de facto reduzida á condição de assalariado ou de empregado pela instituição do arrendamento, da aprceria, da tarefa, da meiação, e outras formas vigentes em todo o paiz. Na syndicalização profissional, a distincção entre o capital e o trabalho é uma condição essencial e, como pôde ser provado documentadamente, na agricultura essa distincção é quasi impossivel, se considerarmos que, nessa actividade, o capital é quasi sempre apresentado na sua maior parte pela terra, para ver que o allegado não se phantasia, basta que percorramos as propriedades ruraes do Districto Federal, e ahi encontraremos o lavrador, isto é, o homem que trabalha a terra, jungido áquella humilhante condição.

Qualquer legislação visando a organização profissional da agricultura haveria, portanto, de ter em conta essas condições peculiares, e tambem, remediar esse grande mal que é a questão das terras, visando o estabelecimento da pequena propriedade. No Brasil,

temos exemplos do quão salutar é essa medida, com a colonização operada entre outros, no Rio Grande, no Paraná, em São Paulo, Espírito Santo e outros.

Isto não quererá dizer, todavia, que se deixasse a classe rural fóra das cogitações de uma lei de organização profissional. Apenas, haveria necessidade de se eleva-la ao nível em que se encontram as demais, proporcionando-lhes meios para chegar lá, sem saltos, naturalmente.

Em tal sentido, seria de grande alcance o aproveitamento das actuaes associações agrícolas — mediante o cumprimento de certas formalidades — como início desse trabalho preparatorio. Reconhecel-as como órgãos da classe, proporcionando-lhes meios de acção, accomodando-as, enfim, ao meio em que se destinam a operar.

Com taes razões, ficou a classe agricola fora do syndicalismo profissional para as demais actividades, e já estou cogitando de oferecer um projecto de lei neste sentido. Esse projecto será enviada a todas as associações agrícolas do paiz afim de que, sobre o mesmo, se manifestem, antes de ser mandado á Commissão.

A seguir, o Sr. Arruda Camara communi-ca que se realizaram, na Escola de Horticultura Wenceslau Bello, os exames do segundo curso de enxertia e do primeiro curso de multiplicação vegetal, nos quaes, como é do conhecimento da Directoria, se matricularam, respectivamente, 54 e 56 alumnos.

O ultimo desses cursos, pela duração e extensão que lhe foram impressas, perdeu o character de curso rapido, pois que a cada turma foram ministradas mais de trinta lições teorico-praticas.

Communica ainda o Sr. Arruda Camara que estão sendo realizados os exames dos cursos regulares da Escola, os quaes deverão estar concluidos no proximo dia 26.

Assignala o Director da Escola que, dos alumnos regularmente matriculados, apenas um deixou de alcançar media em tres das oito materias ensinadas no primeiro anno para a entrada em exame de primeira epoca. Uma vez concluidos os exames em apreço, continua o Sr. Arruda Camara, desejo fazer, com a presença dos Directores e funcionarios do Sociedade, o encerramento do anno lectivo, tendo a cerimonia logar na propria Escola, no proximo dia 27 ás 9 horas da manhã, fazendo-se a entrega dos certificados dos cursos de enxertia e de multiplicação vegetal.

Lembra o Sr. Arruda Camara que sejam convidados o Ministro da Agricultura, as associações ruraes do D. Federal, os Directores do Ensino Agricola do Ministerio da Agricultura e do Departamento de Educação do D. Federal para assistirem á solemnidade e visitaram a Escola.

Nessa occasião, fará o Sr. Arruda Camara minucioso relato do que tem sido a vida de estudos e de trabalhos na Escola de Horticultura Wenceslau Bello, a Casa do Pequeno Lavrador que o idealismo da Sociedade Nacional de Agricultura edificou e mantem.

O Sr. Hilario Leitão, Director do Supplemento Agricola do "Correio da Manhã" instituiu, em nome desse tradicional orgam da imprensa brasileira, um premio ao alumno do curso regular que melhor aproveitamento tiver revelado em trabalhos praticos.

O Sr. Torres Filho submete a votos a proposta do Sr. Otto Frensen, instituindo, tambem, o premio annual "Sociedade Nacional de Agricultura" a ser conferido ao alumno que, durante o anno, pela media final, revelar maior aproveitamento no curso regular, que é approvada unanimemente.

O Director da Escola Sr. Arruda Camara, foi incumbido de regulamentar a concessão dos referidos premios.

Nada mais havendo a tratar, encerram-se os trabalhos.

 **Annunciae em**

 **A LAVOURA** 

Inscрева-se como socio da  
Sociedade Nacional de Agricultura

# Uma observação sobre a carnaúbeira

Humberto R. de Andrade

A substancia cerosa que reveste as palmas da carnaúbeira, aproveitada para fins industriais, é geralmente considerada como excreção para defesa contra a perda da humidade.

Tal conclusão vem, intuitivamente, pela circunstancia da famosa palmeira ter seu *habitat* no Nordeste brasileiro, de solo seco e sujeito a crises climaticas intensas, provocadas por longas estiagens de um, dois e mais anos. O induto cerifero exerceria, segundo a theoria reinante, o papel de camada mais ou menos impermeavel sobre as folhas, atenuando perdas d'agua por transpiração. Essa hipotese adquiriu fóros de verdade scientifica, divulgada que é por gente de cultura.

Pouco importa o facto notorio da *Copernicia cerifera* poder viver durante mezes a fio (4-5) com o tronco submerso em lagôas, varzeas alagadiças e represas de açudes, sem que isso acarrete, como seria de prever, a diminuição ou perda total da util propriedade de produzir cêra. Na epoca normal da extração, Agosto a Dezembro, carnaubeiras que permaneceram em terras alagadas ou humidas, como si fôsem aquaticas, dão igualmente o pó cerifero.

O agronomo Joaquim Bertino de Moraes Carvalho, em alentado trabalho apresentado ao 4.º Congresso Brasileiro de Chimica, que constitue completa e valiosa monografia da carnaúbeira, estudada, proficilmente, sob varios aspectos, foi o primeiro a levantar e sustentar a hipotese de que a cêra não é produto de defesa vegetal contra a perda de humidade, porém a resultante da presença, em abundancia, de certos sais no sólo.

Posto que não perfilhemos inteiramente as idéas, a esse respeito, do abalisado tecnico, tivemos, desde que conhecemos a sua opinião, a atenção voltada para o assunto.

A facultade da carnaúbeira produzir cêra pode não ser, efetivamente, consequencia imediata de defesa contra o ambiente seco, mas, sim, qualidade que lhe é intrinseca, que lhe é propria, manifestando-se mesmo em meio humido. E' como se vê, simples, muito simples, o nosso modo de interpretar ou explicar o fenomeno. A palmeira nordestina, aliás a unica especie das palmaceas que vegeta, nativa, nos adustos sertões de pedra, reveste de substancia cerigena suas folhas, pela mesma razão biologica que a mandioca arma-

zena fecula nas raizes, a mamoneira, oleo nas bagas, a cana, o assucar nos colmos, o algodoeiro recobre de fibras as sementes, etc. etc. Propriedades da planta, inatas, inseparaveis, a não ser que lhe faltem elementos para o seu normal ciclo vital.

Não obsta, entretanto, que as varzeas do Nordeste semi-raio ofereceram, como oferecem, *habitat privilegiado* para a carnaúbeira, do mesmo modo que o aluvios de Amazonia encontra a *hevea* ambiente innegualavel, para a formação de latex abundante e de excelente qualidade.

Esse raciocinio vem ao encontro de um facto que observámos, recentemente, quando em viagem de estudo pelo interior do Pará.

Notámos á margem da Estrada de Ferro de Bragança, quilometros 84, municipio de Castanhall, uma carnaúbeira. Fazendo parar o veículo que nos transportava em companhia do operoso agronomo Amaro Silva, observamos atentamente o especimen vegetal, exotico na região. No local haviam vestigios de antiga habitação — mangueiras e uma jacqueira, ao lado da *copernicia*. Algum imigrante nordestino ali plantara, dezenas de anos passados, a arvore que lhe recordava o longinquo sertão adusto de seu Estado natal.

A um morador mais proximo do local incumbimos de tirar algumas palmas, que, ao regresso, conduzimos a Belém. Secas duas palmas, um "olho" e uma folha, verificámos abundante quantidade de pó, que se desprendia dos limbos, tal como acontece no Nordeste. Batidas, conseguimos recolher 6 gramas, dispersando-se no aposento do hotel onde nos achavamos bôa porção, que avaliamos em um terço, ou seja duas gramas. E' sabido que são necessarios 2 a 3.000 folhas para produzirem uma arroba de 15 kilos, o que dá o rendimento de 7,5 a 5 gramas por unidade. Si considerarmos que a cêra fundida retem certa porcentagem de agua, que lhe é adicionada no acto da fusão, veremos que o rendimento das palmas da palmeira paraense se equivale ás do nordeste. Entretanto a região bragantina possui clima humido, com elevada pluviosidade, isto é, condições bem diversas da dos carnaúbais nativos.

A observação desse facto nos leva a robustecer a crença de que a hipotese da defesa contra a perda de humidade é insustentavel, servindo-nos, ao mesmo tempo, e o que é mais importante — de advertencia sobre a

# Bibliotheca da Sociedade Nacional de Agricultura

RELAÇÃO DAS REVISTAS RECEBIDAS DURANTE O ANO DE 1938

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS DURANTE O MEZ DE JANEIRO

La Revue de Zootechnie	Paris	Nov.
Revista da Flora Medicinal	Rio	Dez.
Boletim do Leite	Rio	Dez.
Federal Reserve Bulletin	Wash.	Out.
Rumo	S. P.	Nov.
Revista Alimentar	Rio	Out.
The Philippine Journal of Agriculture	Manila	Dez.
Revista Citricola	S. P.	Dez.
Gazeta das Aldeias	Porto	—
O Cultivador Moderno	Mocóca	Dez.
La Vida Agricola	Lima	Nov.
Revista da Sociedade Rural Brasileira	S. P.	Dez.
O Agricultor	Lavras	Nov. Dez.
Revue Internationale D'Agriculture	Roma	Nov.
Revista do Club de Engenharia	Rio	—
Brasil — Ferro — Carril	Rio	Dez.
Voices de Petropolis	Petropolis	Jan.
Annales de L'Ecole Nationale D'Agriculture de M. Pellier	M. Pellier	Oct.
Asociacion Rural del Uruguay	M. Vidéo	Nov.
Broteria	Lisboa	—
Boletim da Associação Central de Agricultura Portugueza	Lisboa	Nov.
Revista do Instituto de Café do Estado de São Paulo	S. P.	Nov.
La Vie Agricola et Rurale	Paris	Dec.
Revista de Agricultura	Rio	—
Revista da Industria Animal	Rio	Out.
Boletim de Agricultura	Lisboa	—
Bull. de L'Academie de Agriculture de France	Paris	Dec.
La Potasse	Mulhouse	Dez.
A Medicamenta	Rio	Dez.
Boletin Agricola	Medellin	Sep.
Der Tropenpflanzer	Berlin	Dez.
Revista Sul-Americana	B. Ayres	Dez.
The Dairyman	London	Jan.
Boletim da União Pan-Americana	Wash.	Jan.
Cuba Agricola	Habana	Nov.
Revista de la Asociacion de Ingenieros Agronomos	M. Vidéo	Dez.
Revista de la Sociedad Rural de Rosario	Rosario	Dez.
Revista de la Agricultura	Trujillo	Nov.
Memorias — Sociedad Nacional Agraria	Lima	—
Chacaras e Quintaes	S. P.	Jan.

Publicações remetidas pela Embaixada de Washington :

"Planning, Constructing, and Operating, Forest-Fire Lookout Systems in California".

"Foreign Agriculture".

Nov.

possibilidade do cultivo da carnaúbeira em outros paizes. Transportada para outra região, si não encontrar ambiente igualmente propicio, produzirá menos, podendo ser, com-tudo, economica sua exploração.

Somente a cultura metodizada, que nos dá crescente produção, poderá evitar, no futuro, que se arrebate ao Brasil a predominancia, ou, antes, o privilegio nos mercados de cêra. Impossivel é impedir-se a propagação dos vegetais uteis. Resta-nos, pois, racionalizar a exploração das especies nativas, afim de que seja assegurado o predominio na produção mundial. Da mesma forma que para cá

trouxemos o café, a cana e tantas outras plantas que constituem riquezas nacionaes, outros povos nos levarão especies com que a Natureza prendou o nosso territorio. Assim succedeu á seringueira, assim succederá á oiticica e a carnaúbeira, que povoam o Nordeste e oleaginosas das matas amazonicas.

Ha quem suponha que o carandá de Mato Grosso e outras regiões da America do Sul é a *Copernicia cerifera*, que ali não produz cêra por causa da abundancia de humidade. O carandá, apesar da semelhança, é bem outra especie ou genero.

- "The Freezing Temperatures of Some Fruits, Vegetables, and Florists' Stocks".
- "Nitrogen-Fixing Bacteria and Legumes".
- "Extension Service Review".
- "Report of The Chief of The Office Experiment Stations, 1937".
- "House Ants".
- "Report of The Chief of The Bureau of Plant Industry, 1937".
- "The iris Thrips and its Control by Hot Water, With Notes on Other Treatments".
- "Sulphuric acid Treatment to Increase Germination of Black Locust Seed".
- "Studier on Bunt, or Stinking Smut, of Wheat and its Control".
- "Drying Kieffer Pears and The use of The Dried Product".
- "Decay in Merchantable oak, Yellow Poplar, and Basswood in The Appalachian Region".
- "Stumpage and log Prices".
- "Yield, Stand, and Volume Tables for Evenaged Upland oak Forests".
- "Relation of Stable Environmentto Milk Production".
- "Yield of Even-Aged Stands of Sitka Spruce and Western Hemlock".
- "Production of Kale".
- "Hospitals for Rural Communities".
- "Production of Garlic".
- "Wildlite Conservation Through Erosion Control in The Piedmont".

Dec.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS NA SEGUNDA QUINZENA DE MARÇO

Revista de Agricultura	Trujillo	Jan. Fev.
La Chacra	B. Ayres	Mar.
Revista Sud-Americana	"	Fev.
La Vie Agricole et Rurale	Paris	Fev.
Asociacion Rural del Uruguay	M. Vidéo	Er
Brasil — Ferro — Carril	Rio	Fev.
La Revue de Zootechnie	Paris	Jan.
Archivos do Instituto Biologico	S. Paulo	1937
Extensiiin Service Review	Wash.	Jan. Fev.
Spreading Water for Storage Undergroum	"	Dir.
Consumption and Production of Tobacco in Europe	"	Nov.
Experiment Station Record	"	Jan.
Experiment Station Record — Index Number	"	—
Journal of Agriculture Research	"	Nov.
A Cultura do Arroz (M. Pan-Americana)	"	—
Bahia Rural	Bahia	—
Revista de Industria Animal	S. Paulo	Jan.
O Cultivador Moderno	Mocóca	Jan.
Revista de la Federacion Rural	M. Vidéo	Fev.
Medicamenta	Rio	Jan.
Revista Industrialy Agricola de	Tucuman	Julho Set.
Bolsa de Comercio	Rosario	Fev.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS NA PRIMEIRA QUINZENA DE ABRIL

Revue Internationale d'Agriculture	Rome	Mars.
Revista da Flora Medicinal	Rio	Abr.
Bol. Estadistica Agropecuaria	B. Ayres	Feb.
Banco do Brasil — Relatorio 1936	Rio	1936
Revista de la Soc. Rural de Rosario	S. Paulo	Abr.
Revista do Instituto de Café do Estado de S. Paulo	Wash.	Mar.
Experiment Station Record	Rio	Ajor.
Bol. Veterinario do Exercito	E. do Rio	Ajor.
Miracema — Memoria de sua fundação	Praga	1936
Div. Boletim s/Entomologia	S. Paulo	—
Revista da Soc. Rural Brasileira	Rio	Abr.
O Campo	Pirac.	Abr.
Revista de Piracicaba	Rio	Março Abr.
Boletim — Estadistica Agropecuaria	Wash.	Março
Bull. de l'Académie d'Agriculture de France	London	Abr.
La Investigacion Agricola — V. C. Cross	Rio	1936
La exposition permanente Agr.-Indal.	London	—
Primer Concurso — Esposicion de Algodon	Trujillo	—
Revista Industrialy Agricola	S. Paulo	—

Bol. do Dep. Nac. da Industria e Commercio	Rosario	Mar.
Bol. da U. Pan-Americana	B. Ayres	Maio
Bull. Of Miscellaneon Information	Paris	1937
Brasil — Ferro — Carril	Tucuman	Abr.
Tropical Life	"	Ap.
Revista de Agricultura — Rep. Dom.	"	Feb.
Revista Citricola	"	Mar.
Algodão	Rio	Mar.

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS NA SEGUNDA QUINZENA DE MAIO

Der Tropenflanzer	Berlin	Abr.
The Philippine Journal of Agriculture	Manila	—
Bull. de l'Académie d'Agriculture de France	Paris	Abr.
Bol. Of. Bolsa de Comercio del Rosario	Rosario	Abr.
Revista Sud-Americana	B. Aires	Abr.
Agros	Lisboa	1937 Jan. Fev.
Boletim do Leite	Rio	Abr.
Bol. Men. de Estadistica Agricola	Mexico	Nov. 36
Revista Agro-Pecuaria	Mangabe	Feb.
La Vie Agricole et Rurale	Paris	Av.
Cuba Agricola	Habana	Mar.
Medicamenta	Rio	Mar.
O Criador Brasileiro	P. Alegre	F. M.
Brotéra — Vol. VI — 1937	Lisboa	—
Bol. da Ass. Central de Agricultura Portugueza	"	Mar.
Dal Frumento de Pane Socta. Colta. Prop. Agricola	Torino	—
Concimazione Mineral e Produzione Agraria	"	—
Revista Rural Gaúcha	P. Alegre	Dez. 36 Jan. 37
Asociacion Rural del Uruguay	M. Vidéo	Mar.
Gazeta das Aldeias — N. 1.868	Porto	—
O Cultivador Moderno	Mocóca	Maio
Chacaras e Quintaes	S. Paulo	Maio
Criação Racional do Pinto (Dr. O. Siqueira)	"	1937
Males de la Sociedad Cientifica Argentina	B. Aires	Abr.
Bahia Rural	Bahia	Fev. Mar.
Brasilian Business	Rio	May.
Rodriguesia	"	W. 6
Anaes do XI Congresso Rural	P. Alegre	—
The Dairyman	London	May
La Potasse	Paris	Abr.
Brasil — Ferro — Carril	Rio	Maio
Revue Internationale du Travail	Genère	Avr.
Die Ernährung del Pflauze	Berlin	Mai
Bol. do Ministerio da Agricultura an. 25	Rio	10-12
Bol. de Estadistica Agropecuaria	B. Ayres	Mar.
O Agricultor	Lavras	Abr.
Ibero Amerikanisches Archiv	Berlin	Abr.
Revista de Economia e Estatistica	Rio	Jan.

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS NA PRIMEIRA QUINZENA DE JUNHO

Monthly Report of the Japan Cotton Ap. Ass.	Japão	Ajor.
Notas s/la Botanica de la Cana de Azucar	Lima	Ajor.
Federal Reserve Bolletin	Wash.	May
O Agricultor	Lavras	Abr.
Revista Citricola	S. Paulo	Mai
Bol. del Min. de Provision Social Trab. Agr. e Ind.	Quito	2-3
La Revue de Zootchnie	Paris	Abr.
Boerentom Belge — Rapport	Louvain	1935
Revista da S. Rural Brasileira	S. Paulo	Mai
Revue Internationale d'Agriculture	Roma	Abr.
Gado Hollandez	S. Paulo	Abr.
Rev. de la Asociacion de Ingenieros Agronomos	M. Vidéo	—
Bol. da Ass. Central da Agricultura Portugueza	Lisboa	Abr.
La Vie Agricole et Rurale	Paris	Mai
Die Ernährung des Pflauze	Berlim	Mai
Gazeta das Aldeias	Porto	N. 1869
Bull. del'Académie d'Agriculture de France	Paris	Mai
Rev. do Inst. de Café do E. de S. Paulo	S. Paulo	Abr.
Experiment Station Record	Wash.	May

Bol. da União Pan-Americana	"	J.º
Revista Zootechnica	B. Ayres	—
Brasil — Ferro — Carril	Rio	Mai
Revista Sud-Americana	B. Ayres	Mai
Vozes de Petropolis	Petropolis	J.º
Anales de La Sociedad Cientifica Argentina	B. Ayres	M.
La Viticulture Française	Paris	—
Medicamenta	Rio	Abr.
Anales de l'École Nat. d'Ap.º de Montpellier	—	Mar.
Revista da Flora Medicinal	Rio	Maio
Bol. Dept.º Nac. da Ind. e Comercio	"	Abr.
Revista Commercial do Rio Grande do Sul	R. G. Sul	Maio
Anales de la Facultad de Veterinaria	M. Vidéo	Abr.
Bol. Estatística Agropecuaria	B. Ayres	Mar. Abr.
Der Tropeupflanzer	Berlin	Mar.
Revista de la Sociedad Rural de	Rosario	Mar.
Asociacion Rural del Uruguay	M. Vidéo	Abr.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS NA PRIMEIRA QUINZENA DE JULHO

La Potasse	Mulhouse	Oct.
Bol. Of. Bolsa de Comercio del	Rosario	Nov.
Revista Commercial do Rio Grande do Sul	—	Set.
Revista da Sociedade Rural Brasileira	S. Paulo	Nov.
Revista Citricola	"	Nov.
Bull. de l'Academie d'Agriculture de France	Paris	Oct.
La Revue de Zootechnie	"	Oct.
Rodriguesia	Rio	—
Silos e Fazendas	S. Paulo	Nov.
Revista Asociacion Rural del Uruguay	M. Vidéo	Oct.
Revista da Flora Medicinal	Rio	Nov.
Males de la Sociedad Cientifica	B. Ayres	—
Revue Internationale d'Agriculture	Rome	—
Revue Rural del Uruguay	M. Vidéo	Oct.
The Dairyman	London	Nov.
Cuba Agricola	Habana	Oct.
Federal Reserve Bulletin	Wash.	Oct.
Experiment Station Record	"	Oct.
Medicamenta	Rio	—
Revista Sud-Americana	B. Ayres	Nov.
Brasil — Ferro — Carril	Rio	Nov.
Revista de Agricultura	Trujillo	Out.
Vozes de Petropolis	Petropolis	Dez.
Gazeta das Aldeias	Porto	—
Die Ernährung del Pflanze	Berlin	—

RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES RECEBIDAS NA SEGUNDA QUINZENA DE AGOSTO

Relatorios da Directoria da Confederação Industrial do	Rio	
Brasil dos annos de 1933, 34 e 35	João Pessoa	
Revista do Instituto Historico e Geographico Parahybano	Rio	Agosto
Archivos do Instituto de Biologia Vegetal	Habana	Julio
Revista de Agricultura	Wash.	Oct.
Federal Reserve Bolletin	London	Oct.
The Dairyman	Genère	Sep.
Revue Internationale du Travail	Medellin	Jul.
Boletin Agricola	Wash.	—
Diseases of Upland Gome Bird	Mocóca	Out.
O Cultivador Moderno	Rio	Set.
Revista da Flora Medicinal	Habana	Set.
Cuba Agricola	S. Paulo	—
Resenha Historica. Sec. Bot. Agricola F. C. Hoewe	Rio	Out.
Brasilian Business	S. Paulo	Out.
Chacaras e Quintaes	M. Vidéo	Set.
Revista de la Facultad de Agronomia	Porto	—
Gazeta das Aldeias	Paris	Oct.
Revue des Agricultures de France	"	Sep.
La Revue de Zootechnie	—	Agosto
Asociacion Rural del Uruguay	Piracicaba	—
Revista de Agricultura	Wash.	1937
General Index — Experiment Station Record		

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS NA PRIMEIRA QUINZENA DO MEZ DE SETEMBRO

Revue International du Travail	Genève	Avril
Revue International d'Agriculture	Rome	Avril
Boletim Estadístico Agropecuario	B. Ayres	Avril
La Vie Agricole et Rurale	Paris	Sep.
Anales de la Sociedad Científica Argentina	B. Ayres	Sep.
Experiment Station Record	Wash.	Sep.
Vozes de Petropolis	Petropolis	Out.
Boletim do Leite	Rio	Out.
Revue des Agriculteurs de France	Paris	Sep.
Revista da Sociedade Rural Brasileira	S. Paulo	Sep.
Revista do Instituto de Café	"	Sep.
Rumo	"	Sep.
Brasil — Ferro — Carril	Rio	Sep.
Crops & Markets	Wash.	Ang
Arroz — Estatística — Rio Grande do Sul	P. Alegre	Ang
Serviço Geológico e Mineralógico — Bols. 71, 81 e 83	Rio	—
Recursos Mineraes do Rio Grande do Sul	"	—
Notas Geológicas s/o Municipio de Taquara	R. G. do Sul	—
Trabalhos Geophysicos e Applicações dos Methodos Electricos	Rio	—
A Política do Ouro — Euzebio Paulo de Oliveira	"	—
Boletim da Missão Pan-Americana	Wash.	Out.
Revista Sud-Americana	B. Ayres	Sep.
L'Est Européen Agricole	Paris	—

## RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES RECEBIDAS DURANTE O MEZ DE OUTUBRO

Experiment Station Record	Washington
Journal of Agricultural Research	Washington
Journal of the Faculty of Agriculture	Japan
Revista dos Criadores	S. Paulo
Extension Service Review	Washington
Agricultura (revista)	Mexico
Monthly Report	London
Revue Internationale du Travail	Geneve
La Revue de Zootechnie	Paris
O Agricultor	Minas
Boletim Agricola	Colombia
Annales de l'Institut National Agronomique	Paris
Agricultura	Quito
Revista Agro Pecuaría	Manizales
Revista da Facultad de Agronomia y Veterinaria	Buenos Aires
As Cooperativas Agricola no Rio G. do Sul	Washington
Contribuição para o Catalogo Biologico dos Peixes	Rio de Janeiro
Foodstuffs Round the World	Washington
Boletim de Informacion Agricola	Cuba
Bolsa de Commercio de Rosario	Buenos Aires
La Leche (Revista)	Montevideo
Las Medidas Sanitarias en le Commercio Internacional de los Productos Agricolas	Buenos Aires
Camara de Commercio Argentina del Brasil	Rio de Janeiro
Revista Citricola	S. Paulo
Revista da Asociacion Rural del Uruguay	Montevideo
Relatorio da Directoria do Instituto do Arroz	P. Alegre
O Cultivador Moderno — Revista	S. Paulo
Revista de la Asociacion de Ingenieros Agronomos	Montevideo
Revista Alimentar	Rio
Crops and Markets	Washington
Brazilian Business	Rio
Monitor Mercantil	Rio
Brasil — Ferro — Carril	Rio
Anales de la Sociedad Científica Argentina	Buenos Aires
Cooperação Agro-Pecuaría — Revista	S. Paulo
Federal Reserve Bulletin	Washington
Die Ernährung Der Pflanze	Berlin
A Voz do Mar — revista	Rio
Revista do Ministerio da Agricultura de la Lacion	Buenos Aires
Der Tropenflanzer	Berlin
Anales de la Facultad de Veterinaria	Montevideo
La Potasse — revista	Paris
Revista Cafetera de Colombia	Bogotá

Boletim Veterinario do Exercicio	Nesta
Revista da Camara Hispano Brasileira	Rio
Archivos de Botanica do E. de S. Paulo	S. Paulo
Actualidade — revista	Rio
Informações Argentinas	B. Ayres
Revista de Agricultura	Cuba
Silos e Fazendas	S. Paulo
Revista da Soc. Brasileira de Chimica	Rio
Chaulmoogra e Sapucahinha	S. Paulo
Boletim da União Pan Americana	Washington
Revista de Agricultura	Rep. Dominicana
Voices de Petrpoolis	E. do Rio
Revista Sud-Americana	Buenos Aires
Bulletin of Mescellaneos Information	London
Revue des Agriculteurs de France	Paris
Gazeta das Aldeias	Lisboa
O Algodão (revista)	Rio
Revista do Instituto de Café	S. Paulo.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS NA PRIMEIRA QUINZENA DE NOVEMBRO

O Campo	Rio	Out.
Bahia Rural	Baia	Agosto
Revista de la Sociedad Rural de Rosario	Rosario	Out.
Brasil — Ferro — Carril	Rio	Out.
Mosaic Diseases of Wheat and related Cereals	Wash.	—
N. S. Graded and Stampio Meat	"	—
Local Bird Refuges — Farmer's Bulletin	"	—
Distancia da Plantação das Laranjeiras	S. Paulo	1935
Exportação Citrica Paulista de 1935	"	—
Exportação Citrica Paulista de 1936	"	—
A Cultura da Bananeira — Narciso Medeiros	"	—
Brasil — Francisco Carbonell	Barc.	—
La Vie Agricole et Rurale	Paris	Oct.
Bol. da Ass. Central da Agr. <sup>a</sup> Portugueza	Lisboa	Set.
Direccion de Ganaderia	M. Vidéo	—
Revista Citricola	S. Paulo	Out.
Experiment Station Record	Wash.	—
The Philippine Journal of Agriculture	Manila	—
Revue Internationale d'Agriculture	Rome	Sep.
Boletim do Leite	Rio	Oct.
Estatistica da Exportação pelo porto de	Santos	—
Revista de Agricultura	Habana	A. e Set.
Die Ernährung der Pflanze	Berlin	Out.

RELAÇÃO DAS REVISTAS RECEBIDAS DURANTE O MEZ DE DEZEMBRO DE 1938

Revista de Agricultura	Cuba
Chacaras e Quintaes	S. Paulo
Des Tropenplanzer	Berlin
União Pan Americana	Washington
Boletim do Leite	Rio
Brazilian Bussines	Rio
L'Academie d'Agriculture de France	Paris
Brasil Assucareiro	Rio
La Vie Agricola et Rurale	Paris
Sociedade Rural Brasileira (revista)	S. Paulo
Informações Argentinas	B. Ayres
La Vie Agricola	Perú
Gaceta de Granja	B. Ayres
Silos e Fazendas — revista	S. Paulo
La Chacra	B. Ayres
Boletim Agricola	Colombia
Bahia Rural	Salvador
La Potassa	Paris
O Campo — revista	Rio
Revue Internationale d'Agriculture	Roma
Camara de Comercio Argentina	Rio

Revue International du Travail  
 Revista Zootechnia  
 Gazeta das Aldeias  
 Revista Citricola  
 Monitor Mercantil  
 The Dayrman  
 Anales de la Facultad de Veterinaria  
 La Leche  
 Die Ernährung  
 Boletim de Informação Agricola  
 La Race Normande  
 Vozes de Petropolis  
 Anales de la Sociedade Cientifica  
 Instituto de Cacau da Bahia (relatorio)  
 La Vida Agricola  
 Revista do Instituto de Café  
 Bolletim of Miscellaneous Information  
 O Cultivador Moderno  
 Federal Reserve Bulletin  
 Revista de la Sociedad Rural de  
 Boletim da Associação Central da Agricultura Portugueza  
 Associação Rural do Uruguay (revista)

Suisse  
 Argentina  
 Lisboa  
 S. Paulo  
 Rio  
 London  
 Uruguay  
 Montevideo  
 Berlin  
 Santa Clara  
 Paris  
 E. do Rio  
 Argentina  
 Salvador  
 Perú  
 S. Paulo  
 London  
 S. Paulo  
 Washington  
 Rosario  
 Lisboa  
 Montevideo

## A P H T O S A L

Sal medicamentoso que combate a febre aphtosa extermina os parasitas e revigora o gado, evitando as molestias que em geral dizimam os rebanhos.

Approvedo e autorizado o seu uso pelo Ministerio da Guerra.

A Escola Agricola de Lavras do Governo do Estado de Minas Geraes, scientifica que o «APHTOSAL» é o melhor producto veterinario.

Do Dr. Antonio Botelho Junqueira, Engenheiro Industrial e Criador.

DIRETOR GERENTE DA CIA. BRASIL INDUSTRIAL  
 Paracambi, 13 de Setembro de 1933.

Illmos. Snrs.

Caixa Postal 1127 — RIO.

E' com prazer que vos eomunico que, por indicação de um amigo, empreguei o vosso preparado «APHTOSAL» em casos de aftosa no gado, obtendo ótimo resultado: os animais doentes restabeleceram prontamente sem queda dos cascos e perda dos pellos e outros resultados desastrosos, e os sãos ou não tiveram aftosa ou a tiveram muito branda. Notei tambem que «APHTOSAL» é altamente estimulante, podendo ser dado com proveito mesmo aos animaes saos, porém debilitados, muito sujeitos a ataques de parasitas. Podendo fazer desta o que vos aprouver, assino-me vosso Am. Obr.

Firma reconhecida.

a) Antonio Botelho Junqueira

O Dr. Carlos Guinle attesta que vem usando o «APHTOSAL» na criação das suas granjas com optimos resultados.

Do Dr. Gabriel Ribeiro Ferraz, advogado, fazendeiro, criador s invernista.

Christina, 22 de Abril de 1934. — Illmos. Snrs.

Tendo usado o «APHTOSAL», antes, durante e depois da febre aphtosa, quer no gado das invernadas, quer no gado leiteiro, meu e de meus cunhados, posso afirmar-lhes que os efeitos são satisfatorios e em certos casos até surpreendentes. Pelo valor preventivo, curativo e reconstituente, o seu preparado merece ser largamente usauo por todos os criadores e invernistas, porquanto, com o seu uso constante, o gado quasi nada sofre com a aphtosa e adquire um pelo brilhante, bem assentado: as vaccas augmentam o leite e o gado de invernada engorda mais rapidamente.

Pelos resultados que obtive, sou hoje, na minha zona, um grande propagandista do seu preparado. Certo, que não lhes faço favor nenhum em assim me expressar a respeito do seu preparado, porque éle vale o quanto peza, autorizo-lhes a fazer desta o uso que lhes convier.

Sem mais, sou o Amo. Admor.

Firma reconhecida.

a) Gabriel Ribeiro Ferraz.

A aphtosa sendo uma febre interna que ataca o organismo do animal não adianta applicar-se remedios externos nas feridas, taes como creolinas e liquidos semelhantes, só um remedio interno e energico como o APHTOSAL, rico em sulphur phosphatado de calcio e outras substancias mineraes póde applicar os efeitos damnosos da febre aphtosa.

O APHTOSAL é de facil applicação misturado no coxo com qualquer alimento e substitue o sal commum com maior vantagem economica.

Preço do APHTOSAL, sacco de 40 kilos por 52\$000.

APHTOSAL SOCIEDADE ANONYMA — Caixa Postal, 1127 — Rio de Janeiro.

# Proposta para Socio

O abaixo assignado propõe para socio effectivo da SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA:

Nome por extenso.....

Nacionalidade..... Profissão.....

Endereço para carga.....

Endereço para correspondencia.....

Nome ou os nomes de fazendas que possui, o Municipio ou Municipios em que estiverem

Genero de culturas a que se dedica.....

Variedade de gados que cria.....

E' a propriedade registrada no Ministerio da Agricultura?.....

Em caso negativo, a Sociedade encarrega-se de promovê-lo, a pedido do interessado.

OBSERVAÇÕES.....

....., de..... de.....

Juntar 40\$000 em registrado com valor declarado em vale postal.

Assignatura do proponente

Assignatura do proposto

## CAPITULO II DOS ESTATUTOS

### DOS SOCIOS

Art. 9 — A Sociedade admite as seguintes categorias de socios:

Effectivos, correspondentes, honorarios, benemeritos, filiados e remidos.

§ 1.º — Serão socios effectivos as pessoas naturaes ou juridicas, inclusive corporações ou organizações de character official que, domiciliadas no paiz, forem propostas, de conformidade com os Estatutos e contribuirem, sendo individuaes, com a joia de 50\$000 e a annuidade de 40\$000, e, sendo collectivas, com a joia de 150\$000 e a annuidade de 100\$000.

§ 2.º — Serão socios correspondentes as pessoas ou associações, com residencia ou séde no estrangeiro, que forem escolhidas pela Directoria em reconhecimento dos seus meritos e dos serviços que puderem ou quizerem prestar á Sociedade.

§ 3.º Serão socios honorarios as pessoas que prestarem á Sociedade e á producção serviços tão relevantes que a Directoria os julgue merecedores desse titulo.

§ 4.º — Serão socios benemeritos as pessoas que por sua dedicação e serviços excepçionaes á Sociedade e á producção, forem, por proposta da Directoria e a juizo da Assembléa Geral, dignas dessa investitura.

§ 5.º — Serão socios filiados as associações agricolas ou de classes directamente ligadas á producção do Districto Federal, que contribuirem com a joia de 50\$000 e annuidade de 100\$000.

§ 6.º — Serão socios remidos os que estando em condições de ser aceitos como effectivos ou filiados, pagarem, de uma só vez, a joia e 10 unidades.

Art. 10. — Os filiados e as corporações officiaes deverão declarar o seu desejo de compartilhar das vantagens de socios da Sociedade, ficando a acceitação dependente de resolução da Directoria.

§ Unico. — Os demais socios effectivos e os remidos deverão ser propostos, por indicação de um ou mais socios, á Directoria, que deliberará a respeito.

Art. 11. — Os socios filiados designarão um representante que participará das sessões; terá para esse fim, qualidade de Director e cujo mandato, que terminará sempre com o da Directoria, poderá ser renovado, a juizo da instituição respectiva entendendo-se que a reconducção tenha sido feita, se aviso em contrario não for recebido pela Sociedade.

Art. 12. — Os socios honorarios e correspondentes não poderão ter ingerencia alguma na direcção da Sociedade, mas gosarão de todas as demais vantagens de socios, inclusive do direito de propor á Directoria qualquer medida que julgarem util á instituição e ás classes que esta representa.

§ Unico. — Aos socios honorarios e correspondentes serão expedidos, gratuitamente, os diplomas.

Art. 13. — Poderão remir-se, em qualquer tempo os socios effectivos e filiados, sendo para esse fim, contado um terço das annuidades pagas até o maximo de um conto de réis.

*Em virtude de resolução de Directoria foi suspensa, até posterior deliberação, a joia de 50\$000 cobrada aos socios individuaes e de 100\$000 aos socios collectivos.*

# SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

Fundada em 16 de Janeiro 1897

Reconhecida de utilidade publica pela lei n. 3549, de 18 de Outubro de 1918



Presidente perpetuo

**Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida**

## DIRECTORIA GERAL

*Presidente* — Ildefonso Simões Lopes  
*1.º Vice-Presidente* — Arthur Torres Filho  
*2.º » »* — Edgard Teixeira Leite  
*3.º » »* — Fabio de Azevedo Sodré  
*1.º Secretario* — Antonio de Arruda Camara  
*2.º »* — Luiz Simões Lopes  
*3.º »* — Altino de Azevedo Sodré  
*4.º »* — Eurico Santos  
*1.º Thesoureiro* — Kurt Repsold  
*2.º »* — Domingos de Faria

## DIRECTORIA TECHNICA

Frederico Murinho Fraga  
Humberto Rod. de Andrade  
Joaquim B. de Moraes Carvalho  
José Maria Fernandes  
José Sampaio Fernandes  
Luiz de Oliveira Mendes  
Hilario Leitão  
Otto Frensel  
Ottoni Soares de Freitas  
Virginio Werneck Campello

## CONSELHO SUPERIOR

Alcides de Oliveira Franco  
Alvaro Simões Lopes  
Antonio F. Magarinos Torres  
Archimedes de Lima Camara  
Bemvindo Novaes  
Carlos de Souza Duarte  
Celso Machado  
Conde de São Mamede  
Eduardo Claudio da Silva  
Eurico Santos  
Euvaldo Lodi  
Euzebio de Queiroz C. Mattoso Camara  
Fidelis Reis  
Filogonio Peixoto  
Franklin de Almeida  
Francisco Leite Alves Costa  
F. J. Teixeira Leite

Humberto Bruno  
J. C. Belo Lisboa  
João Baptista de Castro  
João Gonçalves Pereira Lima  
João Mauricio de Medeiros  
João Simplicio Alves de Carvalho  
Julio Cesar Lutterbach  
Julio Eduardo da Silva Araujo  
José Eduardo de Macedo Soares  
José Monteiro Ribeiro Junqueira  
José Mattoso Sampaio Corrêa  
Landulpho Alves de Almeida  
Lauro Passos  
M. Paulo Filho  
Odilon Braga  
Ormeu Junqueira Botelho  
Ricardo Machado  
Waldomiro Barros Magalhães  
Wenceslau Braz Pereira Gomes

# Escola de Horticultura Wenceslau Bello

(MANTIDA PELA SOCIEDADE DE AGRICULTURA NO ANTIGO HORTO FRUCTICOLA DA PENHA)

RECONHECIDA E FISCALIZADA PELO GOVERNO DA NAÇÃO

**PENHA - RIO - E. F. LEOPOLDINA**

- **Mudas e Enxertos de plantas frutíferas próprias ao clima do Districto Federal.**
- **Optimos exemplares de plantas ornamentaes.**
- **Laranjeiras — Typo exportação.**
- **Mangueiras das melhores variedades.**
- **Abatimentos aos socios da S. N. de Agricultura.**

Solicite informações á

**SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA**

— Largo de São Francisco, 3-2.º - Salas 202/6 —

